



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS (ICS)  
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS (ELA)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS SOBRE AS  
AMÉRICAS (PPG ECsA)

EMMANUEL DE NAZARETH BRASIL

**NARRANDO O INVISÍVEL:**  
reconstruindo cidades a partir de relatos de imigrantes sírios.

Dissertação de mestrado

Brasília - DF

2020

EMMANUEL DE NAZARETH BRASIL

**NARRANDO O INVISÍVEL:**

reconstruindo cidades a partir de relatos de imigrantes sírios.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas no Departamento de Estudos Latinoamericanos como requisito à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Delia Dutra

Co-orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Christiane Coêlho

Brasília - DF

2020

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS (ICS)  
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS (ELA)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS SOBRE AS  
AMÉRICAS (PPG ECsA)

Apresentado em 28 de fevereiro de 2020:

**Banca examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Délia Dutra (Orientadora) ELA – Universidade de Brasília

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Bela Feldman-Bianco – Universidade Estadual de Campinas

---

Prof. Dr. Cristhian Teófilo - ELA – Universidade de Brasília

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Elizabeth Ruano (Suplente) ELA – Universidade de Brasília

Brasília, 2020

## **Agradecimentos**

Agradeço à Deus, minha esposa, meus familiares, meus amigos e companheiros nesta jornada. Também agradeço ao meu departamento e aos professores que fizeram parte desta formação. Agradeço à minha orientadora Delia Dutra, e também à minha co-orientadora Christiane Coêlho por todo ensinamento, compreensão e aprendizado. Agradeço à banca pela paciência e pelas colaborações, todas e todos inspiraram nesta trajetória. Por fim, agradeço a CAPES pela bolsa concedida, tornando capaz a realização deste mestrado.

*Escuta-se a cidade como se fosse uma música tanto quanto se a lê como se fosse um texto. (Henry Lefebvre. O direito à cidade).*

## RESUMO

Esta dissertação trata de cidades, ditas e pensadas no plural, conseqüentemente estamos tratando de momentos singulares de conformação e de expansão. A cidade torna-se produtora de processos sociais específicos, que ganham contornos e particularidades na medida em que esta passa por um procedimento de diferenciação ao estabelecer-se em locais distintos e interagindo com indivíduos sociais também distintos. Este trabalho, então, tem como objetivo compreender como imigrantes sírios, a partir de suas observações, vivências e experiências reconstróem o conceito as cidades de Damasco e de Brasília. Buscou-se entender as representações do urbano construídas a partir das produções de sentidos dada pelos interlocutores às suas interações com o espaço e aos processos sociais vividos dentro do ambiente urbano. Para alcançarmos o objetivo foram feitas entrevistas com cinco interlocutores, todos oriundos da Síria, mais precisamente da capital Damasco e que moram em Brasília, ambas capitais. A estrutura parte de um capítulo que resgata elementos teóricos que permitem entender o local dos estudos urbanos dentro das ciências sociais, como clássicos da sociologia urbana como a denominada Escola de Chicago, Manuel Castells e Henri Lefbvre, assim como questões ligadas ao estudo de cidades invisíveis, conceito resgatado da literatura de Ítalo Calvino, e também reflexões iniciais a respeito do lugar da memória nos estudos urbanos. No segundo capítulo buscou-se entender como se dá o conceito de cidade para os narradores deste trabalho e foi proposto um exercício de construção de uma urbes idealizada. Nos capítulos três e quatro, estão centradas as análises, reflexões e reconstruções das capitais da Síria e de Damasco a partir do referencial destes imigrantes. Apesar de partir de bases e experiências distintas, os elementos urbanos encontrados diversas narrações deste trabalho apontam muito mais semelhanças do que diferenças. Obviamente que as cidades narradas são frutos de experiências individuais e buscam atender a desejos específicos, contudo, não pode-se esquecer do contexto social em que os interlocutores estão inseridos, contextos que muitas vezes operam no fechamento de bifurcações e não na criação de caminhos distintos.

**Palavras-chaves:** cidades invisíveis; migração síria; sociologia urbana; imaginário urbano.

## RESUMEN

Esta tesis de maestría trata sobre ciudades, dichas y pensadas en plural, por lo tanto, estamos tratando con momentos singulares de conformación y expansión. La ciudad se convierte en productora de procesos sociales específicos, que adquieren contornos y particularidades a medida que se somete a un procedimiento de diferenciación al establecerse en diferentes lugares e interactuar con diferentes personas sociales. Este trabajo, entonces, tiene como objetivo comprender cómo los inmigrantes sirios, a partir de sus observaciones, experiencias y experiencias, reconstruyen el concepto de las ciudades de Damasco y Brasilia. Intentamos comprender las representaciones de lo urbano construido a partir de la producción de significados dados por los interlocutores a sus interacciones con el espacio y los procesos sociales experimentados dentro del entorno urbano. Para alcanzar el objetivo, se realizaron entrevistas con cinco interlocutores, todos de Siria, más precisamente de la capital Damasco y que viven en Brasilia, ambas capitales. La estructura parte de un capítulo que rescata elementos teóricos que permiten comprender la ubicación de los estudios urbanos dentro de las ciencias sociales, como los clásicos de la sociología urbana como la Escuela de Chicago, Manuel Castells y Henri Lefbvre, así como las cuestiones relacionadas con el estudio de ciudades invisibles. , un concepto recuperado de la literatura de Italo Calvino, y también reflexiones iniciales sobre el lugar de la memoria en los estudios urbanos. En el segundo capítulo, se hizo un intento por comprender cómo se produce el concepto de ciudad para los narradores de este trabajo y se propuso un ejercicio en la construcción de una ciudad idealizada. En los capítulos tres y cuatro, los análisis, reflexiones y reconstrucciones de las capitales de Siria y Damasco se centran en la base de estos inmigrantes. A pesar de partir de diferentes bases y experiencias, los elementos urbanos encontrados en varias narraciones de este trabajo apuntan a muchas más similitudes que diferencias. Obviamente, las ciudades narradas son el resultado de experiencias individuales y buscan satisfacer deseos específicos, sin embargo, no se puede olvidar el contexto social en el que se insertan los interlocutores, contextos que a menudo operan en el cierre de bifurcaciones y no en la creación de caminos diferentes.

**Palabras clave:** ciudades invisibles; Migración siria; sociología urbana; imaginario urbano

## ABSTRACT

This dissertation deals with cities, said and thought in the plural, consequently we are dealing with singular moments of conformation and expansion. The city becomes a producer of specific social processes, which gain contours and particularities as it undergoes a differentiation procedure when establishing itself in different locations and interacting with different social individuals. This work, then, aims to understand how Syrian immigrants, from their observations, experiences and experiences, reconstruct the concept the cities of Damascus and Brasília. We sought to understand the representations of the urban constructed from the production of meanings given by the interlocutors to their interactions with the space and the social processes experienced within the urban environment. To reach the goal, interviews were made with five interlocutors, all from Syria, more precisely from the capital Damascus and who live in Brasília, both capitals. The structure starts from a chapter that rescues theoretical elements that make it possible to understand the location of urban studies within the social sciences, such as classics of urban sociology such as the Chicago School, Manuel Castells and Henri Lefebvre, as well as issues related to the study of invisible cities , a concept recovered from Italo Calvino's literature, and also initial reflections on the place of memory in urban studies. In the second chapter, an attempt was made to understand how the concept of the city occurs for the narrators of this work and an exercise in the construction of an idealized city was proposed. In chapters three and four, the analyzes, reflections and reconstructions of the capitals of Syria and Damascus are centered on the basis of these immigrants. Despite starting from different bases and experiences, the urban elements found in various narrations of this work point to much more similarities than differences. Obviously, the cities narrated are the result of individual experiences and seek to meet specific desires, however, one cannot forget the social context in which the interlocutors are inserted, contexts that often operate in the closing of bifurcations and not in the creation of different paths .

**Keywords:** invisible cities; Syrian migration; urban sociology; urban imaginary.



## SUMÁRIO

<b>Notas introdutórias .....</b>	<b>10</b>
<b>Cap.1 – Narrando Teorias .....</b>	<b>17</b>
<b>Cap.2 – Narrando cidade(s) .....</b>	<b>47</b>
<b>Cap.3 – Narrando Damasco(s) .....</b>	<b>68</b>
<b>Cap.4 – Narrando Brasília (s) .....</b>	<b>88</b>
<b>Reflexões finais .....</b>	<b>105</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>112</b>

## Notas introdutórias

Como fazer introdução da dissertação de mestrado? A primeira impressão que um leitor terá do seu texto — e isso não é segredo para ninguém! Trata-se do seu convite à leitura do trabalho e, por isso, você deve conquistar o leitor por meio dela, deixando-o ciente do que vai encontrar nas próximas páginas.<sup>1</sup>

### 1 Introdução à introdução

Escrever desperta em mim inúmeras sensações e, por mais que eu queira ao final deste trabalho entregar respostas, o caminho a prosseguir parece ter sido construído sobre pontos de interrogações. A cada passo um questionamento, em cada esquina uma dúvida, por detrás de toda certeza está um “E se...”. Talvez este seja o mais fascinante estímulo que a escrita pode despertar: a sensação do acabado inacabado. Acredito que seja por isso que apostem tanto nas continuações, há sempre um detalhe que puxa outro detalhe e assim sucessivamente até percebemos que da história *X* obtém-se um abecedário de possibilidades e narrativas.

Começar talvez seja o verbo cuja ação é a mais dificultosa de se botar em prática. Provavelmente isso explique o porque de as *introduções* serem escritas por último. Terminar pelo início nunca fez muito sentido para mim, mas eu sigo quase como um rito. Meu professor de redação do ensino médio me ensinou que esta parte, que tem a sua importância num trabalho, deveria ser sempre a última coisa que eu escreveria. Acatei e não questionei. Nunca soube lidar com divindades e, para mim, ele era uma. Seus conselhos deram certos e meus textos sempre obtiveram boas recepções. Os vestibulares e o ENEM que o digam. Então, se você está lendo isto, saiba que apesar de no momento estar conduzindo sua mente para introduzir todo o material de texto que virá a seguir, estas linhas foram escritas após todas as outras. Espero que não tire o charme e acredite em mim quando eu disser que determinados ritos possuem suas vantagens.

Pode ser que escrever a introdução por último não seja um ritual para alguns. Muitos relatam que a dificuldade está em começar. Se começar já é difícil, imaginar começar o começo? Mais fácil, então, começar pelo meio, ou pela terça parte do trabalho. Penso não ser possível começar pelas considerações finais, mas é o que dizem: nunca diga nunca. Deve ser

---

<sup>1</sup> Inglês Instrumental Online. Como Fazer Introdução da Dissertação de Mestrado? Confira!. Disponível em:

por isso que existem tantos passo-a-passo de como se fazer uma introdução espalhados pelos sites de busca<sup>2</sup>. O meu favorito foi escrito pelo nosso poeta contemporâneo, Zeca Pagodinho. A ideia central é: “Deixa a escrita me levar, escrita leva eu”. Peço perdão pela ousadia em substituir a palavra vida por escrita, mas, para mim, ambas são quase sinônimos.

## **2 A Pesquisa**

Gostaria de contar à vocês, quem está lendo, um pouco mais sobre este trabalho. Pode ser que a utilização das palavras e a forma como escolhi costurá-las na construção e armação do texto faça com que você duvide da academicidade desta dissertação. Não se engane, ela está presente em todas as partes. Eu apenas quis contar de uma forma que a leitura fosse interessante, fluída e excitante também para aqueles que não estão inseridos, e acostumados, com os textos acadêmicos.

Apresento-lhes meu objetivo de pesquisa: (re)contar e (re)construir o conceito de cidade, assim como as cidades de Damasco (Síria) e Brasília (Brasil), a partir das narrativas de migrantes sírios. Busca-se compreender a produção de sentido e significado sobre ser e habitar as cidades, como Brasília e Damasco, e a partir de encontros de pesquisa entre interlocutores e pesquisadores entender o modo como estes migrantes constroem suas representações do urbano.

Segundo Spink e Gimenes (1994, p.150)<sup>3</sup>, “a produção de sentido é um processo de negociação continuada de identidades sociais”. A busca por dar sentido ao mundo e suas práticas implica em assumir uma posição dentro das redes de relações e pertencimentos existentes, que, segundo as autoras supracitadas, pertencem à ordem da intersubjetividade. Em consonância com Spink e Medrado (1999, p.41)<sup>4</sup>, entendemos sentido como “...uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas - na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas - constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e

---

<sup>2</sup> Se você ficou interessado, disponibilizo alguns tutoriais. Gostaria apenas de frisar que apesar de compartilhar as URLs, isto não significa que aprovo o conteúdo, ou, que ao menos tenha lido. Escrever [Online](#); [Rock Content](#); [Universia](#).

<sup>3</sup> SPINK, M. J. P.; GIMENES, M. G. . Práticas Discursivas e Produção de Sentido: Apontamentos Metodológicos Para A Análise de Discursos Sobre Saúde e Doença. Saúde e Sociedade (USP. Impresso), SÃO PAULO, v. 3, n.2, p. 149-171, 1996.

<sup>4</sup> SPINK, M.J.P. e MEDRADO, B. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane (org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 1999.

fenômenos a sua volta". O dado empírico que se extrai da produção de sentido advém das práticas discursivas, que por sua vez é definida como “as diferentes maneiras em que as pessoas, através dos discurso, ativamente produzem realidades psicológicas e sociais” (SPINK E GIMENES, 1994, p.153). Nesta dissertação propomos entender os modos pela qual os indivíduos produzem sentidos a respeito das cidades a partir do modo como vivenciam (ou vivenciaram) o urbano, além das interações sociais que são estabelecidas na urbe.

De acordo com Calvino (2003)<sup>5</sup>, “as cidades, como sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas e que todas as coisas escondam uma outra coisa.” Mais do que um emaranhado de construções, de comércios, pontos de lazer e convivência, casas e prédios, de ruas e avenidas, ou seja, mais do que o real e tangível, as cidades são mundos imagináveis consequência das experiências, das passagens e vivências. Estes mundos imagináveis somente são percebidos através dos sentidos. As cidades imaginadas são atemporais, podendo ser invocadas através de narrativas cujo tempo é a representação do passado-presente do futuro, onde as memórias desempenham importante papel na construção e reconstrução de signos, que aos poucos formam estes simulacros de cidades, que nada mais são do que rede de mundo sensoriais.

As cidades produzem constantemente imagens e discursos, sendo a cidade imaginada a representação da cidade materializada, sempre carregada de significados, porque ela própria é signo. Esta expressão de cidade somente pode ser construída através dos sentimentos de desejo, medo, esperança e utopia daqueles que a vivenciam. Segundo Pesavento (2007)<sup>6</sup>, o estudo das cidades pode passar pelo viés da materialidade, da sociabilidade e, o que nos interessa, a sensibilidade. Esta dimensão da sensibilidade busca encontrar uma cidade que é fruto da experiência, fruto daquilo que se sente, se cheira, se vive, que é moldada e remoldada pelas formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo.

Entende-se que as cidades invisíveis são únicas, sendo transformadas a cada momento em que os olhos que a observam e as bocas que as narram refletem sobre suas formas. Partindo deste ponto, desenha-se uma proposta com princípios etnográficos com migrantes

---

<sup>5</sup> CALVINO, I. As cidades invisíveis. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de SP, 2003.

<sup>6</sup> PESAVENTO, S. J.. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.. Revista Brasileira de História, v. 27, p. 7-23, 2007.

sírios na cidade de Brasília, buscando compreender e dar visão as Damascos e Brasília invisíveis e imaginadas que somente eles podem reconstruir e relatar.

### **3 O campo**

Antes de falar sobre como foi o campo em si deveria explicar o porquê de trabalhar com imigrantes sírios e como cheguei até os colaboradores da minha pesquisa. Para responder ao primeiro ponto terei que fazer uma autopropaganda e revelar que a imigração síria já tinha sido tema da minha monografia na graduação<sup>7</sup>. No pequeno campo que fiz lembro que as comparações realizadas por eles entre as cidades de Damasco e Brasília, ambas capitais, me chamaram atenção, principalmente porque eu sentia que era um assunto em que eles se sentiam à vontade para discorrer e apresentar suas concepções. Pensei que poderia seguir meu projeto de mestrado nesta linha. Entretanto, só retomei efetivamente a ideia de compreender como estes imigrantes vivenciavam e relatavam estas cidades após minha qualificação, onde o professor Cristhian Teófilo desempenhou papel fundamental ao me apontar o material de análise importante que eu teria se trouxesse para o protagonismo as Damascos e Brasília que somente os sírios poderiam descrever. Após inúmeros diálogos com minha orientadora, Delia Dutra, e também com a minha co-orientadora, Christiane Coêlho, lembro de um livro indicado por Delia que tinha me conquistado, “Cidades Invisíveis (2003)” de Ítalo Calvino, e a partir dele reestruturo o meu projeto para em seguida realizar as entrevistas.

O campo sempre me despertou temores. Questões de caráter bem pessoais, arrisco em dizer. O que quero contar é que entre a reestruturação do trabalho e a realização do trabalho, tive uns bons meses de pausa forçada. Neste momento, o professor Cristhian teve, mais uma vez, papel importante ao ouvir sobre meus receios com o campo e depois me incentivar e mostrar um outro lado sobre isto. Ainda temeroso, mas ciente da necessidade de encarar este desafio, decido participar da aplicação de questionários à refugiados e solicitantes de refúgio em uma pesquisa feita pelo Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios (CSEM). Nesta oportunidade conheci dois sírios que depois aceitaram conversar comigo sobre o meu projeto.

---

<sup>7</sup> Dentre todos os clichês usados por pesquisadores, escolhi “Não é o meu melhor texto, mas foi o meu começo” para lhes entregar o link de acesso a minha monografia: [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/19310/1/2017\\_EmmanueldeNazarethBrasil.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/19310/1/2017_EmmanueldeNazarethBrasil.pdf)

Efetivamente, sobre as entrevistas deste projeto. O campo aconteceu entre novembro e dezembro de 2019. Ao todo foram entrevistadas cinco pessoas, sendo quatro homens e uma mulher. Os locais de entrevistas foram escolhidos de acordo com o desejo do entrevistado e serão relatados no Capítulo 2.

Durante nossos encontros ficou combinado que no texto eu não usaria seus nomes reais ao trazer as suas falas. Durante a entrevista, após eles descreverem como seria a cidade ideal para cada um, eles me falaram o nome das cidades que eles já visitaram e que estariam próximas das ideias relatadas por eles. Sendo assim, vos apresento nossos colaboradores, narradores e coautores deste texto: Valência, Abu Dhabi, Helsinque, São Paulo e Bergen.

Valência é o mais novo dos cinco, com 26 anos de idade. Veio direto para Brasília em 2013 pois já tinha familiares morando na cidade. Não nasceu em Damasco, mas passou boa parte da sua vida na capital síria. Nos conhecemos através da pesquisa que citei anteriormente. Foi a primeira entrevista para o projeto.

Conheci Abu Dhabi também no projeto com refugiados do CSEM, apesar de não ter sido eu quem fez a aplicação do questionário com ele. Ele tem 50 anos e mudou em 2014 para o Brasil com a sua família. Nascido na capital, nos últimos anos antes de emigrar morou no interior da Síria. Muito procurado para dar entrevistas, tanto para jornalistas quanto para pesquisadores, mostrou-se receoso num primeiro momento em aceitar o convite para participar deste projeto.

Helsinque não revelou sua idade, contudo, revela que tem muita estrada. Filho de imigrantes sírios nasceu no Brasil e mudou-se ainda bem pequeno para Damasco onde viveu durante 30 anos. Regressou para o Brasil fazem 20 anos, vindo morar direto em Brasília. Detentor da dupla nacionalidade, ele aceitou o convite para participar da pesquisa afirmando que era um cidadão sírio acima de tudo e que enquadrava-se no perfil dos narradores.

São Paulo, 46 anos, chegou em Brasília há 6 anos. Natural de Damasco, lá conheceu sua esposa e teve seus dois filhos. A família veio ao mesmo tempo para o Brasil. Eu o conheci em 2017, enquanto fazia campo para a monografia, e suas colocações sobre a capital do Brasil e a capital da Síria serviram de grande inspiração para este projeto e eu fiz questão da participação dele.

Bergen, 65 anos, foi a nossa última entrevistada e a única mulher do grupo. Ela nasceu em Damasco e veio para Brasília no ano de 1963, ainda criança. Segundo ela, viveu

uma vida “aqui e lá”, pois viajava para Damasco com muita frequência, sendo que tiveram anos que passava mais tempo na Síria do que no Brasil. Comerciante e escritora, cheguei até Bergen através de Helsinque, eles são amigos de longa data.

#### **4 A escrita**

Chegamos no item final desta parte: a escrita da dissertação. Antes de apresentar-lhes a organização dos capítulos, gostaria apenas de trazer poucas linhas sobre o processo de escrita. Nunca escrever foi tão difícil para mim. Por meses eu relutei em começar esta escrita e eu me sentia cada vez mais decepcionado comigo por não conseguir realizar o que era um dos maiores prazeres da minha vida. O que eu quero que você, leitora e leitor, saiba é que as palavras contidas neste trabalho vieram debaixo de muita lágrima, dor e superação, mas, que resultaram num reencontro com a alegria, com a autoconfiança e com a esperança. Este trabalho me libertou e eu espero que consiga trazer isto nos parágrafos a seguir. É um trabalho científico que lida com as emoções, minhas e as de meus narradores, e eu espero que tenha conseguido trabalhar com ambos da maneira correta.

Contudo, torna-se necessário destacar que esta dissertação e a forma como esta disposta e construída é algo ainda em formato experimental. Buscamos nos apropriarmos de elementos de uma *Antropologia Colaborativa*, ainda recente para mim. Com isso, quero dizer que as páginas e o conteúdo abordado nas páginas seguintes foram elaborados conjuntamente entre eu e meus interlocutores de pesquisa, tanto no processo das entrevistas, da produção do conteúdo, quanto na escrita e revisão dos capítulos.

A dissertação está composta por 4 capítulos que somam-se às *Notas introdutórias* e as *Considerações Finais*. O capítulo 1, intitulado “Narrando teorias”, é o famigerado marco-teórico. Nele estão contidas as teorias que ancoraram e foram base para pensar, formular, executar e analisar esta pesquisa e os dados dela obtidos. Em seguida temos o capítulo 2, “Narrando cidades”. Este é o primeiro capítulo que traz as narrações dos nossos colaboradores de pesquisa. O objetivo principal do capítulo é construir o conceito de cidade e como seria a cidade ideal para os imigrantes sírios entrevistados. “Narrando Damasco” é o título do capítulo 3. Nesta parte do trabalho buscamos reconstruir as Damascos invisíveis presentes nos discursos, e através da memória, dos nossos narradores. O último capítulo

recebeu o nome de “Narrando Brasília”, e traz os relatos de como estes interlocutores observam vivenciam e compreendem a capital do Brasil.

Por fim, esperamos que esta introdução tenha cumprido uma das principais características da introdução, segundo o passo-a-passo citados na primeira página: despertar em quem está lendo o desejo de continuar a leitura. Que as próximas páginas passem rápido o suficiente para não cansarem e, principalmente, provoquem a reflexão a respeito das cidades que vivemos e da forma como as enxergamos, narramos e analisamos.



# CAPÍTULO 1

## Narrando teorias

### 1.1 As narrativas [...]

Ao propormos tratarmos de narrativas, entendemos a necessidade de explicitarmos a teia de significados que envolvem esta palavra, seguindo, então, para a utilização da mesma ao longo deste trabalho, tendo em vista o caráter norteador que esta exerce sobre o mesmo. De acordo com o Dicionário Online<sup>8</sup>, pode-se definir *narrativa* como:

- Ação, efeito ou processo de narrar, de relatar, de expor um fato, um acontecimento, uma situação (real ou imaginária), por meio de palavras; narração.
- Maneira de narrar, de contar alguma coisa.

A narrativa está intimamente ligada a história da humanidade. Isto porque, a existência dos indivíduos e suas respectivas ações e feitos só foram capazes de ecoar através dos tempos graças a nossa aspiração à função de relator/contador de histórias. Torna-se necessário a existência de um relato para que este algo, que está sendo contado, deixe o campo do abstrato individual e passe a existir de fato, e assim, disponível para um contingente maior de pessoas que vão ouvir, gerir e recontar tais eventos. A história precisa ser expressada para que ela seja real.

A narrativização das práticas seria uma ‘maneira de fazer’ textual, com seus procedimentos e táticas próprios. A partir de Marx e Freud (para não remontar mais acima), não faltam exemplos autorizados. Foucault declara, aliás, que está escrevendo apenas histórias ou ‘relatos’. Por seu lado, Bourdieu toma relatos como a vanguarda e a referência de seu sistema. (...) Não seria necessário reconhecer a legitimidade ‘científica’ supondo que em vez de ser um resto ineliminável ou ainda a eliminar do discurso, a narratividade tem ali uma função necessária, e supondo que ‘uma teoria do relato é indissociável de uma teoria das práticas’, como a sua condição ao mesmo tempo que sua produção? (...) Isto seria sobretudo restituir importância ‘científica’ ao gesto tradicional (é também uma gesta) que sempre ‘narra’ as práticas. Neste caso, o conto popular fornece ao discurso científico um modelo, e não somente objetos textuais a tratar. Não tem mais o estatuto de um documento que não sabe o que diz, citado à frente de e pela análise que o sabe. Pelo contrário, é um ‘saber-dizer’ exatamente ajustado a seu objeto e, a este título, não

---

<sup>8</sup> Narrativa. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2019. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/indole/>. Acesso em: 14/12/2019.

mais o outro do saber mas uma variante do discurso que sabe e uma autoridade em matéria de teoria. (CERTEAU, 2012, p. 152-153 *apud*. AQUINO, 2014, p.3)<sup>9</sup>.

De acordo com Sousa e Cabral (2005)<sup>10</sup>, a narrativa é composta por duas fortes características: ela é uma sequência de fatos; e nela há um enaltecimento, ainda que implícito, dos acontecimentos que estão sendo relatados. Segundo as autoras, as narrações partiriam de um todo, sendo que o narrador reconstrói este todo a partir de fragmentos por eles selecionados.

a narrativa constitui-se no ato de contar e de revelar o modo pelo qual os sujeitos concebem e vivenciam o mundo.” (SOUSA; CABRAL, 2005, p. 150)

Ao passo que os narradores, através da seleção dos fragmentos que irão compor sua história a ser contada, vão construindo esta colcha de retalhos que tem como finalidade narrar um todo, Sousa e Cabral (2005) apontam para a existência de uma outra figura: o intérprete. Em consonância com as autoras, o papel do intérprete perpassa pela extração dos significados e das intenções a partir das narrativas.

A narração tem seu gênesis nas experiências vivenciadas pelo narrador. Então, narrar é rememorar as mais diversas vivências, é (re)construir imagens a partir das experiências particulares. Conforme destaca Aquino (2014), a subjetividade está intrinsecamente ligada à narração, já que esta seria a reconstrução de um acontecimento ao qual o narrador vivenciou acrescido de novas atribuições e novos significados. As trajetórias de vida, as experiências vividas e adquiridas geram novos sentidos ao fato passado e narrado que encontra-se ancorado em algum lugar da memória.

[...]a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas é a representação que deles fazem os sujeitos que vivenciaram suas experiências passadas e, por terem trajetórias de vida singulares, atribuem sentidos e interpretações também singulares. (AQUINO, 2014, p. 3)

A memória é o elemento que permite que os seres humanos narrem suas histórias. Partindo do momento que selecionam e reconstróem suas lembranças, o indivíduo pode

---

<sup>9</sup> AQUINO, F. M. S.. O uso da narrativa na pesquisa com o cotidiano. In: XXII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte Nordeste - EPENN, 2014, Natal|RN. PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NO NORTE E NORDESTE: produção de conhecimento, assimetrias e desafios regionais.. Natal: Editora da UFRN, 2014. p. 1-11.

<sup>10</sup> SOUSA, M. G. S. ; CABRAL, C. L. O.. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores - ISSN: 2317-109X (Online) - ISSN: 0103-7706 (Impressa)- ISSN. Revista Horizontes, v. 33, p. 149-158, 2015.

remover do relato aquilo que lhe foi/é incômodo, assim como pode enfatizar e florear aquilo que em parte é fruto de seus desejos e anseios. Torna-se componente do processo de narrar o reviver, e por fim, o reelaborar (SOUSA; CABRAL; 2005).

A pesquisa narrativa se ocupa com a vida, a compreensão de experiências vividas, situadas no tempo e no espaço e expressas por unidades narrativas, fragmentos de histórias vividas e relatadas. (GONÇALVES; NARDI, 2016, p.1)<sup>11</sup>

Segundo Ricoeur (2007) o ato de construir e o ato de narrar seriam equivalentes, sendo o conceito de espaço construído a partir da relação entre narrativa e arquitetura. Segundo ele:

Narrativa e construção operam um mesmo tipo de inscrição, uma na duração, a outra na dureza do material. Cada novo edifício inscreve-se no espaço urbano como uma narrativa em um meio de intertextualidade. A narratividade impregna mais diretamente ainda o ato arquitetural na medida em que este se determina em relação com uma tradição estabelecida e se arrisca a fazer com que se alternem renovação e repetição. É na escala do urbanismo que melhor se percebe o trabalho do tempo no espaço. Uma cidade confronta no mesmo espaço mas em épocas diferentes, oferecendo ao olhar uma história sedimentada dos gostos e das formas culturais. A cidade se dá ao mesmo tempo a ver e a ler. (RICOEUR, 2007, p. 159)<sup>12</sup>

## **1.2 [...] de cientistas sociais sobre as cidades visíveis**

As complexas relações produzidas entre os emaranhados materiais que constituem o caráter físico da cidade e as dinâmicas sociais produzidas em seu seio tem chamado a atenção de estudiosos para voltarem o olhar às possibilidades analíticas oferecidas pelo urbano. Este caleidoscópio que é a cidade como objeto por muitos anos dificultou o consenso de que haveria um ramo das Ciências Sociais que estivesse intimamente ligado a estas questões. Isto porque para muitos autores o urbano assumia um caráter *per se*, atuando como variável independente, enquanto para outros estudiosos, o olhar encontrava-se alocado nos fenômenos sociais específicos, que por acaso, ou não, teriam o espaço urbano como cenário (VELHO, 1967)<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> GONÇALVES, T. V. O.; NARDI, R. . Aspectos epistemológicos da pesquisa narrativa presentes em teses e dissertações sobre formação de professores na área de Educação em Ciências e Matemáticas, no período de 2000 a 2012. In: Terezinha Valim Oliver Gonçalves; France Fraiha-Martins. (Org.). SABERES DOCENTES EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICAS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA: PESQUISA, ENSINO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES. 1ed.São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017, v. 1, p. 1-16.

<sup>12</sup> RICOEUR, P. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

<sup>13</sup> VELHO, O. G.(Org.) - O Fenômeno Urbano-Zahar, RJ, 1967.

De acordo com Velho (1967), os problemas de ordem “prática” que surgem com o crescimento das cidades, que concomitantemente vão ocorrer com o processo de industrialização e o desenvolvimento do capitalismo - e no caso dos Estados Unidos ainda associados ao grande contingente de imigrantes oriundos do continente Europeu - constituem-se como o motriz para a elaboração de uma ideia de Sociologia Urbana. Tal crescimento foi acompanhado por uma série de fenômenos até então desconhecidos, pelo menos em grande escala, como delinquência, conflito cultural e sub-moradias. Contudo, conforme salienta Nunes (2012)<sup>14</sup>, uma das principais características da temática urbana é permitir a interface multidisciplinar no modo de análise do fenômeno.

Nunes (2012) caracteriza o crescimento das cidades principalmente como reflexo do deslocamento de indivíduos do rural para o urbano, o que segundo ele só pode ser explicado se entendermos tais causas como resultado de forças macrossociais. Entretanto, a dinâmica de intumescimento da cidade a tornou um cenário propício na busca pela compreensão dos fenômenos sociais que estavam em curso, levando os cientistas sociais da época – particularmente os fundadores da Escola de Chicago, destaca Nunes – a proporem fazer da cidade um laboratório de análise da natureza e dos vínculos sociais. A cidade configura-se como ambiente apropriado para compreender a sociedade, seja através de seu processo de urbanização, seja através da ótica que a enxerga como palco dos processos sociais, dos equilíbrios e das tensões; “o urbano é a síntese da sociedade” (NUNES, 2012, p. 444).

Para Oliven (2010)<sup>15</sup>, o aumento exponencial das produções que traziam a cidade como uma categoria sociológica permitiu que se reunissem os materiais produzidos em três perspectivas, cuja classificação dava-se de acordo com a forma como cada autor se propunha a analisar a categoria. São elas: a cidade como variável dependente; a cidade como uma variável contextual; e por fim, a cidade como variável independente.

Os trabalhos que se encaixam na perspectiva “a cidade como variável dependente” costumam colocar a cidade como resultado de inúmeras causas tanto econômicas, quanto políticas e sociais, e estão interessados principalmente nos fatos históricos. Sendo assim, ela não seria autoexplicativa, pois não é uma totalidade, e sim parte de um todo. A cidade é então objetivação de diversas forças. Marx e Weber são dois dos principais autores que se enquadram nesta perspectiva (OLIVEN, 2010, p. 09). Em Weber, temos uma reflexão

---

<sup>14</sup> NUNES, B. F. . As Ciências Sociais e a Cidade. Sociedade e Cultura (Online) , v. 15, p. 443-447, 2012.

<sup>15</sup> OLIVEN, R.G. Urbanização e mudança social no Brasil [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2010. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

generalista a respeito da cidade, onde o autor propõe tratar da origem e do desenvolvimento do capitalismo moderno, e conseqüentemente o papel que a cidade desempenha no g nesis deste processo. Já em Marx, a cidade é a sede da produ o e reprodu o do capital, e também fruto da sociedade capitalista, sendo assim, componente de vastos processos sociais. Ainda segundo Marx, as grandes cidades industriais expunham a degrada o que a classe operária vivenciava. Para ambos os autores, a cidade   uma categoria histórica e expressão de uma realidade mais ampla (SANT'ANNA, 2003, p.91)<sup>16</sup>.

Engels seria o principal expoente da segunda perspectiva proposta por Oliven (2010), onde a cidade como categoria sociológica seria tida como uma “variável contextual”, isto porque uma vez que admite-se o fator histórico da mesma, reconhecendo-a como parte integral de sociedades mais amplas, torna-se possível trazer para o debate a importância que a vida urbana assume para vários fenômenos sociais. Desta maneira, os estudos que analisam a cidade por este ângulo estão interessados em estudar a influência de cidades específicas na vida social de seus habitantes. No livro “*A Condi o da Classe Operária na Inglaterra*”, Engels faz descri es minuciosas da vida urbana das cidades industriais britânicas, entretanto, sua análise a respeito da questão urbana s  aparecia pontuada quando estava intimamente ligada com o processo de expansão do capitalismo. (OLIVEN, 2010, p.12-13).

A última perspectiva proposta por Oliven (2010) caminha de certa forma na contramão das outras duas supracitadas nesse texto e estuda a cidade como uma “potência social capaz de gerar com sua influência os mais variados efeitos na vida social” (OLIVEN, 2010, p. 13), sendo, portanto, uma variável independente. O principal ponto desta corrente é a crença na existência de uma cultura urbana, que teria origem nas cidades e daria valor an tico ao urbano *per se*. Os estudos elaborados na denominada Escola de Chicago despontam como as principais obras a contemplarem esta vertente. A especificidade na abordagem da temática trazendo a cidade como problema de pesquisa e como laboratório social de análise, alinhado ao empirismo característico das pesquisas do departamento e junto ao programa ecológico proposto, principalmente, por Robert E. Park, inaugura um – até então – novo modo de refletir sobre a cidade, sendo considerado por muitos estudiosos a base para a constitui o de uma, então, Sociologia Urbana.

---

<sup>16</sup> SANT'ANNA, M. J. G. A concep o de cidade em diferentes matrizes teóricas das ciências sociais. In: Revista do Rio de Janeiro, n. 9, jan./abr. de 2003. p. 91 - 99.

A Universidade de Chicago – conhecida como é hoje - nasce em 1890, fruto de uma doação milionária do magnata do petróleo John D. Rockefeller, que deixou um ex-pastor batista e ex-professor de grego e hebraico na Universidade de Yale, William Harper, encarregado de levar o projeto adiante. Ambicioso, Harper desde o início instituiu um programa acadêmico voltado para a pesquisa e com incentivos a pós-graduação. O apoio da elite intelectual da cidade somado às contribuições financeiras dos donos de indústrias impulsionaram o crescimento acelerado da instituição, que num curto espaço de tempo já figurava entre as principais dos Estados Unidos. A criação do Departamento de Sociologia (e antropologia, até 1929 quando se dividiram<sup>17</sup>) ocorreu no ano de 1892. Harper convidou Albion Small para dirigir o então pioneiro Departamento de Sociologia. De acordo com Eufrásio (1995), o convite inicial foi para que Small cuidasse do Departamento de História, entretanto, o mesmo sugeriu a criação de um departamento de sociologia (COULON, 1995<sup>18</sup>; EUFRÁSIO, 1995<sup>19</sup>).

Small é considerado umas das figuras centrais na consolidação da sociologia nos Estados Unidos. Para ele, era de fundamental importância que seus alunos realizassem pesquisas de campos e observações diretas, e não ficassem presos ao que chamava de reflexões teóricas “de poltrona”. Small defendia que a sociologia era uma ciência e portanto deveria fundamentar-se em pesquisas empíricas e não em discursos, alegando a necessidade de se buscar objetividade nas investigações sociológicas. Propôs também aos colegas de departamento que utilizassem a cidade de Chicago como campo e como objeto de pesquisa, dando início ao que 20 anos marcaria notadamente os estudos ali desenvolvidos (COULON, 1995; EUFRÁSIO, 1995).

Segundo Eufrásio (2008), a Escola de Chicago teve dois importantes programas de pesquisa: o primeiro desenvolvido por William I. Thomas em 1912, que está em seu artigo: “Race Psychology”. O segundo é o programa proposto por Robert E. Park, em 1915, no artigo “The City” de sua autoria. Enquanto o programa de Thomas era voltado ao desenvolvimento de uma sociologia do imigrante, relações étnicas e a condição do negro na

---

<sup>17</sup> Cabe ressaltar que apesar de ser um Departamento de Sociologia e Antropologia no início, havia apenas um antropólogo de formação, Frederick Starr, que se aposenta em 1923. Depois disto tiveram as contratações de Ralph Linton, Fay Cooper-Cole, Edward Sapir e Robert Redfield. Em 1929, foi criado o departamento de antropologia autônomo. Contudo, as maiores contribuições antropológicas pré-ruptura são atribuídas em maior escala a Thomas, e em menor escala, mas de forma significativa, a Park.

<sup>18</sup> COULON, A. A Escola de Chicago. Campinas, SP: Papirus, 1995

<sup>19</sup> EUFRÁSIO, M. A.. A Formação da Escola Sociológica de Chicago. In: PLURAL – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, nº 2, 1995, p 37-60.

sociedade estadunidense, o programa de Park volta-se para o gênese e desenvolvimento de uma sociologia urbana.

A cidade despertava o interesse em Park desde sua atuação como jornalista. Quando entrou no Departamento de Sociologia de Chicago, em 1913, a temática também mobilizava estudos e trabalhos de pesquisa no local. No ano de 1915, Park publicou a primeira versão de seu conhecido artigo “The City”, cerca de dez anos depois reescreveria o texto junto a Burgess, acrescentando elementos de uma embrionária, e visionária, teoria ecológica humana.

Para Park (1967)<sup>20</sup>, a cidade tem que ser vista como algo além de um amontoado de pessoas individuais e organizações sociais. Segundo o autor, “a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial”. A cidade seria fruto da natureza, notadamente da natureza humana, onde encontram-se envoltos os processos vitais de seus habitantes (PARK, 1967, p.29). Entendida como “o lugar e a gente, com todos os dispositivos de administração e maquinaria que compreendem, como sendo organicamente relacionada”, pode ser pensada também como sendo uma espécie de mecanismo psicofísico, onde os interesses políticos e particulares encontrariam para além da expressão coletiva, uma expressão incorporada (PARK, 1967, p.30). A cidade, na visão de Park, integra desde elementos físicos a manifestações espirituais, e se estrutura através da associação entre seus elementos, sendo resultado de um processo (EUFRASIO, 1999)<sup>21</sup>.

Por ser resultado de processos, muitas vezes, sem os artifícios da natureza, Park (1967) destaca o quão difícil é enxergar a cidade moderna como uma entidade viva. A planta das cidades assumem formas geométricas, onde a unidade de distância seria o quarteirão. Na cidade está arraigado os hábitos e costumes de seus habitantes, possuindo uma organização moral e uma organização física que vão interagir mutuamente e de forma bastante singular, moldando e sendo moldados uma pela outra. Segundo o autor, “por ter a cidade uma vida propriamente sua é que existe um limite para as modificações arbitrárias possíveis de se fazer em sua estrutura e em sua ordem moral” (PARK, 1967, p.32).

Park (1967) salienta que muitas vezes o plano da cidade vai “estabelecer metas e limites, fixa de maneira geral a localização e o caráter das construções da cidade, e impõe aos edifícios levantados pela iniciativa privada bem como pela autoridade pública uma arrumação

---

<sup>20</sup> PARK, R.E. ,1967. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”.

In: VELHO, O. G. (Org.) - O Fenômeno Urbano-Zahar, RJ, 1967.

<sup>21</sup> EUFRASIO, M. A. . Estrutura Urbana e Ecologia Humana: A Escola Sociologica de Chicago (1915-1940). 1ª. ed. São Paulo: Editora 34, 1999. v. 1. 304p .

ordenada dentro da área citadina” (1967; 32). Contudo, assinala Park, os processos inelutáveis de ordem humana atuam constantemente, dando a estas regiões e edifícios, características de difícil controle.

Diversos fatores vão atuar diretamente na estruturação do planejamento urbano (EUFRÁSIO, 1999). Em pontuações mais amplas, Park (1967) destaca a “geografia física, as vantagens e desvantagens naturais, e meios de transporte” (1967; 33). Durante o processo de expansão, a sua distribuição tende a ser controlada pelas influências de simpatia, rivalidade e necessidade econômica. Como resultado direto disto, temos a transformação de um aglomerado de pessoas em vizinhanças, locais com tradições, histórias próprias e sentimentos. Dentro destes agregados menores a vida de cada um é conduzida em ritmo próprio, obtendo relativa independência em relação ao círculo maior de interesses que encontra-se ao seu redor.

Assim, está presente em Park 1915 a ideia de que a cidade possui uma organização física que em sua escala mais ampla exhibe o plano da cidade, uma forma geométrica em cujos contornos mais gerais a cidade está estruturada; entidade dotada de uma organização espacial, a cidade é um conjunto de áreas: setores, “regiões” ou distritos de diferentes composição, função e caráter; cada uma dessas comunidades, por sua vez, ostenta em seu interior o elemento espacial social mais fundamental, a vizinhança (EUFRÁSIO, 1999, p.52).

Segundo Park (1967), a vizinhança seria a menor unidade local na organização social e política da cidade. A vizinhança seria a forma mais clara de associação da organização da vida urbana (EUFRÁSIO, 1999). A vida na cidade é complexa e exerce influência direta no que seria um sentimento normal de vizinhança, levando a mudanças que geram tipos inusitados de comunidades locais. Park (1967) pontua a existência de vizinhanças nascentes e vizinhanças em processo de dissolução. Para ele, é de extrema importância que se busque entender quais forças tendem a dissolver as tensões, os interesses e os sentimentos que fazem da vizinhança algo individual.

Ao tratar da organização espacial da cidade, Park (1967) também cita o isolamento a qual alguns grupos sofrem, que podem ser expressas na criação de colônias étnicas, de imigrantes ou raciais. Cada um desses agrupamentos salienta Park, possuem caráter de aldeia, cidade ou vila completamente separada, com exceção daquelas onde suas populações são



selecionadas. Seriam como cidades dentro de cidades, onde a principal característica a se destacar é o fato de serem compostas por indivíduos da mesma raça, ou de raças diferentes mas da mesma classe social. Estas comunidades raciais ou áreas de segregação existem tanto no interior das cidades quanto a sua margem (PARK, 1967, p.38).

O processo de segregação que ocorre na cidade tende a definir o que Park (1967) denomina como distâncias morais, que são aquelas que dividem a cidade como um mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não interpenetram. Para Park (1967), a definição de região moral consiste no fato de ser “inevitável que indivíduos que buscam as mesmas formas de diversão, [...], devem de tempos em tempos se encontrar nos mesmos lugares”. Isto significa dizer que para além da segregação por interesses ocupacionais ou por questões econômicas, a mesma também divide-se por gostos e temperamentos. Cabe ressaltar que uma região moral não é obrigatoriamente um local de residência, podendo ser um ambiente de encontro e diversão.

Nas cidades, e principalmente nas grandes cidades, a impessoalidade e racionalidade despontam como as principais tendências dentro das relações humanas. As cidades estão constantemente em condição de equilíbrio instável e em estado de crise crônica. É nas cidades que o bem ou o mal da natureza são realçados em extremos, e detalhes passam a ser evidenciados em escala maiores do que em comunidades menores (PARK, 1967).

Em “*O crescimento da cidade: Uma introdução a um projeto de pesquisa*”, Burgess (2017) salienta que o crescimento urbano das grandes cidades é o acontecimento mais notável da sociedade moderna. Para o autor, as ditas “patologias sociais” relevância e realce em contextos urbanos de sociabilidade. Segundo Burgess (2017), “mais significativo do que a crescente densidade da população urbana pode ser considerada a sua correlativa tendência para transbordar as áreas geográficas já ocupadas, e assim se estender por áreas mais amplas, e incorporar essas áreas em uma vida comunitária maior” (BURGUESS, 2017, p.62)<sup>22</sup>.

Seu objetivo, em suma, é o de apresentar na primeira parte, a organização espacial da cidade como uma estrutura em expansão, em termos dos processos de extensão, de invasão, de sucessão e de concentração e descentralização; e na segunda parte, mostrar como essa expansão afeta o

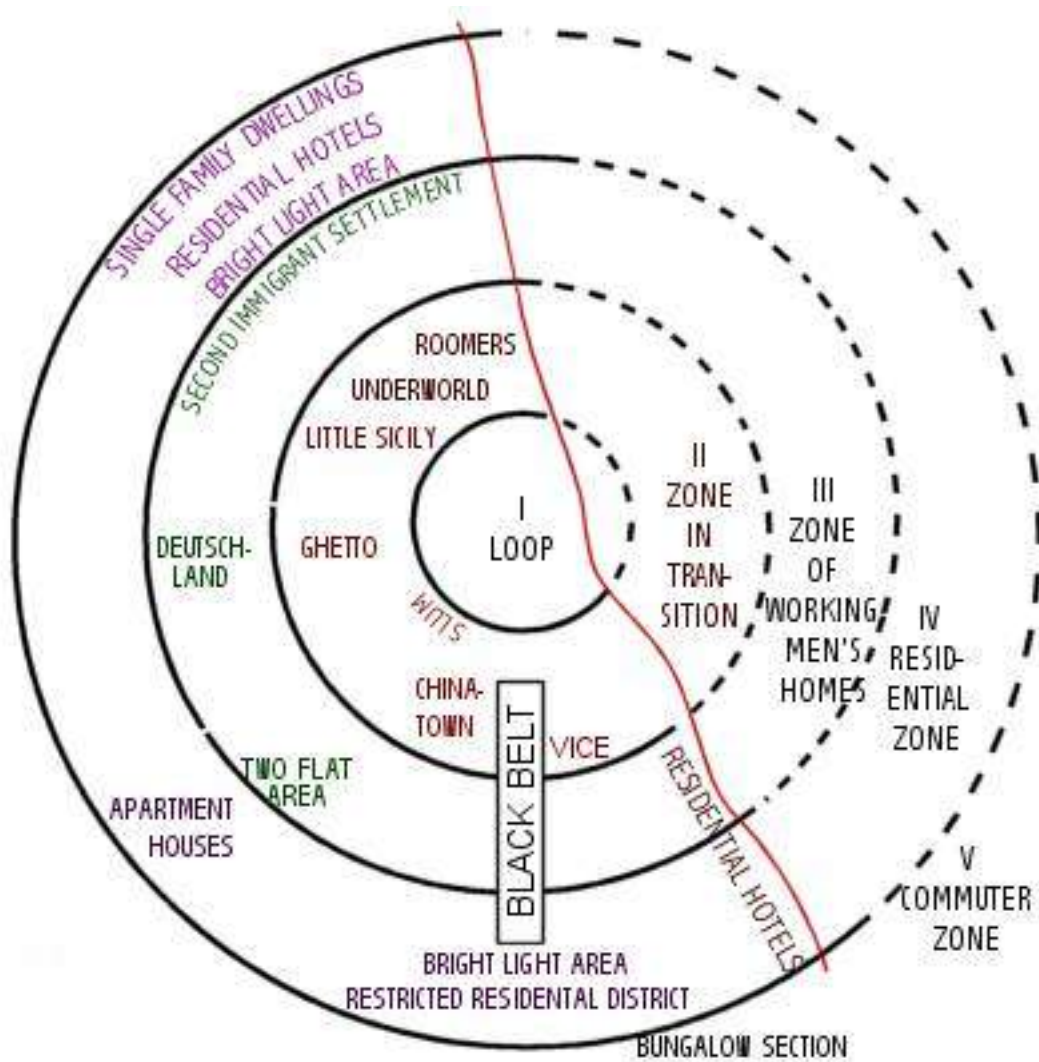
---

<sup>22</sup> BURGESS, E. W. “O crescimento da cidade: Uma introdução a um projeto de pesquisa”. Tradução de Raoni Borges Barbosa. Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia, v.1, n.2, p. 61 - 70, julho de 2017. ISSN 2526-4702

metabolismo da cidade e caracterizar a mobilidade como uma medida quantificável ou indicador da expansão e do metabolismo urbanos. (EUFRÁSIO, 1999, p.79)

Burguess entendia a expansão da malha urbana como processos. Segundo o autor (2017), tais processos poderiam ser mais bem ilustrados se pensados a partir de uma série de círculos concêntricos enumerados, onde se designaria as sucessivas zonas de extensão urbana, e também os tipos de áreas dentro do processo de expansão da metrópole. A teoria da estrutura urbana, então, entende a cidade como um sistema de cinco zonas urbanas concêntricas. Burguess, no entanto salienta que tal representação aproxima-se de um tipo ideal das tendências encontradas em qualquer cidade, que seguindo a ordem número de expansão, parte do distrito de negócios central – “The Loop (I), e caminha radialmente. A imagem abaixo ilustra tal formulação.

FIGURA 1 – “O crescimento das cidades”



Do centro à margem da figura temos:

- (I) Loop ou Distrito Comercial Central;
- (II) Zona de Transição (E também zona de primeira fixação de imigrantes);
- (III) Zona de residência de trabalhadores (E também zona de segunda fixação de imigrantes);
- (IV) Zona de Residência;
- (V) Zona dos *commuters*.

De acordo com Burgess (2017), a expansão urbana segue uma tendência mais geral, onde uma zona interna inclina-se a estender sua área mediante a invasão da próxima zona externa que o ronda. A este processo, Burgess conceitua de sucessão e acrescenta que é um processo estudado de forma detalhada na ecologia vegetal.

Nas cidades há sempre a propensão de que os transportes percorram trajetos que irão convergir na zona central. Nesta seção, segundo Burgess (2017), espera-se encontrar lojas de departamento, edifícios de escritório, hotéis, teatros, museus, estações de trem, ou seja, a vida econômica, política e cultural da cidade. No *loop*, devido à centralidade dos processos de vida social urbana, pessoas transitam diariamente. Contudo, as zonas periféricas passaram a sediar subnegócios, tornando-se o que o autor denomina de “loops de satélites”.

O processo de crescimento da malha urbana é composto, então, pelo crescimento físico da cidade mais a ampliação dos serviços técnicos, serviços estes que pretendem tornar a vida urbana além de habitável, minimamente confortável, e em alguns casos até luxuosa. Burgess (2017) destaca que algumas necessidades consideradas básicas da vida urbana, apenas serão passíveis de efetivação mediante um desenvolvimento considerável da vida comunitária humana, isto porque, “os grandes serviços públicos fazem parte da mecanização da vida nas grandes cidades e tem pouco ou nenhum outro significado para a organização social” (BURGUESS, 2017, p.65).

Todavia, conforme salienta Burgess (2017), a expansão da malha urbana pode ser estudada não somente pelo viés do crescimento físico ou do desenvolvimento do comércio de bens e serviços, como também a partir das transformações no contexto de organização social e dos tipos de personalidade humana que designam o urbanismo. Para tanto, o autor compreende os processos de organização e desorganização enfrentados pelo crescimento urbano como análogos aos processos metabólicos do organismo humano. A expansão da cidade gera um processo de “distribuição que desloca, classifica e re-aloca indivíduos e grupos por residência e ocupação” (BURGUESS, 2017, p.66).

Para Burgess (2017), o que conforma uma cidade é a diferenciação em agrupamentos econômicos e culturais naturais. A segregação concede aos componentes de um grupo “um lugar e um papel na organização total da vida da cidade”. Em certa medida, a segregação limita o desenvolvimento em algumas direções, mas o libertaria em outras. Outro destaque feito pelo autor é a divisão do trabalho como ilustração dos processos de

desorganização, reorganização e crescente diferenciação da malha urbana (BURGUESS, 2017, p.67).

Park (1967) defendia que a cidade tem a sua própria cultura. Louis Wirth (1967)<sup>23</sup>, em seu célebre texto “O Urbanismo como Modo de Vida”, busca encontrar uma definição sociológica do que é a cidade, fundamentando-se nas relações entre a quantidade, densidade e relativa permanência da população e a heterogeneidade dos habitantes da cidade. Segundo o autor, o urbanismo, então, consiste num complexo de características que formam um modo de vida que é tipicamente urbano. Para Wirth o modo de vida urbano rompe os limites da própria cidade.

De acordo com Wirth, embora o urbanismo não esteja exclusivamente ligado ao espaço físico e a densidade populacional, o grau em que ele vai se manifestar tende a ser maior nos lugares onde haja uma maior aglomeração de pessoas em convivência, por tanto, há uma maior heterogeneidade social, características essas podem gerar um aumento nas possibilidades de que ocorram tensões nervosas (WIRTH, 1967).

Sendo assim, o autor ressalta que a diferenciação na forma como os diferentes grupos sociais são alocados no espaço urbano, forma esta que não ocorre aleatoriamente, possuindo uma lógica de classificação. Segundo o autor (1967), as diferenças dão origem à segregação espacial com base em categorias distintas como: etnia, cor, etnia, posição econômica e social, além dos gostos e preferências. Nas grandes cidades ocorre também um enfraquecimento dos laços de parentesco, vizinhança e sentimentos que normalmente são compartilhados em comunidades que ele denomina como tradicionais. O aumento de interações entre os habitantes implica diretamente numa mudança na forma como se dá as relações sociais, que vão tender a transitoriedade, superficialismo, fragmentação e o anonimato. As relações sociais nas cidades seriam pautadas, então, por uma lógica utilitarista, e isto seria devido à pressão da divisão do trabalho e da especialização dos indivíduos.

A década de 1970 marca o surgimento de uma nova corrente de pensamento a respeito do urbano. Denominada como a *Nova Sociologia Urbana* pelos sociólogos americanos, o movimento tem origem a partir das formulações, inquietações e estudos de pesquisadores franceses. Críticos enfáticos dos ecólogos humanos, discordavam sobre a naturalização das

---

<sup>23</sup> WIRTH, L. 1967. "O urbanismo como modo de vida". In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.) - O Fenômeno Urbano-Zahar, RJ, 1967.

estruturas típicas da sociedade capitalista através do discurso de que determinados compartimentos e determinadas relações sociais eram oriundas apenas das construções materiais das cidades. Para este grupo, “o urbano deveria ser compreendido como espaço socialmente produzido, assumindo diferentes configurações de acordo com os vários modos de organização socioeconômica e de controle político em que está inserido”.<sup>24</sup>

Sendo assim, estes pensadores passam a narrar as cidades como espaços que são resultados de conflitos intrínsecos às contradições do capitalismo, estruturando assim, uma vertente marxista dentro da sociologia urbana. Segundo o sociólogo espanhol, Manuel Castells (1971)<sup>25</sup>, os fenômenos urbanos deveriam ser explicados a partir de causas cujo gênese está nas relações sociais da sociedade capitalista, e não na materialização espacial das cidades. Seriam estas relações sociais que determinariam a ocupação e expansão dos espaços urbanos. As cidades e seus habitantes carregam estampadas em si as marcas das contradições de classe. De acordo com Coelho de Souza (2005), o locus principal das análises deste grupo estava centrado na ideia de que não havia espaço, agente ou organizações que estariam isentas das disputas ideológicas, econômicas ou políticas das lutas de classe, sendo indissociável da estrutura do capital.

Outra análise importante dentro desta vertente marxista que marca a Nova Sociologia Urbana foi realizada por Jean Lojkin. Partindo da discussão do papel do Estado nas sociedades onde o capitalismo encontra-se em estágio avançado, a urbanização, em sua hipótese, seria como uma forma aprimorada da divisão social do trabalho, e conseqüentemente, um dos principais pilares do Estado de Bem-Estar Social. No corpo de suas análises, estão o “papel do Estado na urbanização capitalista, a relação da política urbana e suas dimensões com a luta de classes e a questão dos movimentos sociais urbanos diante do Estado” (SANT’ANNA, 2002).

Contudo, é no texto do pesquisador francês Henri Lefebvre, *Le droit à la ville*, publicado em 1968, que esta nova sociologia urbana é gerada. Para o autor, a relação entre os processos de urbanização e de industrialização funcionariam de forma dialética, como uma relação dialética, ambas resultantes da passagem temporal da Idade Média para o período

---

<sup>24</sup> SANT’ANNA, M.J.G.. **A cidade como objeto de estudo: diferentes olhares sobre o urbano**. Revista Com Ciência, publicado em: 20/03/2002. Disponível em:< <http://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/cidades/cid24.htm>> Acessado em: 20 de novembro de 2019, às 20h30min.

<sup>25</sup> CASTELLS, M. Problemas de investigación en sociología urbana. México: Ed. Século XXI, 1971.

moderno. Para Lefebvre (2001)<sup>26</sup>, a cidade se encontraria em posição de subordinação à lógica da reprodução do capital, funcionando como base e paisagem para as ocorrências. O filósofo francês também é responsável pela ideia de direito à cidade, onde segundo ele, não estaria ligado somente ao direito de visitação aos centros históricos mas o de viver e conviver em áreas urbanas transformadas. Resultantes de representações materiais históricas, as cidades seriam constantemente transformadas pelas interações dos indivíduos que nela habitam.

### **1.3 [...] sobre as cidades invisíveis**

Este talvez seja o grande conceito por detrás do planejamento deste trabalho, a peça pela qual toda engrenagem gira. Poderíamos ter acionado a dicotomia de cidade real x cidade imaginada, cidade tangível x cidade não tangível ou cidade material x cidade imaterial. Entretanto, as cidades que serão narradas nos próximos capítulos existem, são reais e de alguma forma podem ser tocadas. Elas possuem lugar específico, estão construídas na memória de quem as conta. São frutos dos desejos, das experiências, dos anseios e dos sonhos. Os significados atribuídos a estas cidades sofrem constantes alterações tendo em vista o cíclico processo de construção e reconstrução a qual são submetidas sempre que um fato marca o narrador. Não obstante, termos como materialidade, cidades imaginadas e imaginário urbano, por exemplo, não estarão ausentes neste trabalho.

As descrições das cidades [...] tinham esse dom: era possível percorrê-las com o pensamento, era possível se perder, parar para tomar ar fresco ou ir embora rapidamente. (CALVINO, 2003, p.43)<sup>27</sup>

Publicado no ano de 1972, a obra literária “As cidades invisíveis” de Ítalo Calvino, evidentemente, tem implicações diretas no desenvolvimento deste corpo teórico. Através das viagens feitas por Marco Polo a pedido do imperador Kublai Khan, somos apresentados há um universo de cidades - que faziam parte do Império - através dos relatos feitos pelo viajante. No total são narradas 55 cidades que recebem o nome de mulheres. As cidades são divididas em onze categorias: *memória e o desejo, os símbolos, o delgado, o trocas, os olhos, os nomes, os mortos, o céu, o contínuo e o culto.*

Clássico da literatura e do realismo fantástico, é inegável o alcance e a importância da obra no meio literário, contudo, também torna-se notável a utilização da mesma como base

---

<sup>26</sup> LEFEBVRE, H.. O direito à cidade. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

<sup>27</sup> CALVINO, I. As cidades invisíveis. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de SP, 2003.

para reflexões e pesquisas sobre as questões urbanas, e principalmente, sobre as formas de observar e examinar a cidade (MONTEIRO, 2009)<sup>28</sup>. Para Calvino (2003):

As cidades, como os sonhos, são construídos por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa. (CALVINO, 2003, p.46)<sup>29</sup>

Retirado de um diálogo presente no livro, no trecho supracitado, Calvino deixa explícita sua ideia de que a harmonia e a beleza das cidades não são frutos de projetos com desenhos bem delimitados e cálculos exatos. Calvino busca trazer visibilidade para o invisível, ou como bem definido por Alves (2015)<sup>30</sup>, “busca-se a visibilidade do vivível”. Cada vez que uma cidade é narrada, ela passa por um processo de desconstrução seguido de uma reconstrução, cuja forma atual encontra-se ligado aos acontecimentos vivenciados pelo narrador. As cidades possuem simulacros com representações infinitas. Existem Brasília infinitas, Damascos infinitas. As cidades são infinitas.

As narrações das cidades são resultados das experiências reais somadas às experiências fantásticas. É a descrição do espaço real entrelaçado ao espaço utópico. Tais representações nada mais são do que imagens formadas a partir da mistura da imaginação junto aos afetos gravados na memória. De acordo com Castro (2014)<sup>31</sup>, quando transitamos por uma cidade, não retemos somente o local em si, mas *espaços-sensações-flutuantes*, que serão relidos, recontados a partir de uma matriz. Calvino traz esta ideia de que cada um de nós possuímos uma matriz espacial que vai funcionar como um protótipo-modelo pela qual ressignificamos todos os outros espaços, que podem ser as cidades visitadas ou os sonhos.

A representação imaginativa que os sujeitos fazem de sua cidade corresponde à experiência vivida e percebida nesta mesma cidade, somada a

---

<sup>28</sup> MONTEIRO, E. Z.. Cidades Invisíveis Visitadas: Uma leitura de Ítalo Calvino para compreender a paisagem urbana. Vitruvius, v. ano 08, p. 085.02, 2009.

<sup>29</sup> CALVINO, I. As Cidades Invisíveis. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de SP, 2003.

<sup>30</sup> ALVES, L. R.. A cidade invisível, de Calvino: os modos de organizar e visibilizar o vivível. Estudos Avançados (USP. Impresso), v. 29, p. 327-340, 2015.

<sup>31</sup> CASTRO, G. De. Espaços e Afetos Intermitentes do Imaginário - As Cidades Invisíveis de Ítalo Calvino. Esferas., V.3, N. 4, p. 157-166, 2014.



gama de outras experiências e interpretações agregadas das relações emotiva e material com o mundo. (COSTA; PELUSO, 2016, p.6)<sup>32</sup>

As cidades que serão descritas nos próximos capítulos só foram alcançadas mediante a interação com a imaginação, com o campo subjetivo. Estes são espaços flutuantes, metamórficos, espaços que se materializam quando aciona-se a sensibilidade e o afeto, sentidos estes que estão presentes na memória (CASTRO, 2014). De acordo com Nogueira (1998, p.3)<sup>33</sup>, “cada um constrói, então, sua cidade imaginada, sua cidade ideal, e dentro dela as relações dão conta de todos os desejos”.

É, sobretudo, essa dimensão da sensibilidade que cabe recuperar para os efeitos da emergência de uma história cultural urbana: trata-se de buscar essa cidade que é fruto do pensamento, como uma cidade sensível e uma cidade pensada, urbes que são capazes de se apresentarem mais ‘reais’ à percepção de seus habitantes e passantes do que o tal referente urbano na sua materialidade e em seu tecido social concreto. (PESAVENTO, 2007, p.14)<sup>34</sup>

O que se obtém das narrativas sobre as cidades são os acontecimentos, as relações, as ações que são captadas pelo olhar, atento ou não, do narrador. E por estar subjetivamente ligada a este olhar, é que *a cidade* se converte em *as cidades*, ciente dos incontáveis discursos que tentam apreender e construir totalidades. Sabendo de sua complexidade e grandiosidade, a cidade usa de licença poética ao permitir que transitem entre o verossímil e o inverossímil.

O verossímil capta o dinamismo da história e o organiza no discurso narrativo/descritivo, sem afirmar categoricamente a verdade, ou a realidade. [...] Interessa, sim, citar o real, sem esquecer que o discurso é um perigo para a realidade, embora seja a probabilidade comunicativa, pois não se chega à verdade do real sem ele. (ALVES, 2014, p. 334)

Fazendo uso do conceito de *cronótopos*<sup>35</sup>, expressão de Mikhail Bakhtin, Pesavento (2007) afirma que as cidades são em sua essência unidades de tempo e espaço. Para a autora:

A cidade é sempre um lugar no tempo, na medida em que é um espaço com reconhecimento e significação estabelecidos na temporalidade; ela é

<sup>32</sup> COSTA, E. B.; PELUSO, M. L. . Imaginário urbano e 'situação territorial vulnerável' na Capital do Brasil. *Biblio 3w* (Barcelona), v. XXI, p. 1-36, 2016.

<sup>33</sup> NOGUEIRA, M. A. L. . A cidade imaginada ou o imaginário da cidade. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 1998, vol.5, n.1 [cited 2020-01-08], p.115-123.

<sup>34</sup> PESAVENTO, S. J.. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.. *Revista Brasileira de História*, v. 27, p. 7-23, 2007.

<sup>35</sup> Para maiores informações, ver: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/cronotopo/>

também um momento no espaço, pois expõe um tempo materializado em uma superfície dada. (PESAVENTO, 2007, p.15)

Estudar cidades imaginadas consiste em buscar compreender o fenômeno urbano a partir do discurso da memória. Segundo Nogueira (2014), o ato de visitar a cidade através da memória ocorre no espaço-temporal denominado pela autora de *instante-já*. O que ocorre é que as cidades narradas invocam um marcação temporal distinta do *chronos* a qual estamos submetidos. Passado, presente e futuro se mesclam formando uma reconfiguração temporal singular. Isto porque a “cidade do passado é sempre pensada através do presente, que se renova continuamente no *tempo de agora*, seja através da memória/evocação, individual ou coletiva, seja através da narrativa histórica pela qual cada geração reconstrói aquele passado” (PESAVENTO, 2007, p.16). Ou seja, ao relatar o seu olhar sobre a cidade, o narrador parte do passado vivenciado, mas que na memória se representa através do tempo presente.

Ao inventar o passado, contando a história de suas origens e de seu percurso no tempo para explicar seu presente, a cidade constrói seu futuro, através de projetos e visões de mundo que apontam para um *depois*, seja como ficção científica, seja como planejamento urbano. [...] Assim como pensa o seu futuro, a cidade inventa o seu passado sempre a partir das questões do seu presente. (PESAVENTO, 2007, p.17)

Segundo Costa e Peluso (2016), o imaginário urbano traz concepções que estão entrelaçadas à relação de identidade e repulsa que o narrador vivencia em relação ao território. Para os autores, isto é a constituição do *espaço vivido* e o *espaço percebido* pelos cidadãos, espaços estes que dialogarão diretamente com as formas, fronteiras e expectativas da cidade em produção.

A cidade se faz no observador e este se configura também pela imagem e possibilidades capturadas da cidade em reprodução permanente. (COSTA; PELUSO, 2016, p. 7)

Alves (2014), ao discutir as narrativas a respeito das cidades imaginadas, destaca o conceito de translação imaginativa, isto é, toda vez que o narrador é invocado a relatar, parte-se de um traslado imaginário, uma visitação àquela localidade invisível. O autor ainda destaca que “o ato de narrar, com pitadas de descrição, é o ato de acontecer social, sendo fundamentalmente um ato de conhecer” (ALVES, 2014, p.335). Contudo, Calvino (através de um diálogo entre Marco Polo e o imperador) aponta uma ponderação que cabe destaque, onde resumidamente afirma que não se pode confundir a cidade com o discurso sobre ela.

Retomando Ítalo Calvino e seu livro “As Cidades Invisíveis”, temos que toda a trama, e conseqüentemente, as análises das cidades relatadas estão ancoradas nas narrativas do viajante Marco Polo descritas ao imperador Kublai Khan. Destaca-se a figura de Marco Polo, que dentre as inúmeras representações, também era um estrangeiro nas terras daquele império. O viajante veneziano em seus relatos tem de lidar com a constante descoberta de um novo universo e com os inúmeros estímulos despertados por cada fragmento de cidade desbravada. As narrações feitas, e que em determinados momentos Marco Polo é convidado a interpretá-las, fascina pois corporificam o olhar do outro, olhar este parte de um projeto-modelo de cidade, no caso dele, Veneza. E neste ponto, tecemos novamente um paralelo junto a este trabalho, e abrimos espaço para a discussão do próximo tópico a respeito das narrativas teóricas sobre os estrangeiros.

#### **1.4 [...] sobre o estrangeiro e a cidade**

Em um pequeno ensaio, com menos de 10 páginas, escrito em meados dos anos de 1908, Georg Simmel volta o olhar para a figura do estrangeiro. Talvez um dos primeiros sociólogos entusiasta dos estudos urbanos, Simmel aqui buscava entender o que para ele seria uma das figuras mais marcantes e características das cidades contemporâneas, ainda que esta presença fosse marcada pelo anonimato.

Segundo Simmel (1983)<sup>36</sup>, o estrangeiro – em distinção ao viajante<sup>37</sup> - é aquele que chega e permanece (embora nunca supere sua liberdade de ir e vir). Enquanto o viajante/turista deixa claro a temporalidade de seu movimento, o estrangeiro, uma figura conflitante, acaba por criar relações distintas com os originários do local de destino, tendo em vista sua permanência. Exemplificando quem seriam considerados estrangeiros na cidade que analisa, Simmel destaca a presença dos judeus, comerciantes, profissionais liberais, dentre outros.

É desse modo que se discute o estrangeiro aqui e não no sentido em que muitas vezes no passado se tocou neste assunto, considerando o viajante que chega hoje e parte amanhã, porém mais no sentido de uma pessoa que chega hoje e amanhã fica. Este é, por assim dizer, o viajante potencial: embora não

---

<sup>36</sup> SIMMEL, G. O Estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org.). 1983. Simmel – Sociologia. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 34. p.182- 188.

<sup>37</sup> Para Simmel, o viajante é aquele que procura apenas visitar o país e depois voltar a sua terra de origem. A sua movimentação é de caráter temporário.

tenha partido, ainda não superou completamente a liberdade de ir e vir.  
(SIMMEL, 1983, p.1)

Simmel (1983) destaca que as relações e atribuições sociais reservadas aos estrangeiros estão sempre ligadas ao não pertencimento àquele grupo desde o início (seja daquela sociedade ou do nascimento do migrante). O autor ainda acrescenta que a posição destinada aos estrangeiros dentro daquele grupo será constantemente sublinhada pela ambiguidade de não ser identificado como parte do grupo, mesmo que trabalhe, viva, e se relacione com demais integrantes, ou seja, sendo parte integrante daquele local.

Para Simmel (1983), o estrangeiro é um ser dialético, isto porque são constituintes dele como figura social o perto e o longe; o temporário e o permanente; o pertencimento e o não pertencimento. É um sujeito paradoxal, fruto da modernidade que também gerou as grandes cidades, provoca distância e ao mesmo tempo proximidade ao desejar pertencer-se a sociedade de destino, é o movimento dentro do fixo.

De certo que o pensamento de Simmel ganha proporções maiores nos Estados Unidos do que na própria Europa, os estudos sobre as cidades e a figura do estrangeiro também se alastram pelas universidades americanas na década de 1920, sendo a Universidade de Chicago onde os estudos urbanos ganham maior notoriedade, como citamos anteriormente (VELHO, 1967)<sup>38</sup>.

Através da experiência do judeu, que vai se deslocar do gueto para participar na vida da cidade, onde trabalha ou estuda, Park desenvolve um novo conceito, o “homem marginal”, que sofreria de um hibridismo cultural, pois acaba por participar de forma simultânea de duas tradições culturais distintas. Dentro deste sentido, poderíamos associar o imigrante a este indivíduo marginal, que vai tentar se integrar na vida econômica e cultural desta nova sociedade. Devido a preconceitos raciais, de classe e gênero, muitas vezes esta integração não será possível. Os traços físicos seriam o principal obstáculo para uma integração cultural e não tanto as diferenças de costumes e hábitos (DUTRA, 2013)<sup>39</sup>. O homem marginal seria praticamente uma transição entre a adaptação e a assimilação. O indivíduo não está mais no seu grupo cultural de origem e passa a viver dividido entre dois mundos, e vive em conflito psicológico entre estes diversos mundos sociais, em que esta intensidade varia segundo as situações individuais. Segundo Stonequist (1948), o homem marginal seria aquele que:

---

<sup>38</sup> VELHO, O. G. (Org.) - O Fenômeno Urbano-Zahar, RJ, 1967.

<sup>39</sup> DUTRA, D. MIGRAÇÃO INTERNACIONAL E TRABALHO DOMÉSTICO Mulheres peruanas em Brasília. Brasília: CSEM; Sorocaba, SP: OJM, 2013, 352 p.

(...) oscila entre dois (ou mais) ‘mundos sociais’, refletindo em sua alma os desacordos e as harmonias, as repulsões e as atrações desses dois mundos, um dos quais às vezes domina o outro; dentro dos quais a qualidade de membro se baseia implícita, senão explicitamente, no nascimento ou na ascensão, e onde a exclusão remove o indivíduo de um sistema de relações grupais. (STONEQUIST, 1948, p.39-40)<sup>40</sup>

Segundo Park, assimilação seria o processo em que grupos de indivíduos participam do funcionamento de uma cidade, sem perder suas peculiaridades. A assimilação é efetivada ao se adotar o uso de uma língua única, de tradições e técnicas comumente compartilhadas (COULON, 1995, p.45)<sup>41</sup>.

### **1.5 [...] sobre Brasília**

A construção de Brasília inicia-se no ano de 1956 e prolonga-se até 1960, ano em que foi inaugurada. Chamadas foram feitas, convidando os brasileiros a trabalharem na construção da nova capital do país. Houve uma imigração em massa, os trabalhadores que chegavam receberam o nome de Candangos e vinham de diversas regiões do país, como Nordeste, Minas Gerais e Goiás. O andamento da obra foi sempre intenso, do início ao fim. Dentre as obras erguidas neste período estão os principais prédios públicos e diversas quadras residenciais na Asa Sul do Plano Piloto. Os candangos trabalhavam intensamente no que se é conhecido como regime de virada, o que gerava um alto índice de acidentes (GOUVÊA, 1995, p. 61-65)<sup>42</sup>.

Para materializar a implementação do projeto da construção do Plano Piloto no Planalto Central, o governo federal cria a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap), fruto da Lei n 2.874, sancionada em 19 de setembro de 1956, pelo presidente Juscelino Kubitschek. No texto era definida a mudança da Capital do Rio de Janeiro e discorria sobre as principais tarefas da recém criada Companhia, dentre elas construir e administrar a cidade almejada (COSTA; PELUSO, 2016).

---

<sup>40</sup> STONEQUIST, E.V.. O homem marginal: Estudo de personalidade e conflito cultural.. Livraria Martins Editôra S.A., 1948 - 245 p.

<sup>41</sup> COULON, A. A Escola de Chicago. Campinas, SP: Papyrus, 1995

<sup>42</sup> GOUVÊA, L.A.C.. Brasília: A Capital da Segregação e do Controle Social. São Paulo: Annablume, 1995. 160 p.

As ações de ordenamento territorial em Brasília, naquele momento, condiziam com o ‘planejamento modernista’, no qual o Estado era o grande desapropriador, detinha o monopólio do solo utilizável, dominava o investimento em habitação e infraestruturas. Esta função era garantida pela Novacap, com a qual foi possível gerir o território com o poder sobre a terra usada, ou ainda com o uso potencial e futuro, e para tornar possível a ‘uniformização’, a ‘disciplina’ e o ‘controle’ de sua ocupação, em nome de uma ‘ordem espacial’ e uma ‘integralidade’. (COSTA; PELUSO, 2016, p.10)

Conforme descreve Gouvêa (1995), o processo de desativação dos acampamentos e extinção das favelas próximas ao Plano Piloto aconteceu antes mesmo da inauguração da capital. Os moradores destas regiões foram transferidos para as recém-criadas cidades-satélites, que não estavam contidas no plano original de Lúcio Costa. A consolidação da cidade ao longo dos anos de 1970, graças a transferência dos demais órgãos públicos, gerou uma nova onda migratória para a localidade.

Segundo Ribeiro (2008)<sup>43</sup>, a construção de Brasília seria a materialização da nacionalidade brasileira, em consonância com um projeto que fora dos colonizadores portugueses e dos bandeirantes ao tomar posse efetiva do território nacional. Brasília surge então como figura emblemática do processo de desenvolvimento do país, graças a promessa que as diferenças sociais seriam neutralizadas, homogeneizadas por meio de uma categoria comum e indistinta, a nacionalidade brasileira. Debruçando-se na caracterização dos trabalhadores que ajudaram a erguer a capital moderna, Ribeiro (2008) destaca que muitos imigrantes vieram em busca de trabalho, permaneceram apenas os jovens sem problemas de saúde, sem família nem esposa e, preferencialmente, sem qualificação. Tais trabalhadores acabavam que subordinados quase que integralmente ao sistema de trabalho, inclusive nos períodos destinados ao lazer e ao descanso, tendo como motriz de justificativa a ausência da família. Para além disto, a privação da presença da família era primordial levando em consideração que havia objetivos por parte dos idealizadores de que estes trabalhadores não fixassem na cidade após a construção.

---

<sup>43</sup> RIBEIRO, G. L. . O Capital da Esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

De acordo com Holston (1993)<sup>44</sup>, o plano de uma cidade modernista, tal qual foi o de Brasília, provou-se uma grande utopia. Segundo o autor, as superquadras deveriam abrigar diferentes classes sociais. Não necessitou muito tempo para que as localidades estivessem muito bem definidas: a classe média e alta localizadas nos apartamentos funcionais das superquadras e nas mansões construídas a beira do Lago Paranoá, enquanto os pobres alojaram-se nas regiões administrativas, antigamente conhecidas como cidades-satélites. O desenvolvimento social de Brasília é embalado pelas tensões e contradições, tendo em vista que foi projetada para criar um tipo de sociedade, e terminou sendo construída e habitada por outro.

As diretrizes da Novacap fizeram possível o ordenamento territorial de Brasília, de acordo com o “urbanismo científico” proposto pelos CIAMs (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna), que idealizaram uma “era da máquina” com cidades cartesianas e geométricas, iluministas, a modificar a sociedade por meio da reforma urbana. Esse urbanismo pretendia controlar o caos das metrópoles e tornou-se um instrumento do Estado para amenizar uma urbanização sem padrões mínimos de saúde e bem-estar das habitações; tratava-se de um urbanismo nascido do confronto entre o mito progressista das máquinas e a miséria operária, o que de fato se fez em Brasília. (COSTA; PELUSO, 2016, p.10)

Vidal (2009)<sup>45</sup> reconstrói o percurso percorrido ao longo do planejamento de uma capital brasileira, pensada para o interior de seu imenso território. Parte da Nova Lisboa, formulada como possível nova sede do novo Reino Unido de uma corte exilada, até a Brasília de Juscelino Kubitschek, fruto de uma arquitetura moderna implementada no meio do planalto central. Segundo a autora, Brasília não é só um projeto de uma nova cidade, é antes de qualquer coisa uma nova capital, que recebe a incumbência solidificar o projeto de um Brasil moderno, desenvolvido, e interiorizado. A autora destaca que a temática da construção de uma nova capital interpelou praticamente todos os governos, dos monárquicos aos republicanos.

Brasília desponta como uma das principais obras dentro do urbanismo moderno. Equipamentos urbanos utópicos, o modo de vida que se é produzido na cidade ganha espaço

---

<sup>44</sup> **HOLSTON, J.** A Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia/ James Holston; Tradução Marcelo Coelho.- São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>45</sup> **VIDAL, L.** De Nova Lisboa a Brasília: a invenção de uma capital (séculos XIX-XX). Trad. Florence Marie Dravet. Brasília: UnB, 2009. 352 p

nos estudos. Passa-se a buscar entender que tipo de sociabilidade urbana que a nova organização espacial gerou. A especificidade morfológica de Brasília, acarretou num modo de vida que é caracterizado como típico brasileiro. Diferente de muitas outras cidades, Brasília impõe uma locomoção através de automóveis, suas ruas foram feitas para isto (MACHADO; MAGALHÃES, 2010)<sup>46</sup>.

Conforme destaca Nunes (1997)<sup>47</sup>, as diversas políticas governamentais que ofereceram doações de terras públicas no Distrito Federal (todas em Regiões Administrativas) vieram acompanhadas de uma supervalorização dos imóveis do Plano Piloto. Paviani (1997) atesta que as diferentes formas de acessar uma vida digna, muitas vezes provocadas pela segregação espacial de Brasília, criaram dois tipos de cidadãos:

o completo que produz, consome, locomove-se, tem alto grau de liberdade, mora e trabalha no Plano Piloto; e o incompleto ou ‘cidadão mutilado’, que não produz, não tem habilidades e acesso ao trabalho, aos bens culturais, educacionais e outros, não possui liberdade e foi removido pelo governo para os assentamentos semi-urbanizados, em pontos distantes dos locais de trabalho. (PAVIANI, 1997, p.63)

De acordo com Machado e Magalhães (2010), Brasília é descendente direta do urbanismo moderno, que não queria mais saber de reformas parciais e sim totais. Brasília então é um projeto *todo*, nascida de rascunhos e implementada num vazio construído do cerrado. A característica prevaiente no projeto de Brasília é separar espacialmente suas funções, ou seja, cria-se espaços para habitações, trabalho, lazer e obrigações. Por mais que propaguem a ideia de uma construção igualitária, as autoras frisam que a intenção de Lúcio Costa não foi de dar fim à segregação espacial entre pobres e ricos, tendo em vista que, a convivência entre ambas as classes sociais foi pensada não no uso da mesma superquadra, mas no uso de equipamentos de uma unidade de vizinhança.

Segundo Costa e Peluso (2016), antes mesmo da inauguração de Brasília, a permanência dos trabalhadores da construção da capital já era enxergada como um problema, e soma-se a este fato a chegada de migrantes de todos os cantos do Brasil, que vieram na nova

---

<sup>46</sup> MACHADO, L. Z.; MAGALHÃES, T. Q. Imagens do espaço: imagens de vida. In: BICCA, Paulo; PAVIANI, Aldo. Brasília, ideologia e realidade: espaço urbano em questão. São Paulo, SP: Projeto Editores Associados, Brasília, DF: CNPq, 1985, p. 191-214.

<sup>47</sup> NUNES, B. F. . Fragmentos Para Um Discurso Sociológico Sobre Brasília. In: Nunes, B. F.. (Org.). BRASÍLIA: A CONSTRUÇÃO DO COTIDIANO. 1ed. BRASÍLIA: PARALELO 15, EDITORA, 1997, v. , p. 1-302.



cidade uma oportunidade de encontrar um emprego e melhorar de vida. Esta população que chegava em grande quantidade e quase que diariamente, começou a se instalar nas áreas vazias do planalto, nas redondezas do Plano Piloto. Para as autoridades, a harmonia e racionalidade do Plano Piloto era colocada em perigo graças à multidão que se aglomerava ao redor. Buscando soluções que apresentassem resultados imediatos, o governo começa a construção de algumas cidades-satélites, que inclusive, foram ocupadas antes mesmo da inauguração da cidade-modelo. Foram criadas espécies de cidades-depósitos, cuja funcionalidade era alocar todos aqueles que não estavam contemplados no projeto-modelo.

Estava em curso o primeiro momento de conflitos favorecedores de imaginários, no amplo espaço da Nova Capital e Distrito Federal, que se dava pela contradição entre a ordem identificada como burocracia-modelo e o habitante da cidade-modelo, e a ‘desordem’ a ser contida, identificada com o trabalhador e seus novos lugares (cidades satélites) dentro do Distrito Federal. (COSTA; PELUSO, 2016, p. 14)

O antropólogo Aragão (1988)<sup>48</sup> destacava que o cerrado foi a região brasileira que mais foi submetida a transformações radicais, incluindo no modo de vida, que era secularmente característico da localidade. Segundo o autor, das cidades históricas que cercavam Brasília antes da chegada de Juscelino Kubistchek, pouco restava já em 1988. Os moradores que subsistiram relataram o autor que as negociações para cederem as terras para a construção da nova capital nem sempre foram diplomáticas, e por muitas vezes violenta e opressora.

Resgatamos abaixo algumas passagens do discurso de Kubistchek na inauguração de Brasília<sup>49</sup>:

“Não vos preciso recordar, nem quero fazê-lo agora, o mundo de obstáculos que se afiguravam insuportáveis para que o meu Governo concretizasse a vontade do povo, expressa através de sucessivas constituições, de transferir a Capital para este planalto interior, centro geográfico do País, **deserto ainda há poucas dezenas de meses.**” [Grifo nosso].

“Quando aqui chegamos, **havia na grande extensão deserta apenas o silêncio e o mistério da natureza inviolada**” [GRIFO NOSSO].

---

<sup>48</sup> ARAGÃO, L.T..Perspectivas de Ocupação do Cerrado na Região de Brasília ou Notas para uma Antropologia do Sertão. Anuário Antropológico/72. Brasília: 1988.

<sup>49</sup> Trechos retirados da página: “Discurso de Juscelino Kubitschek na inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960”. Disponível em:< <http://geaciprianobarata.blogspot.com/2015/10/discurso-de-juscelino-kubitschek-na.html>> Acessado em 25/10/2018 às 01:25

“Esta cidade, recém-nascida, já se enraizou na alma dos brasileiros; **já elevou o prestígio nacional em todos os continentes**; já vem sendo apontada como demonstração pujante **da nossa vontade de progresso**, como índice do alto grau **de nossa civilização...**” [Grifo nosso].

Ainda partindo dos escritos de Aragão (1988), a região onde o Plano Piloto foi construído era ocupada por fazendas, e há relato da presença de indígenas, o que já desmistifica o discurso de uma terra vazia. Kubistchek, conscientemente, busca através de sua fala construir um mito que deveria ser propagado de gerações em gerações, onde a história a ser construída e contada era a de que Brasília nasce do nada, do vazio. Esta afirmação ganha contornos mais bem delineados quando identificamos nas narrativas do então presidente tentativas de sucumbir o que já se fazia presente em terras do planalto naquela época em prol de uma progresso civilizatório, assim como a ideia de “pra quem é Brasília?”, tendo em vista o caráter provisório e bárbaro ao qual os trabalhadores foram submetidos. Ainda, a morfologia urbana de Brasília compactua para a construção de vazios, perpetuando a ideia do desenvolvimento alocado no meio do nada.

## **1.6 [...] sobre cidade e memória**

A partir das formulações da historiadora Pesavento (2004)<sup>50</sup>, entendo que ao longo deste trabalho duas dimensões de espaço e de tempo aparecem nos relatos: a da arquitetura e a da narratividade. Segundo a autora, “o espaço se dá a ler, o tempo se dá a ver, com o que retomamos a ideia do cronótopo e uma postura hermenêutica que se dispõe a decifrar sentidos, sobretudo aqueles que nos chegam do passado”. Trata-se, então, de buscar uma abordagem da cidade onde as formas e sentidos do espaço contemplem a temporalidade, assim como este espaço também é sede de inúmeras temporalidades e sentidos.

De acordo com Paul Ricouer (2007)<sup>51</sup>, tanto a espacialidade quanto a temporalidade fluem de alguma forma do ato de narrar, sendo o destino do espaço ligado ao do tempo. Silva (2018)<sup>52</sup> aponta que concomitante ao ato de narrar sucede-se uma alteração entre espaço e tempo, onde os narradores utilizam de múltiplas variações de espaço e de tempo.

---

<sup>50</sup> PESAVENTO, S. J. . Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano.. Fragmentos de Cultura (Goiânia) , v. 14, n.9, p. 1595-1604, 2004.

<sup>51</sup> RICOEUR, P.. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

<sup>52</sup> SILVA, N.G. AS CIDADES INVISÍVEIS E A MEMÓRIA:: UM ESTUDO SOBRE ESPAÇO, TEMPO E IMAGINAÇÃO NA NARRATIVA DE ÍTALO CALVINO. Orientador: Fabricia Wallace Rodrigues. 2018. 115

De acordo com Silva (2013), o sentimento de reconhecimento que o indivíduo desenvolve com determinado lugar está diretamente ligado à memória, e por consequência, ao significado que se atribui a este espaço. Interpretar uma cidade, segundo a autora, é um ato subjetivo e que vão se diferenciar conforme as experiências individuais. Contudo, existe além da memória individual a memória coletiva que age concomitantemente e é a responsável por dar forma ao sentimento de pertença dentro de um grupo. Para Halbwachs (1990)<sup>53</sup>, as divisões e estruturas de agrupamentos urbanos reproduzem a configuração material da cidade na qual eles estão inseridos. A memória coletiva se desenvolveria a partir de quadros especiais e teria como base imagens espaciais.

Ainda em consonância com Silva (2013), ao tentar compreender o sentimento de afeição que o indivíduo estabelece com determinado espaço não podemos ignorar a importância da memória. Ao isolarmos a memória teríamos a construção de espaços banais, indiferentes, que carecem de identidade. Lugares que não tocam o indivíduo, não o emocionam, tenderiam a cair com maior rapidez no esquecimento formando os não-lugares que, por conseguinte, é o oposto de um lugar antropológico.

Como lugar antropológico entende-se todos os lugares com simbolismo e significado, «lugares de memória» que variam consoante a sociedade em que se inserem. O não-lugar, em contrapartida, consiste em qualquer lugar despido de significado, geralmente resultado de infraestruturas necessárias ao trânsito acelerado como vias rápidas, aeroportos ou grandes superfícies comerciais. (SILVA, 2013, p.30)<sup>54</sup>

A memória trilha um caminho distinto da história, isto porque parte de lembranças. (Re)Visitar imagens, relatos, documentos e impressões é também (re)visitar, de certa forma, o passado e, conseqüentemente, lugares que foram eternizados e são acionados através das lembranças. Segundo Pierre Nora (1993)<sup>55</sup>, é característico da memória ser um fenômeno sempre atual, uma conexão com o passado e que se vive sempre no presente. A memória é

---

p. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Programa de Pós-graduação em Literatura (PósLit), Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

<sup>53</sup> HALBWACHS, M. *A Memória coletiva*. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

<sup>54</sup> SILVA, A. C. O. . Para uma Cartografia Imaginária. Orientador: Eduardo Fernandes. 2013. 143 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Escola de Arquitectura, Universidade do Minho, Braga, 2013.

<sup>55</sup> NORA, P.. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. p.7-28, 1993.

alimentada por lembranças vagas, movediças e são sensíveis às mais diversas ações. A história, por sua vez, funciona como uma tentativa de representar o passado, é uma reconstrução inacabada de algo que não existe mais.

O tempo na cidade é indefinido e plural, isto porque ele encontra-se em constante construção. As ações tomadas no presente possuem como alvo sempre o plano passado ou futuro. Viver dentro de um espaço urbano exige que haja um planejamento para que seja possível habitar ali em um marco temporal diferente do agora. O hoje vivido na cidade é o tempo onde se pensa o amanhã. Para Pesavento (2004, p.14), “uma cidade, pois, inventa seu passado e cria o seu futuro para explicar o seu presente”.

Renovar e reabilitar, jogando, desde o presente, as dimensões do passado e do futuro de uma cidade, seria uma outra forma de exercer a cidadania, entendendo que habitar a cidade implica dotar seus habitantes deste direito de usufruir vários tempos. O direito à cidade, fundamental na construção do que se pensa como cidadania, é, fundamentalmente, um direito à história, à memória, à identidade. (PESAVENTO, 2004, p.14)

Segundo as autoras Tardivo e Pratschke (2016), a memória da cidade é fruto de uma gama de recordações e narrativas que dela despontam. Esta memória é recuperada em determinados lugares, cujos aspectos simbólicos geram afetividade em seus habitantes e representam suas narrativas e por fim, possibilitam a compreensão de um todo. A ideia de pertencimento e identificação emergem justamente neste constante processo de inventar um passado e um futuro a cidade, e que no final acaba por explicar recorrentemente seu presente, gerando uma identidade e um modo de ser.

Na narrativa de Ítalo Calvino no livro “As Cidades Invisíveis”, o autor coloca em questão a dependência da memória como algo estritamente relacionado ao passado e propõe pensar o tempo de uma maneira não ordinária. É através da memória, e principalmente a memória coletiva, que somos capazes de criar laços e identificar-nos com o lugar. Contudo, nos prendermos a memória do passado, segundo Silva (2013), não nos permitiria uma evolução, porque “a nostalgia prende o indivíduo a um passado idealizado. Um dos subterfúgios da memória é o de manter o indivíduo numa espécie de transe no qual idealiza e deseja um passado que nunca aconteceu”.

Nessa perspectiva, dentro do que Calvino intitulou por cidades invisíveis, destacam-se vários aspectos relativos à construção da memória que não se

restringem a lembrança, pois aproxima-se muitas vezes do material e da presença do tempo na vida do indivíduo. (Tardivo ; Pratschke, 2016, p.10)

Para Silva (2018), o passado está sempre presente, se atualizando, e tornar-se um passado ‘atual’, como ela define. Então, a memória também trilha esta direção, onde o tempo é indivisível e sobrepõem-se a cada instante. O tempo se afastaria do espaço e ganharia contornos subjetivos. Não significa que deva-se anular as categorias *passado*, *presente* e *futuro*, mas se trata de ressignificá-las, entendendo que os relatos constituem-se em um presente real que é conformado pelo passado e pelo futuro imediato. O campo memorial quando é acionado alcança proporções que vão além da dimensão do passado, a lembrança é deslocada para o período da atualidade e os espaços dentro das narrações que serão completados pela memória não funcionam como um *lembrar* e sim como um *perceber*.

Ao experienciar eventos psíquicos ou físicos, passamos por uma atenção maior ou menor a cada um deles. A memória seria o elo que liga nossa sensação de domínio do passado com o que ele reproduz no seu prolongamento no presente. [...] O que entendemos por presente se estende ao passado e ao futuro, constituindo uma fusão de sensação e movimento. (SILVA, 2018, p. 54-55)

Em conformidade com Silva (2018), entendo que as reconstruções das cidades que serão feitas nos capítulos a seguir, principalmente quando tratarmos de Damasco, a cidade natal de nossos narradores, são frutos de uma sobreposição de imagens passadas presente nas narrações, o que gera fusão de imagens que em determinado momento podem vir a substituir inclusive as imagens do presente. As narrativas estão livres para perambular entre o passado, o presente e o futuro, assim como estão livres para ampliá-los quando necessário, ou compactá-los quando for conveniente. A esta não linearidade temporal, Bosi (2005)<sup>56</sup> chama de *tempo vivo da memória*. A memória une de forma dialética o passado, o presente e o futuro e permite identificar como os indivíduos produzem narrativas dos espaços urbanos que vivenciam. Os conectores usados pelos narradores para amarrarem seus relatos e suas (re)construções urbanas poderão apresentar diferenças marcadas por questões geracionais, isto porque, segundo Bosi (2005), cada geração utilizará de um ponto de amarração de sua história fruto da memória de acontecimentos que possui em relação ao lugar. Para a autora, muitas vezes os espaços são a expressão do modo de ser dos indivíduos dentro daquele lugar

---

<sup>56</sup> BOSI, E.. Memória e sociedade, lembranças de velhos.13.a edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 484 p.

e cabe a memória separar quais lugares e localidades ganharam notoriedade e privilégios na construção narrativa, não obstante, em suas entrevistas os locais da infância tornam-se os primeiros pontos de referência na memória e a partir dele é que a cidade passa a expandir para o narrador. Por fim, a autora aponta que o ritmo imposto aos cidadãos pela sociedade capitalista cria uma tendência a produção de uma memória fragmentada, onde os suportes materiais da memória acabam sendo dissipados.

## Capítulo 2

### **Narrando Cidade(s)**

A cidade de quem passa sem entrar é uma: é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali; uma é a cidade à qual se chega pela primeira vez, outra é a que se abandona para nunca mais retornar. (CALVINO, 2003, p.115)<sup>57</sup>

#### **2.1 Considerações iniciais**

Eu começaria este capítulo afirmando que mais certo que a função de transcrever as narrativas coletadas sobre as cidades, é inerente à minha atribuição o papel de discernir o relato, quase como um lapidador de palavras, um intérprete. Com isso, abrindo mão do *futuro do pretérito*, começo este capítulo, reafirmando o que acima disse que afirmaria no *futuro do pretérito do indicativo* só que agora no *presente do indicativo*.

A pergunta que talvez fique, depois desta nota introdutória, é: Por que intérprete? A resposta é mais simples do que a tentativa de brincar com os tempos verbais. Os relatos que serão acompanhados a seguir são frutos dos questionamentos feitos a estes narradores por mim (*persona pesquisador*). Cada pergunta foi concebida com o intuito de buscar respostas às perguntas de pesquisa feitas nesta dissertação. E por maior liberdade e veracidade que desejamos dar aos fatos aqui narrados, eles passam pelo filtro da interpretação de quem as transcreve e reconstrói junto ao texto.

A gramática da língua portuguesa é algo fascinante mas também perigoso. Sendo assim, prossigo com o foco desta parte do trabalho que consiste em discutir a construção do que é cidade, assim como busco também entender o que constitui uma cidade, quais elementos são necessários para que esta assuma a forma de cidade, para enfim dar vida a tipos ideais de cidades através da escrita. Tudo isto partindo das narrações feitas pelos nossos interlocutores de origem síria.

Cada um constrói, então, sua cidade imaginada, sua cidade ideal, e dentro dela as relações dão conta de todos os desejos. Podemos supor que há as que dão forma aos desejos, e outras, que são

---

<sup>57</sup> CALVINO, I. As cidades invisíveis. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de SP, 2003

engolidas por eles. Os desejos são os dínamos da cidade, viabilizando a transformação das lembranças no âmago de novas relações com os fatos. (NOGUEIRA, 1998, p.1)<sup>58</sup>

"A cidade", na verdade, são cidades. Isso não é uma hipótese, pondero ser uma constatação. O que a produção acadêmica nos mostra é que a cidade é heterogênea, é plural, é diversa e é variegada. Robert E. Park<sup>59</sup> no início dos anos de 1920 já descrevia a cidade como um mosaico de pequenos mundos. Com tantas particularidades, tratar no singular algo que na sua essência é plural pode incorrer numa generalização indevida dos fenômenos que acontecem nestes núcleos urbanos. Além disso, se a vivência individual de cada habitante gera uma experiência diferente, e conseqüentemente, um simulacro diferente da cidade, entendê-la a partir de um único referencial de observação seria, no mínimo, oferecer ao leitor deste trabalho uma visão limitante e rasa das possibilidades de se representar a urbe. E não é - não mesmo! - o que queremos.

Contudo, em consonância com Calvino (2003)<sup>60</sup>, entendo que as narrativas que construo a respeito de determinada cidade é fruto, além da minha vivência e interação com o local, de uma matriz que carrego a partir das minhas memórias e que funciona como um prisma pelo qual eu busco enxergar e descrever outras localidades. Significa dizer que todos nós temos a matriz de uma urbe idealizada no nosso imaginário, que pode ser um construto ou uma representação de um espaço já vivenciado, e essa matriz vai influenciar diretamente no modo como narraremos as nossas experiências citadinas e as construções físicas que permitem que as vivenciamos. Então, para entender o modo como a cidade X ou Y é descrita, preciso entender a partir de qual significado e matriz de cidade meus narradores ancoram seus relatos. Somente assim será possível compreender o caráter maniqueísta que muitas vezes é atribuído a determinadas localidades, como também as surpresas e frustrações advindas com a vida urbana.

---

<sup>58</sup> NOGUEIRA M. A. L.: 'A cidade imaginada ou o imaginário da cidade'. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, V (1): 115-123 mar.-jun. 1998.

<sup>59</sup> PARK, Robert Ezra, 1967. "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano". In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.) - O Fenômeno Urbano-Zahar, RJ, 1967.

<sup>60</sup> CALVINO, I. As cidades invisíveis. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de SP, 2003.



## **2.2 Cidades: narrativas de uma matriz**

Imagino que os apontamentos feitos no tópico anterior já trouxeram uma ideia de qual foi o pontapé inicial das entrevistas realizadas: o que entende-se por cidade. Mais do que uma indagação, o desejo era gerar uma reflexão. No primeiro momento, queria associações rápidas. Se estivéssemos em um talk-show, chamaríamos de bate-volta. "Se eu falo 'cidade', no que você pensa?". Foi a pergunta que eu fiz para eles, mas acredito que você, leitor, também deve ter pensado em algo<sup>61</sup>. É certo que nesta colcha de retalhos que estamos construindo, a cronologia das entrevistas não será um fator que estruturará o texto. Entretanto, aqui seguiremos esta linha. Desmanchemos o novelo.

\*

Quatro meses separavam meu atual encontro do último que tive com Valência. De sua aparência pouca coisa tinha mudado, para não dizer que não consegui identificar mudanças visíveis, mas todos estamos sempre em transformação. O local era o mesmo, Park Shopping<sup>62</sup>, um dos maiores shoppings, se não o maior, de Brasília. Valência trabalha como vendedor em uma loja de roupas ali, e não havia local mais apropriado para uma conversa que atendesse a disponibilidade de tempo dele.

Ao contrário dos outros narradores, Valência num primeiro instante mostrou-se bem mais recuado ao saber que iríamos conversar sobre um tema que não estivesse intimamente relacionado a sua vida como migrante sírio no Brasil. "É o costume, sempre procuram para falar da Síria", diz ele com um sorriso de quem já estava acostumado a lidar com essas situações.

Os primeiros comandos que eu dei foram: respira fundo, fecha os olhos. Em seguida eu disse: "pode fechar os olhos, confia em mim". Sorrisos de ambos os lados, resultados de ações diferentes: pra mim, o intuito era passar confiança; para ele, ressaltou a desconfiança. "Tá bom. Vai lá!", me confiou Valência. Não queria prorrogar o momento, fui direto: "Quando eu falo em 'cidade', o que vem na sua cabeça?" "Organização, estrutura", é enfático na resposta. Ele abre os olhos e percebe que estou tentando decifrá-lo. "Bom, foram essas coisas que me vieram a cabeça", justifica ele. Respondo dizendo que não achei ruim, pelo contrário, achei muito interessante. Ele ri, eu rio. Sinto que devo dar prosseguimento mesmo

---

<sup>61</sup> Se você pensou em algo, me conta aqui: [ebpesquisas@gmail.com](mailto:ebpesquisas@gmail.com).

<sup>62</sup> Segue localização: <https://goo.gl/maps/VtuHnWmWm8haHYhU7>.

querendo entender melhor o que quis dizer com *organização*. Como pesquisador senti vontade de interrogá-lo, mas queria deixar o ambiente menos tenso. Acreditei que o assunto voltaria mais a frente.

Querendo ter acesso às imagens formadas em sua mente após a primeira pergunta, o questiono sobre o que era preciso ter para uma localidade receber a nomenclatura de cidade. Mais rápido do que eu poderia ter calculado, vejo que adentramos no tópico anterior a qual tinha deixado passar. Valência me conta que para ser cidade tem que ter organização. Agora não poderia deixar passar, o questiono de volta: "Mas o que você quer dizer por organização?". "Organização é estradas boas, limpeza, tudo isso chama atenção para ver se a cidade é cuidada ou não", define ele. "Tem que ter também estrutura", acrescenta. Peço para que me explique melhor. Ele continua: "Pra mim tem que ter o centro, praças, prefeitura. Ai sim dá pra entender que é uma cidade".

Começo a perceber que Valência está se sentindo mais a vontade. Antes de passar para o próximo tópico, pergunto se tem algo mais a dizer, na esperança de obter uma oração com período mais extenso. Ele pensa. Torce os lábios para esquerda. Franze as sobrancelhas e olha para cima. "É...", ele verbaliza e eu penso: "Agora vai"... E foi! "É... É... Tem que ter lugares bom pra sair. Porque assim, não é todas as cidades do mundo que tem histórico/antigo", inicia Valência para em seguida trazer para a narrativa pela primeira vez a dicotomia entre o *aqui* e o *lá*. "A maioria das cidades lá tem histórico, antigo. Aqui não, a cidade tem cinquenta e poucos anos que ela foi construída, então não tem aquela coisa antiga. Lá as pessoas visitam capital, visita as cidades para ver as coisas antiga, a cultura antiga que o povo mantém até hoje", finaliza ele.

Ainda no intuito de entender como ele concebia o que era cidade e o que ele procurava encontrar em uma, peço para que conte o que ele podia citar de semelhante e de diferente entre as cidades que já visitou em sua trajetória de vida. "Já visitei várias cidades. Tanto na Espanha quanto no Líbano também. E outros países", conta Valência. "Na Europa tem muito o histórico/antigo. E nas cidades que não tem muito isto, o povo transformou a cidade no paraíso de estátua e arrumação. Tem praças bonitas, casas bem pintadas, limpeza", detalha. "O que difere de uma cidade para outra é o que tem para mostrar. Aqui em Brasília, só ministérios, tanto que não se vê ninguém dizendo que vem visitar aqui. Vem pra trabalhar mesmo", acrescenta Valência seguido de um riso contido. Eu o acalmo dizendo: "Não sou daqui". Ele agora entrega um sorriso cheio e diz "Ufa!".

\*

Abu Dhabi talvez tenha sido a pessoa mais difícil de convencer a participar deste projeto. Sem eufemismos, assertivamente, foi a pessoa mais resistente. Foram necessários dias e dias de conversas, mensagens e áudios para que, então, pudéssemos marcar nosso encontro no Chiquinho Sorvetes<sup>63</sup>, no Guará II. Conto que durante nossa última conversa antes da entrevista ensaiei uma cena dramática com direito a lágrima nos olhos. Penso que ele entendeu onde eu chegaria para conseguir sua participação neste trabalho e quis preservar minha dignidade. Duplamente obrigado, Abu Dhabi.

Era manhã de um dia de verão, mas poderia ser de qualquer estação nas palavras de Abu Dhabi. Para ele, e creio que para muita gente incluindo quem escreve, “Brasília não tem estação definida. Tudo misturado”. Na sua companhia, além de mim, estava seu filho que em determinados momentos atuou como intérprete para o pai e para mim.

Ciente de como o tempo era corrido para Abu Dhabi, decido iniciar as perguntas logo após uma breve explicação da pesquisa. Muito sério, neste instante consigo ver seus dentes surgindo num breve sorriso. Ele estava aliviado de não ter que falar sobre sua vida ou sobre seus familiares. “Sem fotos e nem vídeo? Não é do jornal? Que bom”, acrescenta ele mais tranquilo. Pronto, agora o ambiente estava propício para iniciarmos.

Era a primeira vez que nos víamos. Senti que não havia espaço para pedir que respirasse fundo e fechasse os olhos. “Bom, quando eu falo em cidade, qual é a primeira coisa que o senhor pensa?”, pergunto. Ele olha para o filho que traduz a pergunta em árabe. Agora é a segunda coisa que pensava, arrisco uma brincadeira. Eles acham graça. Eu também sorrio, aliviado. “Trabalho. Penso cidade, penso trabalho!”, exclama. “É o que mais uma cidade precisa ter para chamarmos aquele lugar de cidade?” Eu o indago. Seu filho faz a tradução de alguns termos, e em seguida Abu Dhabi pega o celular para utilizar o Google Tradutor. “Luxo” ele diz enquanto me mostra a tela do celular. “Tem que ter pessoas também, dinheiro. Tem que ter empresas”, inclui.

Fico curioso para saber as cidades que ele visitou e que o marcaram de alguma forma. Ele se prepara para listá-las. “Bom, Damasco ...”, pausa na fala. Em seguida prossegue: “... Latakia, Beiruti, Dubai, Meca, Medina. Tem muitas”. Pergunto se poderia me apontar algumas características semelhantes e díspares entre essas cidades. “Bom, em todas estas

---

<sup>63</sup> Veja no Google Maps: <https://goo.gl/maps/qX4ooPHKU2g2iAdJ7>.

idades eu vi prédios, ruas, carros, escola. Essas coisas.”, conta Abu Dhabi. "E de diferente?", eu o lembro. “Cultura. A cultura é que vai criar as diferenças.”, pondera ele para logo em seguida complementar: “Porque as cidades árabes são diferentes das cidades brasileiras? Porque a cultura árabe é diferente da brasileira.”, finaliza.

\*

Helsinque é o nosso narrador mais emblemático. Filho de sírios, nasceu no Brasil e ainda pequeno foi para Damasco onde viveu durante 32 anos até se mudar para Brasília, onde vive há 20 anos. “Não sou imigrante”, afirma ele. Contudo, faz questão de dizer recorrentemente que é sírio. “Tenho toda documentação, sou um cidadão da Síria.”, pondera. “Diria que sou um sírio-brasileiro”, finaliza a reflexão sobre sua nacionalidade.

Convidei Helsinque para participar da pesquisa numa segunda-feira. Na quinta-feira da mesma semana estávamos em volta de sua mesa de trabalho, na Secretaria de Trabalho<sup>64</sup>, nos preparando para iniciarmos a entrevista. “Você precisa de mais alguém para conversar? Helsinque tá aqui para ajudar.”, comenta ele enquanto eu tiro o material. Respondo que seria muito bom. “Me lembra depois de te passar os contatos”, finaliza.

Tudo pronto, anuncio que vou começar com as perguntas. Peço que ele respire fundo e esvazie a mente. "Cidade", eu disse. Quando eu digo cidade, o que vem na sua mente? – complemento. “Cidade... Cidadania. É, penso em cidadania”, diz Helsinque. "Cidadania?", eu indago. “É a primeira coisa que eu penso. Mas penso várias coisas. Cidade é o lugar que junta mais pessoas do ser humano. Cidade é um lugar muito grande, não é aldeia. Eu ouço cidade e na minha cabeça eu vejo barulho, movimento. É onde você pode ganhar dinheiro porque tem muito trabalho. Eu penso muita coisa.”, conclui a frase seguida de um leve sorriso. Antes que eu pudesse dar prosseguimento, ele acrescenta: “Cidade pra mim é um lugar vivo. Lugar com vida. É isso!”, finaliza visivelmente satisfeito com as palavras ditas.

Com tantas primeiras associações, era inevitável me perguntar o que viria pela frente. Enquanto me pego neste pequeno devaneio, vejo Helsinque me olhando, na espera da próxima questão. Começo: "Então, agora eu queria que você me descrevesse elementos que fazem de uma localidade uma cidade". “Com certeza a primeira coisa é os hospitais. Não estou falando de Posto de Saúde e sim de hospitais grandes, com capacidade de atender todos

---

<sup>64</sup> De acordo com Helsinque, o prédio é famoso por abrigar a Agência do Trabalhador. A localização é: <https://goo.gl/maps/8Y8SSfug2bzTUVQD6>.

os cidadãos. É um local que atende, que faz cirurgias. Posto de Saúde pode ter em aldeias também, mas uma cidade tem que ter hospitais grandes.”, diz Helsinque iniciando sua arguição. “Muito importante também é o trânsito. Numa cidade as pessoas precisam se deslocar, se movimentar de forma adequada. Acho também que uma cidade precisa ter órgãos, vários. A capacidade política é fundamental numa cidade.”, pondera. “Bom, tem que ter mercado de trabalho. Prédios.”, complementa enquanto leva a mão ao queixo. Neste instante minha imaginação o transforma numa representação de *O Pensador*, de Auguste Rodin. Brinco com ele a respeito. Ele ri e disse que a frase a seguir combina com o que eu disse. “Uma cidade tem que ter congestionamento sem ter engarrafamento. Consegue entender? Tem muita gente, mas não falta circulação”, reflete enquanto ri de sua colocação. “A cidade é um lugar cheio, sempre. Não dorme. É o lugar que tudo que o cidadão procura, a cidade atende.”, conclui a fala para em seguida balançar a cabeça positivamente três vezes, como se aprovasse o resultado de seu relato.

Neste momento da conversa proponho que ele pense nas cidades que ele já visitou ao longo de sua vida. Em seguida, pergunto se ele conseguiria me relatar pontos comuns que ele lembra destas cidades. “Em comum? Avenidas muito grandes e pavimentadas. Trânsito bem organizado. Semáforos. Estacionamento certo. Aeroportos. Hospitais. Serviços. Meios de comunicação e telecomunicação. É isso. Tudo parecido.”, conclui. Retomo a palavra e pergunto: E se eu pedisse para falar dos pontos diferentes, o que você me relataria? Helsinque levanta as sobrancelhas, dirige o olhar para o vazio. Volta o olhar para mim e se prepara para iniciar a resposta. “Bom, diferente? Por exemplo Brasília e Budapeste...”. Aqui temos o primeiro ponto de comparação dentro da narração. Diferente do relato de Valência, Helsinque não traz Damasco para a construção narrativa do *aqui* e *lá* neste momento. Dando prosseguimento ao seu relato: “... em Budapeste temos prédios altos na parte residencial. Aqui mais alto os prédios comerciais e lá os residenciais. Entre Brasília e São Paulo, duas cidades no mesmo país e tão diferentes. Paris por exemplo, muito grande e a vida mais complicada. A vida é programada e mesmo assim tem complicações. Brasília é uma cidade fácil de usar, mais tranquila.”, justifica.

\*

Contar com São Paulo como um dos narradores deste trabalho era inegociável. Cerca de pouco mais de dois anos separavam nosso último encontro. Naquela época a cidade já fazia parte dos nossos temas de conversa. Ele foi o primeiro a dar vida para uma Brasília invisível e, a partir daquele dia, há dois anos atrás, que esta ideia começou a ganhar forma. Talvez seja pela importância e influência dele neste trabalho que demorei tanto para entrar em contato. Estava receoso de ouvir um não. Essa história tem um não de: *não* foi isso que aconteceu. Era uma terça-feira, próximo das 17h30min, e eu envio o convite via Whatsapp. Cerca de meia hora depois estávamos nos preparando para iniciarmos a entrevista.

O local era o mesmo, Damascus<sup>65</sup>, seu restaurante de comida árabe na Asa Sul. Brasília chuviscava naquele momento. Sentamos nas cadeiras do lado externo, mas coberto, do estabelecimento. Eu pergunto se ele lembrou de mim. “Agora sim. Por foto não conseguia me recordar.”, ele disse. Conteí sobre o projeto e a importância que nossa última conversa teve para a origem deste. “Que legal. Feliz em saber! Mesmo que eu não lembre do que eu disse”, ele brincou. Explico a dinâmica da entrevista e aviso que gravarei as respostas.

"Quando eu falo em cidade, o que vem de imediato na sua mente?". Fiz a pergunta de forma direta. “A primeira coisa que eu penso é na minha cidade, Damasco. Tudo lá eu vou achar.”, responde ele mais direto do que a forma na qual foi feita a pergunta. Neste momento seu dedo aponta para o letreiro do restaurante que contém diversas fotos da capital da Síria. Estávamos apenas na primeira pergunta e Damasco acabara de ser invocada na narração. E definitivamente, não seria a última.

Se no bate-volta eu disse cidade e recebi Damasco, perguntei a São Paulo: E o que uma cidade precisa ter para você considerá-la cidade? Ele olhou para mim e disse: “Simples. Quando você acha, mais ou menos, 80% para a sua vida. Por exemplo, se eu quero leite eu acho leite. Se eu precisar achar outra coisa, eu achar essa outra coisa”. Intrigado com a resposta, pergunto se teria outro ponto. “Sim. Uma cidade precisa ter algo especial. Pode ser o antigo, governo. Enfim, cada cidade tem algo diferente que vai deixá-la especial.”, afirma.

No meio da nossa conversa começo a imaginar o que seria ter 80% das minhas necessidades atendidas numa cidade. Ei! Isso é tão subjetivo, eu penso. No primeiro espaço,

---

<sup>65</sup> O que os influenciadores digitais chamam de #publi e não fazem sem ao menos obter uma permuta, aqui fazemos de graça: nomeado de Damascus, eis a melhor esfirra de Brasília. Segue a localização: <https://goo.gl/maps/pz76iWCaqxcYZp2B9>.

pergunto: "Entendi que uma cidade tem que suprir 80% das suas necessidades, mas, se você tivesse que me listar o que uma cidade teria que ter para você considerá-la cidade. O que seria?". Sua resposta é sucinta: "Você quer sair a noite, tem lugar pra você sentar. Você vai trabalhar no comércio, tem que ter segurança, precisa polícia. Quando tem problema na, example, aqui no Brasil com os papel, tem que ter o lugar. A vida normal. Escola, bombeiro, essas coisas para vida".

Lembro-me que da última vez que estive conversando com São Paulo, ele me contou de algumas cidades que visitou e que ele havia gostado. Coloco esta lembrança no nosso diálogo atual e o questiono sobre quais elementos ele pôde encontrar de semelhante em todos estes lugares. "Não sei", responde num primeiro momento enquanto ri. "Todas as cidades tem o povo delas que gosta das cidades deles. Quem é de Brasília provavelmente gosta de Brasília. Eu sou de Damasco gosta de Damasco...", prossegue São Paulo trazendo sua cidade natal novamente para a narrativa. "O que tem de igual é que você não vai achar tudo nas outras cidades", reflete. Peço para que ele então me aponte o que ele lembra de diferente. "Iih... Muitas coisas. Por example Brasília, não é antigo e também não se parece com uma cidade nova. Não tem igreja de 200 anos como eu acharia na cidade de São Paulo, de Damasco, de Beiruti. Outra coisa, as cidades deveriam crescer. Nem todas crescem. Brasília não cresce! Normalmente as cidades tem que ter lugares para visitar e isso é algo de diferente aqui, não tem lugar pra levar visita. Levar para ver ministérios? Tá de brincadeira!!", aponta nosso narrador.

\*

Conheci Bergen por intermédio de Helsinque. A comerciante, que também é escritora, foi a nossa última narradora. A máxima famosa que diz que *por último mas não menos importante* encaixa-se, neste caso, perfeitamente, como uma luva<sup>66</sup>. Compreendendo o papel que teria que desempenhar e mergulhando a fundo na *persona nuntiantis vicem*<sup>67</sup>, Bergen, de forma visceral, poderia tranquilamente misturar realidade com ficção, que ainda assim seria convincente, empolgante e emocional. Talvez a sua experiência como contadora de histórias potencializou os relatos colhidos. De qualquer forma, mérito inteiramente dela.

Nosso encontro ocorreu em uma sexta-feira chuvosa de verão, no meio da tarde nublada do Núcleo Bandeirante. Sentados em seu amplo e confortável escritório no terceiro

---

<sup>66</sup> Bordões, jargões, ditados populares etc. receberão seus devidos valores neste texto.

<sup>67</sup> Narrador em latim.

andar da loja *Águia Dourada*<sup>68</sup>, com cadeiras macias e anatômicas, senti que a conversa talvez poderia se estender um pouco mais. Não pelo conforto. Nem pelo delicioso café feito a partir de uma técnica árabe na qual eu pude aprender e reproduzir em casa<sup>69</sup>. A conversa poderia se estender porque desde os cumprimentos iniciais, Bergen deixou claro o quanto se sente a vontade desempenhando o papel de narradora. Seu comportamento durante a entrevista comprovou isto, tendo ela prestado o máximo de atenção em todas as perguntas, em seguida, meditava na mesma e nas suas respostas, e por fim, contava parágrafos e parágrafos de histórias. Acreditando que posso brincar mais uma vez com as normas gramaticais da Língua Portuguesa, arrisco a dizer que as suas orações já mais experimentaram o período simples, somente o composto.

Eu explico a ideia do projeto para Bergen e em seguida destaco a importância dos relatos deles: narradores, para a construção e efetivação deste texto. Sem rodeios ou comandos, falo que vou fazer um bate-volta com ela naquele primeiro momento. Eu iria falar uma palavra e ela iria me dizer o que vinha na cabeça naquele momento. Cidade, eu disse. “É um local onde se vive e as condições oferecidas para isso!”, diz de forma assertiva. “Tem cidades grande, cidades pequena. Cidades nova, cidades velha. Quando se fala em cidade você supõe um lugar de se morar, de se habitar, onde terá outras pessoa, outros seres-vivos. É isso que vem na minha cabeça!”, complementa.

Empurro o meu óculos para cima já que ele estava quase caindo da ponta do meu nariz. Respiro enquanto penso na resposta de Bergen. Posteriormente pergunto se ela poderia fazer uma lista com o que esperava encontrar num lugar que era chamado de cidade. Reflito rapidamente sobre a pergunta e penso que talvez tenha ficado confusa. “Atualmente, o que a gente precisa para uma cidade fluir bem, em primeiro lugar, respeito ao próximo. Ter um programa onde as pessoas sejam obrigadas a obedecer normas de respeito entre si, porque onde não tem respeito é impossível de se viver!”, afirma Bergen. Neste momento eu acredito que a pergunta não tenha ficado lá tão confusa. Agora, enquanto escrevo, dou o mérito da interpretação a Bergen. Ela continua sua listagem: “Partindo do respeito. Aí precisamos ter saneamento público, precisamos ter gente pra manter a limpeza da rua. Precisamos ter gente para chegar e orientar o vizinho de que determina ação está errada. Não é brigar ou matar o outro. É conversar. Uma cidade precisa de diálogo. Precisamos de energia, água, redes

---

<sup>68</sup> É uma loja que vende artefatos para hotéis e restaurantes. Caso tenha interesse, segue a localização: <https://goo.gl/maps/xJze72NkFrkQZfYs9>.

<sup>69</sup> Inclusive estou bebendo agora enquanto escrevo este texto.



fluviais, áreas e espaços ventilados. Precisamos de árvores, de flores, de jardins, de bancos em praças. Precisamos que as pessoas tenha contato entre si. Não é cada um entrar na sua casa, trancar sua porta e acabou. Isso não é cidade. É individualismo e só gera violência.”, conclui sua formulação.

Neste instante temos um espaço onde reina o silêncio. Durou cerca de 30 segundos, admito, mas minha mente estava bombardeada. Contudo, tínhamos que continuar. Viajante de alma, conto para Bergen que gostaria de saber o que ela poderia apontar de semelhanças entre as cidades que visitou. “É o trânsito, é a sinalização. O que é igual em todas as cidades é a iluminação, mesmo que de maneira diferente entre elas. Tem o asfalto. E o comércio também, porque tem que ter comércio. Se não tem comércio não é uma cidade, né?”, conta. “E de diferente?”, eu questiono. “De uma cidade para outra?”, me indaga Bergen. Respondo que era isso mesmo que gostaria de saber. “A limpeza da cidade de uma pra outra. O cuidado que as pessoas tem de tá tudo bem sinalizado, é o cuidado que as pessoas tem de tá tudo assim, por exemplo, de não ter calçada quebrada, de ter meio fio quebrado. O cuidado de estar tudo funcionando, por exemplo, os iluminosos estarem funcionando corretamente. Isso é uma diferença, entendeu?”, ela comenta. Trazendo um exemplo para ilustrar sua afirmação, Bergen diz: “As calçada principalmente... as calçada quebrada... Isso é um choque. Por exemplo, se você vai para o exterior, você vai para os Estados Unido é dá água para o vinho, né?”, brinca. “Enfim, as diferença é as limpeza, o acabamento, a boa conservação das casa. É a boa conservação das calçadas que a gente percebe. É o tratamento, a receptividade que a gente tem na cidade.”, explica. Para terminar sua construção ela exemplifica: “Já andei esse mundo de ponta a ponta. Por exemplo, quando você chega no Japão você presencia uma coisa...”, tenta explicar enquanto gesticula com as mãos sinalizando algo grandioso. “...Todo mundo te reverencia. Mas é aquela coisa, vai de país para país.”, adiciona Bergen finalizando esta parte.

### 2.3 Construindo o invisível. Narrativas de uma cidade ideal<sup>70</sup>

Qual a profundidade da subjetividade abordada neste trabalho? Não saberia definir ao certo. Também não parei para refletir com mais afinco sobre. Afinal, isto se mensura? Acredito que no nosso caso não. Mas uma coisa é certa: ela é essencial para as construções e reconstruções que propomos realizar aqui. Para chegar até esta linha que você está lendo neste momento, acredito que deva ter lido uma imensidão de impressões, associações e conceituações sobre o que significa o conceito cidade por parte dos nossos narradores. Tais relatos não surgem do nada. São frutos de experiências individuais e também subjetivas. Subjetivas porque o meu eu atribui significados às minhas vivências, de acordo com os *filtros* que eu carrego em mim. A mesma experiência gera significados diferentes num agrupamento de indivíduos, porque os *filtros* aplicados são distintos.

Enxergar elementos em comum nas respostas das perguntas *O que é cidade?* ou *O que você acha que uma cidade precisa ter para considerá-la cidade?* não significa que a cidade X ou Y, que possuem tais atribuições e características, serão tidas como ideais para estes narradores. Ou melhor. Ao propor a construção de um tipo ideal de cidade, percebi que até mesmo os indivíduos que apontaram características em comum do que esperavam de uma cidade, narraram uma urbe ideal completamente distinta.

Nesta parte do capítulo propus uma imersão no mundo do imaginário de nossos narradores. Isto porque as cidades que pedimos que narrassem não existem nem no mundo das memórias. São frutos dos desejos, dos anseios, dos sonhos. No início chamei de cidade perfeita, mas, existe uma cidade perfeita? São Paulo já tinha me dado a resposta: “Perfeita nem nos sonhos”. “Então como poderia chamar?”, me questionava em pensamento. Me convenci de que seria cidade ideal. Era isso que estávamos fazendo, construindo cidades frutos dos desejos e anseios e que não encontraríamos no mundo real. Por diversas vezes, após ouvir nossos narradores contando das cidades ideais, perguntei: “Mas essa cidade existe?”. E a resposta sempre foi: “Totalmente? Não. Em partes? Sim”. A evolução por vezes parte da insatisfação do indivíduo com o *como está* e da *forma que está*, levando-o a criar, a querer sempre mais. Entender o quão ideal uma cidade é, primeiramente, é compreender o quão mutável este conceito, e o que ele abrange, será, porque no transcorrer da história existem fatores como os pensamentos, valores, ideais que passam por mudanças, sendo que

---

<sup>70</sup> Trilha Sonora sugerida: Cidade Ideal, Chico Buarque. Disponível em:<  
<https://www.youtube.com/watch?v=wa3nq8Qbmug>>

determinadas crenças e anseios ficam aprisionados a determinadas épocas. Se levarmos em conta que a cidade é expressão da existência humana, entende-se que assim como o indivíduo é sempre um ser inacabado, a cidade é o modelo que nunca está finalizado e, conseqüentemente, sempre haverá falhas.

As cidades ideais aqui relatadas receberam os nomes verdadeiros de seus narradores. A associação com os codinomes? De uma maneira bem folhetinesca: este segredo levarei para o túmulo. Mas agora, caros leitores, vos dou um comando: relaxem, respirem fundo, fechem os olhos. Não! Mantenham os olhos abertos. Vocês precisam ler. Mantenham os olhos, a mente e a imaginação aberta para reconstruírem no imaginário de vocês essas cidades construídas através das narrativas dos nossos cidadãos. Assim como todos nós desempenhamos um papel neste projeto, agora vocês receberão o de vocês: o flâneur. O flâneur é um tipo descrito por Benjamin<sup>71</sup> que passeia pelas cidade (de Paris, em específico), observando-a, investigando-a. Era em sua essência um espectador do urbano. Vos convido a passearem pelas ruas destas cidades ideais, e também, das Damascos e Brasília que serão narradas nos próximos capítulos. Algumas terão uma quantidade maior de ruas a percorrer, outros uma quantidade menor, mas uma coisa garanto: o passeio será sempre instigante.

\*

Sejam bem-vindas (os) a cidade de Chadem. Localizada nos filmes de ficção-científica dos anos de 1980, o slogan *O Futuro é aqui* parece ter sido feito sob medida para ela. Para passear por aqui existem requisitos mínimos: noções básicas de informática. Se você não fez um curso profissionalizante na adolescência, vai ter que se esforçar um pouco mais para viver aqui, entretanto, os autodidatas da modernidade habitarão com comodidade. A geração Z sai na frente.

Chadem é uma cidade tecnológica, bem programada. Tudo que seus moradores querem estão a um clique de serem ajustados. Seu criador a define como *A CIDADE ELETRÔNICA*. Contudo, sua aparência parece ter ficado congelada no tempo. Ela se assemelha com alguma cidade pequena do interior de algum país nórdico.

Para aqueles que gostam de ficar em casa ouvindo o *nada*, este é o local perfeito. Aqui tudo é muito moderno mas o silêncio deve ser respeitado, ou seja, nada de barulho. Seu

---

<sup>71</sup> BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas III – Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

criador garante que não visitou nada igual em sua vida. A cidade é toda conectada a uma rede de informática, mas não se preocupe, não é necessário saber programar em C++, Java ou ter cursado Ciências da Computação. Chadem foi criada para facilitar a vida de seus moradores, não dificultar. Leitor, se te interessou, é fácil usar a cidade, garante seu idealizador.

Não há mistérios, Chadem é uma cidade do futuro, com a tecnologia a disposição de seus moradores para facilitar as atividades urbanas diárias. A beira de um grande lago, com avenidas largas, trânsito muito bem organizado, não tem muitos semáforos, suas construções são dignas de filmes de época. Mas não pense que o tempo fez mal para elas, pelo contrário, quanto mais velha mais bem cuidada. Flores? Tem para todos os lados. Por tudo isto, Holambra ficaria com muita inveja de Chadem.

Por fim, se ainda não foi convencido, lá neva em uma parte do ano. O bom é que as lareiras podem ser acionadas com um simples comando: “Siri, ligar lareira”. Ninguém passará frio. Ela é grande, mas nem tanto. O diferencial está na facilidade para usá-la.

\*

Vamos dar seguimento ao nosso passeio. Podem abandonar os tablets, fora de Chadem os aplicativos não fazem mágica. Se quiserem voltar para lá o Doc Brown pode dar uma carona no seu carro. Próximo destino: Tarek.

Tarek é a cidade do século XXI. Construções que são a expressão da engenharia dos anos 2000. Definitivamente o céu toca a ponta de seus altos (e coloca alto nisso) edifícios. Como a arquitetura se aprimorou, eu diria. Os prédios em Tarek são diferentes. Tanto no formato quanto nos detalhes. Seu idealizador faz questão de destacar um dos prédios mais altos do mundo. São duas torres e uma passarela altíssima ligando-as. Ele pede para não esquecermos que este oásis, sim oásis, fica no meio do deserto. Não, não é Dubai. Mas elas são primas, define seu criador.

Para passear nesta grande cidade você precisa de um carro, mas isso não é problema. As ruas são muito bem cuidadas e existem várias pela cidade. Além disto, todos possuem carros. Aqui todo mundo ganha bem, tem emprego para todos e, por mais que seja uma cidade bem moderna e sofisticada, as coisas são baratas. Como tive um contato direto com o criador de Tarek, não me contive e perguntei: “Qual é o segredo dessa riqueza toda? Petróleo?” Ele ri sem dar maiores detalhes.

Contudo, o maior trunfo de Tarek é o cuidado e o zelo com o social. A saúde aqui é de primeira, define o criador. Todos que precisam serão atendidos e é atendimento de qualidade, afirma. Nada de fila porque tem hospital para todo mundo. Seu idealizador também frisa que a educação é levada muito a sério por aqui. Muitas escolas, com ensino de qualidade, rígidas e com conteúdo vasto. Ele garante que nas escolas ensinam várias línguas, é português, espanhol, francês, inglês e árabe. As faculdades são pra todos e aqui se exporta cientistas para o mundo todo. E tanto a saúde quanto a educação são acessíveis a todos os moradores e é de graça.

É uma cidade para se viver tranquilamente. Tarek tem um investimento grande na segurança de seus habitantes, aqui os moradores podem passear a qualquer hora do dia e da noite que estão protegidos. E por mais chamativa que a segurança garantida seja a um possível morador, o fundador de Tarek garante que o melhor ficou por último. Aqui valorizamos a liberdade de crença e expressão, diz ele. Temos espaço para todos e todos viverão em harmonia. Não há distinção entre ninguém.

\*

Queridos viajantes, peguem seus mapas<sup>72</sup>. Conseguem identificar onde nós estamos? Vou ajudá-los. De antemão aviso que mesmo se você aplicar um zoom nele não irá nos ver efetivamente. Sugiro olhar novamente usando o óculos com filtro que ativa a imaginação. Já colocou? De acordo com os relatos do idealizador de Tarek, estamos ali, na Península Árábica. Creio que entre os Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita, se bem entendi. Volte ao mapa para se localizar. Agora, nós vamos em direção a cidade de Nasser. Já aviso que é uma típica cidade europeia. O traslado ocorrerá de duas formas. Primeiro, subiremos por via terrestre em direção ao norte. Queremos chegar até o Mar Mediterrâneo. Pelas águas deste oceano partiremos diretamente para nossa próxima cidade. Alerta de spoiler: é muito bom estar a beira do mar. Tem lazer e rotas comerciais.

Nasser, antes de mais nada, é uma cidade engajada. Aqui se luta pela igualdade. De acordo com seu criador: “Chega de cidades que possuem lugar de pobre e lugar de rico, aqui não teremos essa distinção. Somos coerentes com aquilo que acreditamos”, garante. Um passeio rápido pela cidade e você percebe que apesar de idealizada em 2019, aparentemente,

---

<sup>72</sup> Retire seu mapa no link a seguir. É cortesia da casa:

[https://static.wixstatic.com/media/62b911\\_fd446f6fe8234298a2c73c97057fbb83~mv2\\_d\\_2771\\_1428\\_s\\_2.jpg](https://static.wixstatic.com/media/62b911_fd446f6fe8234298a2c73c97057fbb83~mv2_d_2771_1428_s_2.jpg)

ela está aqui há no mínimo 2000 anos. Isso é simples de explicar: seu idealizador parte do princípio de que é fundamental ter uma parte histórica na cidade. “É o que temos para mostrar para quem quer visitar”, ele me diz. Mas aqui também se tem uma parte moderna, com tudo de mais revolucionário que a arquitetura contemporânea permite.

A organização da cidade foi pensada de forma coerente. Nosso narrador, rápido nas piadas, brinca que Nasser é coerente de verdade, a organização não é igual a que dizem ter em Brasília, diz. Aqui você não se perde. Temos um centro, que é o centro de tudo. Neste centro está localizado a maior parte do comércio, os principais órgãos públicos. A partir do centro a cidade começa a se expandir, e segundo o idealizador dela, morar perto do centro ou distante não tem diferença. Todos os lugares são bem cuidados, com flores e praças, com lixeiras espalhadas pelas calçadas, com espaços e comércios específicos para atender a demanda de quem mora perto. Para se ter uma ideia, as calçadas de Nasser são tão limpas que você poderia deitar nelas sem nenhum problema, bom, pelo menos é o que o fundador dela me garante. Os jardins públicos são obrigatórios nesta cidade. Se você adquirir uma casa aqui obrigatoriamente tem que construir um jardim na frente. Além disto, é uma cidade extremamente segura. Você pode passear a hora que bem entender, pode manter seu comércio aberto até a hora que desejar, pode deixar as portas de sua casa abertas que você não sofrerá nada de ruim. Em Nasser todos estão seguros.

Quem mora mais distante não precisa se preocupar. As calçadas aqui são largas o suficiente para todos caminharem e fazerem tudo a pé. Até o mais distante dos bairros não encontra-se longe o suficiente para que não se possa percorrer caminhando. É necessário ter contato entre pessoas, garante o criador. Mas se você não for adepto de uma boa caminhada, não se estresse, o transporte público aqui funciona perfeitamente e as opções são diversas. Por ser uma cidade sustentável, Nasser não possui carros individuais. A preocupação com o meio ambiente é algo primordial para quem quer habitar aqui. Prefiro investir em transporte público de qualidade e sustentável que atenda toda a população e assim evitar de poluir o nosso ar, afirma o fundador desta cidade. Outro detalhe importante é que a coleta seletiva é realmente seletiva e se você ainda não decorou qual material deve ser descartado em qual cor, sugiro fazer isto antes de pisar os pés aqui. Para além de deixar a cidade mais bela, a ideia de construir jardins públicos também tem o intuito de melhorar a qualidade do oxigênio do local.

Por fim, o idealizador de Nasser garante que não posso terminar a apresentação da sua cidade sem antes falar de um ponto fundamental: o morador da cidade, ou melhor, o nassírio.

Ele me diz que todos que moram aqui são simpáticos, e mesmo que todo mundo não seja feliz o tempo todo, ninguém destrata ninguém. Se você precisa de informação, você receberá informação. Se você precisa de ajuda, você receberá ajuda. A população não é preguiçosa, gosta de trabalhar e, principalmente, trabalhar para a melhoria da cidade. “Esta é Nasser”, conclui ele.

\*

Como nosso itinerário não pode parar, embarquem no avião rumo ao próximo aeroporto localizado na cidade de Siham. Se você guardou os óculos, sugiro pegá-los novamente. Acredito que até mesmo com o filtro ativado precisaremos de um pouco mais de esforço para percorrermos Siham. Nosso próximo destino é uma cidade de misturas, tanto que se você, caro leitor, me perguntar onde podemos localizá-la no mapa, eu te diria: “jogue o mapa fora”. Ela está um pouco na Ásia e um pouco na Europa, entretanto, não é nem de longe uma cidade russa. Preparem-se porque vamos entrar pelo portal principal e de acordo com o que me foi descrito, o letreiro de boas-vindas termina com um emoji *Smiley*<sup>73</sup>, símbolo do povo sihamiano.

Começemos com a arquitetura desta cidade. De acordo com sua criadora, as residências possuem clara inspiração nas cidades norueguesas, principalmente aquelas que cercam os fiordes. Contudo, ao mesmo tempo que um pé está na cidade europeia, o outro estica-se até o Japão. Os edifícios comerciais, incluindo os hotéis, foram inspirados diretamente pelas cidades japonesas. Os prédios são ligados subterraneamente. Você está no shopping e pode descer até o subterrâneo, pegar uma das entradas e seguir em direção ao outro edifício que deseja ir. Os hotéis estão ligados aos shoppings, que estão conectados as sedes e secretarias de governo. “Vivenciei isto no Japão e definitivamente minha cidade precisa desta organização”, me conta a fundadora de Siham. E ela garante, é seguro andar pelos caminhos subterrâneos, seja pela segurança oferecida aos moradores e turistas, ou pelo principal motivo, segundo ela, que é a educação dos moradores. Além disto os túneis estão sempre super iluminados.

Siham é a cidade onde todos sorriem. A cordialidade faz parte do DNA do sihamiano. É uma cidade que preza pelo bom relacionamento entre seus moradores e também pela

---

<sup>73</sup> Conheça o smiley: <https://d26lpennugtm8s.cloudfront.net/stores/137/913/products/emoji-smiley1-48194bb4dd613fea1314671092749009-640-0.jpg>

hospitalidade ao visitante. Aqui, se você está perdido e pedir ajuda para alguém, é certeza que te pegarão pela mão e levarão até o mais próximo de seu destino, isso se não te deixar lá. Em Siham todas as pessoas se saúdam, seja com bom dia, boa tarde, boa noite, olá amigo ou olá conterrâneo. Mas o grande diferencial dos moradores desta cidade, segundo sua idealizadora, é que aqui as pessoas ouvem 60% e falam apenas 40%.

“A estrutura e organização de Siham merecem um parágrafo a parte”, destacou sua criadora. Segundo ela, aqui é uma cidade onde tudo funciona. Quando chove a água entra nas *bocas de lobo* e vai embora, não há alagamentos ou enchentes. Não há nenhuma pedra fora do lugar nas calçadas. Segundo a fundadora de Siham, a preocupação com as calçadas está muito relacionada ao cuidado com os idosos e as crianças, sendo que calçadas bem cuidadas evitariam muitos acidentes e na visão dela estes dois grupos são bem parecidos, ambos necessitando de um olhar especial no que se refere ao cuidado da cidade. A limpeza é parte fundamental da cidade. É tudo muito limpo. Estimula-se bastante a plantação de árvores, a construção de praças, a criação de pássaros e animais domésticos, entretanto, o zelo, o cuidado e a limpeza devem ser levados em conta. Nesta cidade não podem ter odores ruins. E finalmente, destaca nossa narradora, Siham é uma cidade lisa e reta. Uma topografia privilegiada, diga-se de passagem.

\*

Chegamos ao nosso destino final, a última das cidades ideais e talvez a mais curta e complexa delas. Basta meia folha e o relato está sintetizado. Pensando bem, não diria sintetizado e sim transcrito na íntegra. Esta cidade não tem inspiração, nem localização parcial até porque ela não chegou a ser narrada. E não foi por má vontade de nosso narrador, longe disto, mas sim porque a cidade ideal estava ligada a um fator que naquele momento não estava presente, sendo assim, não havia como trabalhar no relato deste local. Para que você entenda a complexidade do planejamento desta cidade, deixo a fala completa de seu possível idealizador, ou melhor, um de seus idealizadores:

“Não existe cidade perfeita e eu não posso te descrever uma cidade ideal neste momento. Eu não sou só. Tenho minha esposa e meus filhos e eles não estão aqui. A cidade ideal tem que atender as minhas necessidades mas também a de minha família. Não posso falar só por mim ou por todos eles. Hoje a cidade X parece ser ideal para todos nós, mas daqui há alguns anos pode não ser para o meu filho. Então ela deixa de ser para todos nós e aí buscaremos outra cidade ideal!”, justifica nosso narrador.



## **2.4 Considerações finais do capítulo**

Estamos correndo o perigo de perder uma faculdade humana fundamental: a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de “pensar” por imagens. Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a própria visão interior sem sufocá-la e sem, por outro lado, deixá-la cair em confuso e passageiro fantasiar, mas permitindo que as imagens se cristalizem em forma bem definida, memorável, autossuficiente. (CALVINO, 1990, p.107-108)<sup>74</sup>

O fim da escrita deste capítulo traz consigo um misto de sensações. Revisitar os áudios e, conseqüentemente, transcender para o momento exato de quando foram feitas me lembram, mais uma vez, o quanto este trabalho é imensamente cheio de nuances e que eu nunca poderia tê-lo feito sozinho. Estas palavras são nossas, entretanto, as imagens que elas produzirão junto aos leitores fogem do nosso alcance e tomam rumos diferentes dos significados etimológicos que possuíam quando foram proferidas. Quem está lendo depara-se com um texto em movimento, onde imagens são construídas, destruídas e reconstruídas numa distância menor que um parágrafo. O itinerário das cidades ideais são uma representação mínima dos trajetos realizados através das cidades invisíveis. Não existe começo e nem fim, os espaços não são lógicos e fisicamente palpáveis. Temos uma cidade tecnológica presa no início do século XX. Temos uma cidade iceberg, onde o externo tem ares da Europa Setentrional e o profundo e subterrâneo toca o Japão na Ásia. Saímos da Península Arábica e atravessamos parte do Oriente Médio e todo o Mar Mediterrâneo até desembarcamos na Europa Meridional numa fração de segundos, livres de qualquer política migratória restritiva porque a política aqui adotada é a de livre circulação, a mobilidade livre de obstáculos.

De acordo com Rocha & Eckert (2010), nossa memória é constantemente povoada por imagens das nossas vivências urbanas, e aqui acrescento que a formação destas imagens também são conformadas através das vivências do não-urbano. A maneira como nos conectamos com a cidade e passamos a experimentá-la vão configurar nosso modo de ser e estar, de viver e contar a urbe. A cidade narrada, nas palavras das autoras, somos nós e também é fruto do que está em nós. E sim, falamos na primeira pessoa do plural. As

---

<sup>74</sup> CALVINO, I. Seis propostas para o próximo milênio. Visibilidade. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

narrativas se transformam no mundo da memória, tanto para o narrador quanto para o intérprete. Neste momento estamos nós - narradores e eu, habitantes e pesquisador – alçados a posição de etnógrafos urbanos, prontos para descrevermos e interpretarmos as nossas experiências e interpretações das cidades e nas cidades.

No nosso campo de conhecimento, os habitantes na cidade são narradores em potencial de suas experiências vividas no contexto urbano. (ROCHA & ECKERT, 2010, p.122)<sup>75</sup>

Segundo Conceição (2005), “a cidade pode ser pensada a partir de qualquer experiência urbana”<sup>76</sup>. Para ele, quando estudamos a cidade a partir de narrativas estamos conectando os espaços junto as pessoas com quem compartilhamos tais experiências. A cidade, como expressão da vida humana, é complexa assim como seus espaços e lugares edificadas. Ao final deste capítulo, o que temos reunido de fato são pistas de um modo de entender cidade e de cidades consideradas ideais para estes narradores. Tais pistas irão estimular as imagens e as formas que cada leitor irá ter ligada a sua trajetória pessoal. Assim como as cidades narradas aqui e nos próximos capítulos são frutos dos desejos e anseios dos nossos narradores, as cidades reconstruídas na imaginação de cada leitor também perpassam pelas expectativas individuais, assim como as lacunas deixadas – propositalmente ou não – pelas descrições são preenchidas de acordo com o entendimento de cada um.

Temáticas como organização, estrutura, emprego, segurança, etc., podem parecer universais no tocante do estudo e das narrações sobre a cidade. Estaria mentindo se dissesse que não são, e faltando dois capítulos para o fim deste trabalho não gostaria de causar a impressão de que não sou verdadeiro, mesmo que a verdade seja relativa e amplamente discutida no campo das ciências. Mas, além de universais, elas são particulares e este paradoxo corrobora para a importância deste capítulo. As características e os conceitos que apareceram em quase todas as falas são oriundas de situações específicas e resultam, muitas vezes, em encaminhamentos que também são específicos.

---

<sup>75</sup> Rocha, A. L. C. da, & Eckert, C. (2010). Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. RUA, 16(1), 121-145.

<sup>76</sup> JOSÉ CONCEIÇÃO, Silvio. Cidades 'italianas' ou a comple(x)cidade em Italo Calvino. Arqutextos (São Paulo. Online), v. 060, p. 304, 2005.

Os problemas urbanos, mesmo com semelhança em suas variáveis, são únicos.[...] É preciso deixar que as cidades nos mostrem suas relações, nos façam atentar para a sua complexidade, e refletir sobre os conceitos pré-concebidos. (CONCEIÇÃO, 2005, P.307).

A narração nos permite viver tais cidades, vê-las, senti-las, passear por suas ruas, sentar em suas praças. O texto auxilia a imaginação a transcender e encontrar seu lugar nas representações da mente. Não lidamos com reprodução de imagens, mas sim com a criação de imagens. Portanto, uma cidade nunca poderá ser a mesma, nem mesmo as cidades construídas por nossos narradores e que levam seus nomes. Siham, Nasser, Chadem e Tarek ganham novos traços, coloridos e contornos. As palavras são jogadas ao mundo, colhidas e interpretadas de um modo singular, gerando uma imagem condizente à vivência particular de quem agora as oferece terreno para se reerguerem.

Por fim, em consonância com Calvino (2003)<sup>77</sup>, entendo que as cidades ideais aqui narradas, que nos relatos acabam sempre associadas à perfeição, surgem de partículas, de experiências do cotidiano que em determinado momento ganham sentido e beleza. A partir destas pequenas partículas, tal qual Marco Polo, nossos narradores constroem bloco por bloco. A cidade ideal é esta cidade construída nos detalhes, detalhes estes que são subjetivos e muitas vezes dotados de importância apenas para o narrador específico. A construção de uma cidade ideal, feita parte por parte, bloco por bloco, permitirá que nossos narradores levem, para as Brasília e Damascos a serem narradas, estes elementos fragmentados e passem a buscar nestes espaços outros espaços, na história outras histórias, sempre no intuito de reconstruir estes espaços únicos.

No próximo capítulo começaremos um novo itinerário. Você, leitor e flâneur, será apresentado a cidade *Projeto de governo ditador*; a *Capital das 4 estações*, a cidade *Grande Pomar*; a capital *Onde Tudo Tem*; e por último *A Minha Damasco*. Alerta de spoiler: as Damascos dentro de Damasco são incríveis para passear com a imaginação.

---

<sup>77</sup> CALVINO, I. As cidades invisíveis. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de SP, 2003.

## Capítulo 3

### **Narrativas sobre as Damascos**

Passei em Damasco um dia inteiro e uma noite;  
o tempo prometeu estada sem igual, e não mentiu.  
Dormimos nas asas da noite que também dormia;  
Veio então a manhã sorridente, salpicada de luzes;  
a orvalhada nos galhos das árvores se assemelha a  
pérolas que, acariciadas pela brisa, despencam ao chão;  
suas aves recitam, no lago plácido qual lâmina,  
o que os ventos escrevem e as nuvens pontuam.  
(Livro das Mil e Uma Noites – Volume I, p.189)<sup>78</sup>

#### **3.1 Considerações iniciais**

Quando iniciei o esboço desta dissertação – não muito tempo antes desta escrita – acreditava que ouvir o que os narradores teriam a dizer sobre a cidade de Brasília seria o momento que eu mais aguardava. Talvez porque eu também seja imigrante na capital do Brasil e tenha muitas convicções e impressões guardadas, esperando o momento de dividir com quem partilha das mesmas sensações. Contudo, quando dizem que o campo nos prega surpresas, não duvidem. Eu nunca duvidei, mas agradeço a chance de ter sido surpreendido.

Confesso que - enquanto *persona pesquisador* - quando pensei neste tópico para as conversas com os interlocutores da pesquisa, havia mais uma ideia de provocá-los a tecerem comparações que me auxiliassem a entender a partir de qual parâmetro e experiência urbana eles iriam me relatar Brasília. Um dia antes da primeira entrevista decidi reler o roteiro que tinha escrito, como uma forma de me preparar para o momento. Após a leitura não consegui conter o questionamento: se eu construo um arcabouço teórico, que me dá elementos para afirmar que as cidades são plurais e infinitas em sua essência, e a subjetividade contida na narração de quem as conta é que vai desnudar essa urbe invisível, então, eu não posso procurar uma Damasco no singular e nem mantê-la distante do objetivo deste trabalho, que é reconstruir cidades a partir das narrações de imigrantes sírios.

---

<sup>78</sup> Anônimo. Livro das mil e uma noites, volume I: ramo sírio; [introdução, notas, apêndice e tradução o árabe: Mamede Mustafa Jarouche] – 3 ed. São Paulo: Globo, 2006.

Neste ponto, me deparo com a primeira surpresa que o campo me submeteria. Eu nunca fui a Damasco e estava ansioso para conhecê-la, e era esta sensação que eu levei para as entrevistas. “Nunca fui a Damasco. Como é lá?”, era o ponto de partida para os tópicos que seriam debatidos neste bloco. As perguntas não se desdobravam para muito longe: “O que você lembra de lá?”; “Por que você acha que Damasco foi escolhida como capital da Síria?”. Não precisei fazer muitas perguntas para obter muitas informações. E partimos juntos rumo ao mesmo destino: para eles, era a cidade da memória, para mim, a cidade da imaginação.

Não importaria qual a localização exata de onde encontra-se Damasco, porque para nossos narradores só existiria um caminho a tomar: o caminho da memória. Imaginar pode ser um exercício, mas aqui, a memória assume as rédeas. Imaginação e memória possuem desígnios distintos, afirma Ricoeur (2007)<sup>79</sup>. Entretanto, não é que deve-se tratá-las isoladas uma da outra, o autor acrescenta que ambas podem se manifestar de forma conjunta, porém, a atenção deve estar voltada às intenções que podem ser distintas. O indivíduo apenas lembra de algo quando há alguma passagem de tempo. Neste intervalo temporal, entre o acontecimento original e o retorno a ele, a recordação é evocada, sendo a ação da busca o pontapé inicial. Esta iniciativa de buscar recordações, segundo Silva (2018, p.76), demarca a distinção entre “a lembrança marcada pela não intenção, pela ‘espontaneidade’ da memória, e a recordação, na qual parece haver um esforço na procura pela marca da anterioridade”.

Para um ponto de partida, há a diferenciação mais específica entre memória e lembrança, a memória se constituiria de uma categoria maior, no singular – “a memória” – e a lembrança algo mais derivado, no plural – “as lembranças”. A memória está mais para a capacidade de acesso ao passado como um todo, enquanto as lembranças estão mais para as “margens” dessa aptidão. Nesse sentido, as lembranças fariam parte de um fundo memorial. (SILVA, 2018, p.77)

Para Ricoeur (2007), não existiria outra direção rumo ao passado se não for pela memória. Silva (2018) afirma que ser fiel ao passado é a grande coibição da memória.

---

<sup>79</sup> RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

Com base nessa premissa, a memória se torna o principal recurso para acesso ao passado. Já o olhar para a imaginação é distinto: o paradigma da imaginação é o irreal, é o fictício ou, como Ricouer chama, traços não posicionais. A esses traços não há a mesma atribuição que damos à memória, pois eles não se situam no mesmo nível de “expectativa” de fidelidade. É esperado da imaginação, arquetipicamente, o utópico, o hipotético, o possível, mas não o real, a marca original anterior. A memória seria nossa garantia para significar algo que aconteceu, é a ela que recorreremos quando nos referenciamos ao passado. (SILVA, 2018, p.77)

A viagem tem que continuar. Esqueçam os mapas, nossos destinos são distintos, singulares e únicos, mas quando você perceber, não vamos ter saído do lugar. A vista é bela mas por vezes embaçada, pode ser tanto a neblina quanto as lágrimas. Sugiro levar no lugar do mapa alguns lencinhos, recomendável até para os mais durões. Entenda que aqui conheceremos cinco Damascos e todas são reais. Entretanto, existem mais, muito mais, e se o passeio tiver sido interessante talvez você queira conferir com os próprios olhos a capital mais antiga do mundo, somando mais uma Damasco às milhões já existentes. Talvez a sua Damasco já exista e você queira dividir comigo. Bom, eu queria que você dividisse<sup>80</sup>.

Sem mais delongas, uma vez que o caminho da memória tenha sido desbravado, agora os convido a percorrer a imaginação. Estamos em Damasco, mas não se assuste quando aparecer *Bem-vindo à Grande Pomar*, e poucos quilômetros depois *Bem-vindo à Tudo Tem!*, ainda estaremos em Damasco, confiem em mim.

\*

São Vicente e Cananéia, ambas no Estado de São Paulo, são consideradas as cidades mais antigas do Brasil com 488 anos de fundação<sup>81</sup>. O quanto de histórias estes lugares não acumulam? Conseguem imaginar? São quase 500 anos de existência, vendo gerações e gerações mudarem, crescerem e transformarem. Meio milênio moldando e sendo moldadas pelos seus habitantes. Bom, e o que isso tem a ver com o nosso itinerário? Simples. Se você ficou impressionado com estas cidades, gostaria de dizer que desembarcamos na cidade conhecida como *Cidade Muito Antiga*. Sejam bem-vindas (os)!!!

---

<sup>80</sup> Para envio de relatos e contribuições para a pesquisa: [ebpesquisas@gmail.com](mailto:ebpesquisas@gmail.com).

<sup>81</sup> Informações iniciais foram encontradas neste site: <[https://www.panrotas.com.br/noticia-turismo/destinos/2016/05/conheca-as-cidades-mais-antigas-do-brasil-e-do-mundo\\_125453.html](https://www.panrotas.com.br/noticia-turismo/destinos/2016/05/conheca-as-cidades-mais-antigas-do-brasil-e-do-mundo_125453.html)

>

Narrada por Valência, estamos falando de um local que já era cidade, e capital de uma nação, milênios antes do nascimento de Jesus Cristo. “Casas muito antigas, ruas muito antigas, lojas muito antigas. Tudo muito antiga”, ele começa a me dizer. “Minha cidade é desse jeito. Você vai lá e já sente o cheiro de coisa antiga! Os bairros são antigos, é muito legal. Você vê as praças que sempre estiveram lá. É uma cidade incrível!”, acrescenta Valência.

Mas o fator histórico ganha um charme a mais porque ele não é uma característica isolada desta cidade. Segundo Valência, o encanto de *Cidade Muito Antiga* está ancorado aspecto que ele chama de *cultural-antigo*. Ele explica: “Esta é uma cidade super cultural e uma das mais antigas do mundo. Andando pelos bairros você sente o cheiro de comida típica que é feita a milênios, comidas que sempre existiu. Outra coisa, em todo lugar você sente cheiro de pão! Isso é fantástico”. Ele fecha os olhos e inspira fundo como se estivesse sentindo o cheiro do pão bem naquele momento. Não o julgo e nem poderia. Naquele instante eu estava pisando nas ruas de pedra da *Cidade Muito Antiga* e poderia garantir que o cheiro de pão era intenso mesmo. “Quem visita *Cidade Muito Antiga* quer visitar sempre porque se vive a cultura”, retoma a fala Valência.

“Da sua cidade ideal, o que tem em Damasco?”, fiz o questionamento. “A simpatia das pessoas, o cuidado das pessoas com a cidade. A organização, sabe?”, inicia Valência sua resposta. Entretanto, ele afirma que é necessário fazer uma ponderação: “Quem cuida da cidade e luta para manter sua história viva são os moradores que se esforçam para cuidar das praças, das flores, das pinturas da casa, da organização da cidade, sabe? Se dependesse do governo, eles querem mais é acabar com a história”, afirma nosso narrador.

*Cidade Muito Antiga* é uma cidade incrível, como já definiu Valência anteriormente. Contudo, ele mesmo afirma que ela não é perfeita mesmo que seus moradores se esforcem para isso. Ele é um crítico enérgico em relação ao governo e afirma categoricamente que a cidade foi transformada num “projeto de governo ditador”. A capital mais antiga do mundo, com uma vida cultural intensa, estaria sendo usado indevidamente para fortalecer um regime, que segundo o nosso narrador, é totalmente ditatorial. “Alguns produtos necessários para o ser-humano somem ou os preços sobem repentinamente. Sendo assim, você nunca consegue ter tudo o que você precisa na hora e aí você fica pensando no que está faltando e como fazer para conseguir aquilo, e no final não sobra tempo para ver as burradas que o governo está fazendo. O governo faz com o que você se ocupe de outras coisas e deixe de pensar

criticamente. É por isso que ela se tornou uma cidade projeto de governo ditador, entende?”, conta Valência, que agora encontra-se sentado na ponta da cadeira e gesticula de maneira muito mais intensa. “Se você é do governo, você tem vantagens e consegue usar a cidade de uma forma melhor. Eles te dão um lazer melhor, locais de moradia melhor. Agora, o que é pra todo mundo está muito mal cuidado. Infelizmente está assim. Está, digo hoje, antigamente era incrível, já disse”, complementa ele.

Se bem compreendi a ideia de nosso narrador, a incrível *Cidade Muito Antiga* é a cidade antiga, localizada no passado. É dela que partem as narrações sobre a beleza das organizações, da segurança para todos, da educação e do transporte público que atende a população 20 horas por dia. Esta é a cidade que transborda na memória de Valência, a cidade que não se perdeu nas mãos do governo. Um comentário final. O comando da família al-Assad na Síria começou em 1971. Entre pai e filho passaram-se 49 anos de governo.

\*

Verão, 40 graus. Espero que dentro de suas malas tenham roupas leves, pois o calor que está fazendo, onde desembarcamos, não está para acabar. Bem-vindos (as) à *4 Estações Definidas*. Seu nome é intuitivo, como podem imaginar. Não entendeu? Abu Dhabi explica: “Passamos pelas quatro estações, todas em seu tempo. Aqui se você amanhece no inverno, sua noite de sono também será no inverno”.

Se o cheiro não foi suficiente para notar, talvez seus olhos confirmem: tudo aqui é velho. Abu Dhabi estima que ela esteja de pé, no mínimo, há 5 mil anos. “Temos o shopping mais antigo”, garante ele. Com tantos milênios, acrescento que não somente o shopping deveria ser elevado a alcunha de mais antigo do mundo. “O homem mais antigo pisou aqui”, garante um Abu Dhabi indecifrável em relação a veracidade da informação fornecida.

As ruas por onde pisamos são antigas, assim como as casas construídas às suas margens. A história que nosso narrador conta é que esta é a capital mais antiga do mundo, e este fato não deve passar despercebido. Tudo aqui vai exalar história, incluindo os mercados onde os moradores fazem compras. “Temos tudo aqui, mesmo sendo velho”, acrescenta Abu Dhabi para em seguida ponderar: “Falo da parte árabe, que eu frequento”.

Se procuram dinheiro, *4 Estações Definidas* é o local certo. “Tem muito dinheiro, muito mesmo, e vem principalmente vindo do comércio”, diz Abu Dhabi. As ruas comerciais são movimentadas e de acordo com o que me foi contado, o comércio é o forte da cidade e



dos moradores dela. Mas como dinheiro não cai do céu, nem mesmo aqui, emprego não falta. “Todo mundo tem seu trabalho”, afirma Abu Dhabi. “Ou tinha, antes da guerra”, acrescenta ele em seguida. “Você sabe o que a guerra faz com tudo? Destrói. Essa é a cidade do passado. É a que eu lembro, mas não é a cidade verdadeira”, lamenta nosso entrevistado.

Neste instante o convidado me conta mais de suas lembranças sobre a cidade. “Aqui temos tudo. Tudo que tem no mundo tem aqui!”, garante ele. Sendo assim, atentem-se às lojas enquanto percorremos nosso itinerário, pois segundo Abu Dhabi as lojas vendem todo tipo de produto e de todo canto do mundo. “Não tem coisa só japonesa! Somos uma capital internacional. O mundo está em *4 Estações Definidas*”, acrescenta nosso interlocutor ao mesmo tempo que tece uma crítica a falta de produtos internacionais no Brasil.

“Sabe o que mais tem?”, me questiona Abu Dhabi. Eu digo que não faço ideia. Vocês sabem o que mais tem em *4 Estações Definidas*? Eu pergunto para vocês que estão lendo. Isso mesmo! As quatro estações do ano bem definidas. Tudo ocorre de três em três meses, selo Abu Dhabi de garantia. “Não é igual Brasil, tudo verão!”, afirma ele. “Aqui temos quatro estações. Todas no seu tempo devido”, acrescenta.

Quanto aos moradores de *4 Estações Definidas*? São pessoas muito boas e ajudadoras. De acordo com o nosso narrador, quem tem mais sempre ajuda quem tem menos. “É comum você ver quem tem comida cozinhando para quem não tem.”, garante ele. Os mais ricos separam comida, carne e levam para um local específico para distribuir. Além disto, estes também auxiliam quando um cidadão de *4 Estações Definidas* encontram-se com dificuldade de moradia.

A respeito da infraestrutura e dos equipamentos urbanos? “Tem tudo e tudo de qualidade”, garante Abu Dhabi antes de botar a mão no queixo e ficar em silêncio. Entendi que estava refletindo. Ele acrescenta: “Bom, pelo menos tudo tinha. A *4 Estações Definidas* do passado era muito boa”. Com cautela pergunto se poderia me contar o que ele lembrava que tinha e que fazia a cidade ser tão boa. “A educação é muito boa, muito melhor do que eu vi em outros lugares. É em primeiro lugar no mundo. A segurança muito boa também. No passado eu andar 3 horas da manhã e nada me acontece. Nada, nada!”, conta nosso narrador com um leve sorriso de saudosismo no rosto. O sorriso se esvai, nosso interlocutor fica mais sério, olha pra mim e diz: “A saúde aqui é melhor, até do que a cidade do passado. Lá demorava muito mais. Pelo menos nisto vocês ganham.”, e volta a sorrir.

Finalizando este nosso passeio, preciso lhe alertar que esta cidade é o centro das rotas comerciais e tem este título a milhares de anos. “Síria é mar. Então tudo tem que passar pela nossa capital para depois ir para Jordânia, Turquia, Líbano. Nós somos o centro. Os produtos que vem da Índia, da China, da Europa, vem direto para nós e depois segue para os outros destinos”, enfatiza Abu Dhabi. Por isto esta é a capital da Síria, porque é uma cidade completa. Tem desde um comércio sólido até ministérios, sede do governo e o principal, tem história, monumentos históricos. Nosso narrador termina dizendo: “A minha cidade ideal se parece com a *4 Estações Definidas* do passado. Mas não existe no hoje”.

\*

Bem-vindas(os) à *Tem de Tudo!* Informações iniciais sobre esta cidade: ela também é a capital da Síria. Se você gostou da versão anterior, é bem provável que esta daqui também te deixará bem satisfeito. Mas não se iluda, apesar de semelhantes são distintas. Enquanto *4 Estações Definidas* é construída sobre o indivíduo que busca condições financeiras, *Tem de Tudo!* tem como aporte principal a comodidade e a segurança para a vida familiar. O que não impede que um fator característico de uma apareça em algum momento na outra, e vice-versa. Quem nos conta mais detalhes sobre esta cidade é São Paulo.

Alerta inicial do nosso narrador: “Esta é a cidade da minha lembrança. Antes de guerra. Depois da guerra eu não sei, mas não deve parecer com a minha cidade de sempre!”, pondera. Após o aviso ele inspira fundo, muito fundo mesmo. São Paulo inspira tão fundo que eu instantaneamente inspiro também numa clara reação súbita e exagerada do meu corpo devido a possibilidade dele ter puxado todo ar. Miro bem em seus olhos e vejo que lentamente eles se enchem de água. Não foi o suficiente para transbordar, mas marejou. Sabe quando seus olhos são tomados por lágrimas mas elas não escorrem, e então forma-se uma piscina cujo efeito visual seria da lua brilhando refletindo as águas do mar. Foi essa a sensação que eu tive enquanto aguardava sua emoção ser traduzida em fala. “É difícil falar da minha cidade!”, começa São Paulo seguido de uma pausa de exatos 12 segundos.

A primeira informação que eu tinha que saber, e acredito que deva ser a primeira coisa a contar a vocês, é que *Tem de Tudo!* é uma cidade muito antiga, muito antiga mesmo. E aqui você vai encontrar tudo o que você busca. Obviamente seu nome não foi dado em vão, segundo São Paulo, nesta cidade *Tem de Tudo*. “Tem até pão de queijo em um mercado lá!”, brinca nosso narrador. “Lá não só o morador encontra tudo que precisa, como também o

estrangeiro. Você que é brasileiro vai encontrar coisas do Brasil lá.”, afirma ele para logo em seguida acrescentar: “99% você vai achar, certeza!”.

Depois da última resposta um silêncio de aproximadamente 14 segundos perpassou por nossa conversa. Visivelmente eu identificava que ele estava formulando algo para falar, então, preferi esperar que ele retomasse a conversa. “Tenho algo pra te contar”, ele iniciou. “E eu quero saber”, respondi. “Tenho um amigo que voltou para lá e queria saber de produtos do Brasil pra ele comprar pra vender lá. Eu falei pra ele levar pão de queijo e guaraná. Ele me respondeu assim: ‘Isso não dá! Já tem aqui. O pessoal traz de um mercado brasileiro em Beirute’. Pra você ver como lá tem tudo mesmo.”, conta São Paulo.

Ainda discorrendo sobre a facilidade para encontrar produtos em *Tem de Tudo!*, São Paulo me explica que a localização da cidade é privilegiada. Ela está perto de vários países, o que facilita o deslocamento na busca de algo que não tenha pra vender na cidade. “Para você ter uma ideia, chegar em Beirute (Líbano) é mais rápido do que ir daqui (Brasília) até Caldas Novas.”, afirma ele.

Mas a variedade de opções e produtos de nada vale se não for possível adquirir. Foi o meu questionamento à São Paulo. Acredito que você também deva ter se questionado a respeito do acesso a estes bens. Se não se questionou, tudo bem, temos a resposta mesmo assim. “A resposta desta pergunta é que deixa a minha cidade mais formosa e mais requisitada. A gente não quer ganhar mais. Queremos ganhar o justo. Tem gente que sai de Beirute, de outros cantos para comprar aqui. É barato, pode confiar”, responde São Paulo em tom assertivo. “Vou te dar um exemplo”, acrescenta ele após me fitar com os olhos e provavelmente achar que eu ainda não tinha acreditado<sup>82</sup>. “Este celular[...]”, neste momento ele pega meu celular que estava gravando a conversa. “[...] Vamos supor que você vai comprar ele em Beirute. Eles vão te dizer: ‘Mais de 1000 dólares’. Em *Tem de Tudo!* falam: ‘só 900’. O porquê da diferença? Não sei te dizer.”, diz São Paulo enquanto levanta e desce os ombros três vezes seguidas reforçando que não saberia mesmo responder a questão por ele levantada. “Vou dizer uma coisa pra você: as coisas são baratas mas todo mundo ganha bem no final do mês. É por isso que a maioria das mulheres não trabalham, porque lá não precisa”, São Paulo complementa sua frase anterior.

---

<sup>82</sup> Alerta: Possibilidade de ser apenas minha impressão, até porque eu acreditei logo de primeira.

Há um diferencial nesta cidade que segundo São Paulo não pode ser esquecido, afinal, para ele é uma característica importantíssima para um local que é escolhido como capital de um país: o fator histórico. “Existem duas *Tem de Tudo!*: a antiga e a nova. Eu explico. Dentro do castelo, cercado por sete portas, temos a cidade antiga. Depois a cidade cresce, cresce e aí ganha mais terras e muda um pouco”, inicia ele. “Dentro destas sete portas tem muitas ruas, comércio forte. Tem lugares para passear, lugares para fazer compra, lugar para comer. Só que dentro é tudo feito de pedra antiga, muito antiga.”, acrescenta ele. “E fora?”, eu o pergunto. “Fora já é mais comum. Tem cerâmica, vidro. Tipo aqui.”, me responde.

O relato de São Paulo não deixa espaço para dúvidas: o forte de *Tem de Tudo!* é o comércio. E querendo dar ainda mais veracidade a sua fala, ele me diz: “Pode chegar para qualquer morador de um país vizinho pra você ver. Se eles verem uma pessoa que sabe negociar e vender algo eles já dizem: ‘Esse aí é de *Tem de Tudo!*’. Somos conhecidos pelo comércio. A cidade tem grandes comércios e aí eu te conto um diferencial: tudo que o morador quer ele encontra aberto 24 horas”. Eu comento que na conversa que tivemos anos atrás ele já tinha comentado isso e conto que eu também achava muito interessante isso. “Posso te contar uma história minha sobre isso?”, ele me pergunta. “Não só pode, como deve.”, eu respondo em tom de brincadeira. “Bom, lá nós temos um tipo de comércio que nós chamamos de *Cafés*, algo parecida com a cafeteria de vocês. É onde vamos para conversar, beber café, chá e fumar arguilê. Nesses cafés também fazemos jogos de cartas, sem apostar dinheiro, só para gente brincar. Depois de duas ou três horas da manhã você fica com fome. Estes cafés normalmente não servem comidas. Aí perguntam: ‘o que queremos comer?’ Um falafel, ou frango, ou carne. A gente decide. Pode ser qualquer tipo de comida porque tudo tem. Uma rua serve falafel, outra vende carne, outra vende outra coisa. E cada rua com duzentas lojas e aberta até de manhã. Aqui em Brasília depois da meia noite é *Subway* e *McDonalds*. Lá é 4 da manhã, esqueci de comprar sapato. Ah... tem loja aberta. E eu falo de loja normal, nada de shopping. Se eu quiser almoçar às nove da manhã eu acho comida de almoço às nove da manhã!”, relata São Paulo.

Se ainda não estiverem convencidos de que morar nesta cidade é literalmente *tudo*, São Paulo adverte: “Somos diferentes de todas as outras capitais. Somos a capital mais antiga do mundo. Três mil anos antes de Cristo e já éramos capital. Não dá pra comparar.”, conta ele em meio a um sorriso que claramente queria dizer *Não adianta tentar comparar, somos únicos*. “Vou resumir porque somos uma capital pra você: lá tem tudo. Pronto. E eu te falo que lá tem tudo porque gostamos de trabalhar! Trabalhamos muito!”, afirma ele para em

seguida acrescentar: “Além disto um ajudamos o outro. Se meu vizinho vende a mesma coisa que eu e ele não tem algo que eu tenho e ele precisa vender, eu tiro do meu para dar pra ele!”, finaliza ele o seu relato sobre *Tem de Tudo!*.

\*

Chegamos à *Grande Pomar*, a segunda maior Damasco presente neste texto. Esta é a capital que acolheu um menino sírio-brasileiro em meados do século XX, dando-lhe memórias, histórias e deixando-lhe o coração repleto de saudades. Enquanto conversava com Helsinque sobre a cidade, achei que estava em meio a um sarau, porque cada palavra parecia ter sido escolhida a dedo para que o resultado final soasse como um cancionário de amor & saudade.

“*Grande Pomar* é a noiva do mundo!”, inicia Helsinque antes de esboçar um sorriso de aquecer corações. “Entrar em *Grande Pomar* é lembrar a sua origem, a origem do ser humano. É uma cidade com mais de 13 mil anos”, contabiliza nosso narrador com uma firmeza que não pude questionar. “Então, você cheira a história. É isso, você sente o cheiro da história”, diz enquanto passa as pontas dos dedos abaixo de suas narinas e mantém o olhar fixo em meus olhos. Neste momento eu acredito que ele esteja sentindo o tal cheiro e espera que eu também estivesse sentindo. Sou natural de São João del Rei – MG, cidade histórica mineira que faz parte do Projeto Turístico Estrada Real e possui um pouco mais de 300 anos desde a sua fundação. Acho injusto comparar, o cheiro de história que estava familiarizado não tinha completado nem meio milênio, mas era o mais próximo que eu conseguia emular para me transportar para *Grande Pomar*. Bom, não deveria me cobrar tanto, são somente 12.700 anos de diferença.

“Você tá imaginando, amigo?”, sou cortado de meus pensamentos com o questionamento de Helsinque. “Estava tentando captar o cheiro”, respondo. “Interessante! Mas eu posso continuar?”, ele me pergunta. “Claro!”, eu digo tentando entender em que momento trocamos de posição. “É uma cidade fechada pelas 7 *Portas* e direto você cheira a história de 13 mil anos atrás. Você lembra direto da história da migração, por exemplo. Os gregos iam direto para *Grande Pomar* para trocar mercadorias, por exemplo. Sempre foi um centro de encontro muito ativo.”, afirma Helsinque, completando em seguida: “*Grande Pomar* é a Síria em sua natureza. Síria antiga que junta Palestina, Jordânia, Iraque. A Grande

Síria<sup>83</sup>. *Grande Pomar* é a cidade que te permite lembrar dos seus ancestrais, aqueles que vieram muito antes dos seus avós. É inevitável você não sentir uma ligação muito forte com a terra, com as pedras, com as paredes de *Grande Pomar!*”, conta.

Em seu relato Helsinque atribui com constância características vivas a cidade de *Grande Pomar*. “Ela é forte. Você não pode esquecer que ela enfrentou no mínimo 10 tipos de guerras e ela ainda está lá!”, conta ele. “Não vou dizer que ela é uma guerreira sempre vitoriosa. O domínio francês, por exemplo, quebrou a cidade e suas fronteiras. Tentaram estragar, mas ela não deixou de existir. Ela segue forte!”, complementa ele.

Neste momento o celular de Helsinque toca e ele interrompe sua fala: “Preciso atender, é minha família”, se justifica. Eu faço um gesto com as mãos e complemento com um movimento de cabeça para tentar dizer que está tudo bem. Ele sorri. Sorrisos sinalizam coisas boas, não é? Ele me entendeu, acredito. Celular desligado. Eu retomo a gravação enquanto ele ajeita o bigode. “Podemos?”, eu pergunto. “De onde paramos?”, ele me devolve com outra pergunta. “*Grande Pomar* e suas maravilhas”, eu respondo esboçando um sorriso. “Me lembrei. Você precisa conhecer!”, ele adianta. “Já estou conhecendo!”, exclamo recebendo de Helsinque um aperto de mãos. “Boa amigo!”, me diz.

“Eu definiria *Grande Pomar* como o centro das civilizações. Se você parar para pensar, tantos povos se originaram dali”, conta um Helsinque ambicioso em suas afirmações. “Grandes histórias, acontecimentos e outros detalhes passaram em algum momento por *Grande Pomar...*”, continua ele antes de ser interrompido por mim: “Até Jesus passou por lá, né?”, tento desconstruir. “Exatamente, meu amigo! Exatamente!”, responde ele entrando na brincadeira.

Obviamente que estando na quarta Damasco deste capítulo já entenderam que os nomes surgem de características ressaltadas por nossos narradores em seus relatos. Se você está se perguntando o motivo pela qual a Damasco de Helsinque recebeu o nome de *Grande Pomar*, vamos adiantar a resolução deste mistério. É porque...

Eu espero que a formatação deste capítulo não tenha estragado a minha tentativa de produzir um gancho quase folhetinesco. Sabe quando tem uma informação muito importante e está prestes a ser revelada e *boom!* o episódio termina ou entram os comerciais? Foi mais

---

<sup>83</sup> Acredito que ele esteja referindo-se a configuração geográfica após o [Tratado de Sèvres](#).

ou menos este é o efeito planejado no parágrafo anterior. Está curioso? Então a resposta é: fim desta página, passe para a seguinte para descobrir.

“Queria falar que estamos falando de uma cidade bastante natural.”, recomeça Helsinque. “Natural em que sentido?”, pergunto. “Como posso te explicar?”, me responde com uma pergunta e em seguida acrescenta: “É um local com muitas árvores. Mas não é qualquer árvores, são árvores que dão frutas. Toda casa tem pelo menos uma árvore que dá fruta. É uma cidade cheia de frutas e são as frutas mais gostosas no mundo. E vou te falar, as frutas são de todos. A cidade é um grande pomar. Acho que é a principal coisa pra te falar!”, conta ele. Antes de passarmos para outro assunto, Helsinque diz que gostaria de acrescentar que não só as frutas eram as melhores mas a água também. “Nunca bebi no mundo todo uma água como a de *Grande Pomar*. Água natural de fontes. A cidade é cheia de fontes de águas naturais. É confirmado, viu? A melhor água do mundo!”, comenta. “E sai gelada, hein?”, continua. “Gelada?”, eu pergunto surpreso. “Gelada. Coloca uma maçã na boca das fontes pra você ver...”, brinca Helsinque. “Entope?”, tento responder a altura. “Congela”, ele finaliza.

Helsinque era uma fonte. Não de água, óbvio. Fonte de informações, de histórias. Se as frutas e a água eram as melhores do mundo, fiquei curioso para saber o que mais *Grande Pomar* teria de diferente das outras cidades que ele visitou. “É um lugar que tem muita coisa antiga. Pra não dizer tudo antigo. Aqui dentro você acha, por exemplo, a história de Roma. A história da Grécia. Turcos. Tem um pouquinho de cada povo que dominaram *Grande Pomar* desde 13 mil anos!”, conta. “Você quer saber o que você também não acha em outro lugar? O abraço entre as religiões mulçumana e o cristianismo. Lá você encontra uma igreja cristã do lado de uma mesquita. Isso não se acha com facilidade em outros lugares do mundo. É uma coisa diferente da cidade. Mostra a convivência do Islã e o Cristianismo numa harmonia perfeita!”, complementa.

Quando eu o questiono sobre o porquê de *Grande Pomar* ser a capital da Síria, ele me responde cirurgicamente: “Porque ela é conhecida há 13 mil anos”. Eu concordo com a cabeça, mas acho que em alguma ação não controlada do meu corpo transpareci que esperava uma resposta maior. Helsinque diz: “eu vou continuar”. Ele me entrega aquele sorriso amigável. Eu aguardo a continuação que não demorava a vir. “Os sábios fazem um monte de teorias sobre como deve ser uma capital e onde ela deve ficar. Sabe-se que a capital tem que ficar longe do mar e longe de uma linha de terremoto. Sendo assim ela correria menos riscos de ser invadida ou destruída.”, inicia sua linha de pensamento. “Além disto, *Grande Pomar* é

um centro que liga várias cidades, não só cidades, vários países árabes. Entre *Grande Pomar* e Palestina, 70 km...”, ele diz. “70 km só?”, eu o interrompo surpreso com a distância e também com o meu desconhecimento geográfico. “Só. Entre *Grande Pomar* e a Jordânia por volta de 100km. De *Grande Pomar* você pode visitar Israel, Líbano, Iraque, Turquia. Ela é capital da Síria porque ela é a capital do mundo árabe.”, pondera. “Em 1500, quando Cabral chegava no Brasil, o mundo árabe era um só e *Grande Pomar* já existia e encontrava-se no centro de tudo.”, conclui.

Envolvido na narrativa de Helsinque, me passa pela cabeça as características que ela tinha me contado que faziam parte da sua cidade ideal. Decido perguntar quais elementos desta cidade ideal ele encontrou em *Grande Pomar*. “Bom, *Grande Pomar* não é inteiramente minha cidade ideal, mas tem pontos. Por exemplo, avenidas largas. Olha que eu estou falando da *Nova Grande Pomar*, porque a região antiga possui ruas bem estreitas. É difícil de falar. É uma cidade que não é a ideal mas é a minha cidade”, conta. “Para a gente encerrar esta parte eu vou te contar algo: essa é tanto minha a cidade que eu tenho o mapa dela na minha cabeça. Se você me soltar lá agora eu vou saber onde fica tudo. Eu sei onde nasce o sol e se põe o sol em *Grande Pomar* e aqui em Brasília eu ainda não gravei.”, diz Helsinque em meio a risadas. “20 anos em Brasília e eu não sei me localizar, não sei onde fica o sul e o norte, onde nasce e onde se põe o sol, mas em *Grande Pomar* não. Lá eu sei tudo!”, finaliza.

\*

Estamos em direção ao último destino deste capítulo. Quando chegarmos eu avisarei, apenas peço que coloquem os cintos. Pronto, chegamos. Podem retirar os cintos. Saímos de Damasco rumo a Damasco. Sejam bem-vindas(os) à *Minha Damasco*. Não minha, mas dela (narradora). No nome da cidade o pronome possessivo vai na primeira pessoa mas a intenção está relacionada à terceira pessoa. Entenderam? Bom, quem assume as narrações a partir daqui é Bergen e ela se refere constantemente a capital da Síria como a *Minha Damasco*. Dessa vez não houve a construção de um clímax para a revelação do motivo do nome dado a cidade, mas não se desanimem, veremos coisas ainda mais interessantes.

O início da nossa conversa foi mais ou menos neste sentido. “Me fale um pouco sobre a capital da Síria. Como você a descreveria?”, eu comecei. “Você quer que eu descreva a



minha Damasco?”, ela respondeu a minha pergunta com outra pergunta<sup>84</sup>. “Eu adoraria, se não for nenhum incômodo.”, disse gentilmente. “Claro que não, eu adoro isso!”, me responde de forma ainda mais gentil.

“Bom, a *Minha Damasco* é uma cidade das ruas limpas, das pessoas que têm segurança, onde as crianças brincam na rua sem serem incomodadas, mas dentro do seu, como diz, dentro do meu redutor. Temos que ter cuidado ao falar de religião mas lá são assim, dividido por redutos. Ali moram os cristãos, em outro lugar os islãs.”, começa Bergen antes de interromper sua fala para tomar um pequeno gole de café. Eu também bebo o café que me foi servido enquanto a espero retomar a fala. “Eu dentro do meu reduto faço tudo que eu quero. Lá (em outro reduto) eu não faço nada”, afirma enquanto empurra os óculos para cima. “Agora, é dentro de um país seguro porque nós temos a pena de morte. Então, se o cara estupra uma criança, ele só estupra uma vez porque ele é degolado em praça pública. O índice dessas coisa é quase zero!”, conta Bergen enquanto balança a cabeça para baixo e para cima. “É quase zero!”, continua dizendo enquanto repete os movimentos. “Temos as guerras grande, mas quem é envolvidos nas guerras grande é os político. Na minha época não tinha guerra. A guerra estourou tem 10 ou 12 anos. Eu não participei dela mas eu vou te dizer que entre as guerra que nós temos lá hoje, existe a maior segurança de uma mulher andar sozinha pela rua sem importunada. Pode dar duas horas da manhã. Se eu quiser ir na casa da minha irmã eu levanto e vou. Ninguém mexe!”, conta completamente enérgica e envolvida com o relato ao mesmo tempo em que dá tapinhas na mesa com a mão direita.

“Mas a *Minha Damasco* é aquela que tinha sete portas. Uma capital antiguíssima. Estive lá agora e rodei tudo novamente. É a cidade dos casarões. Nestes casarões moravam duas, três, sete, dez famílias. Elas eram construídas, antes da minha época, para aqueles caras que casavam com duas ou mais mulheres. O que acontece é que com o passar do tempo, passaram a ser alugadas para as pessoas. Então, começaram a morar várias famílias ao mesmo tempo. E todo casarão tem uma fonte no meio que jorra água pra fora, porque a água traz paz. E aquilo impecavelmente limpo. Moram sete, oito, dez, quinze, vinte famílias nos casarões e você não vê um lixo no chão. As vizinhas levantam, se uma não limpar a outra limpa. Se falecer um ente querido delas, elas acolhem, fazem a comida. Elas recebem o

---

<sup>84</sup> Confesso que toda vez que essa dinâmica ocorria durante as entrevistas eu me sentia em um daqueles quadros de programas de improvise: “Ééé o jogo das perguntas!”, sempre diz o apresentador. Depois de ler todo o trabalho e quiser entender o que eu estou dizendo, vale a pena conferir. Nosso texto é conteúdo, reflexão e também diversão: <https://www.youtube.com/watch?v=YpDCSxtE4S0>

convidados delas dentro das suas casas. Se a minha parte da casa tem um quarto e eu perdi um ente querido e vou receber minha família do interior, as outras dão abrigo. Adotam. Cada um leva um pra sua casa. No outro dia fazem comida para levar até a casa do morto. E eu te digo que até hoje é assim. É uma tradição viva!”, conta empolgada.

Pausa para reabastecer a dela e a minha xícara com café. Enquanto ela bebe, vejo que ela me fita com os olhos observando a minha reação ao tomar o café. “Não tá acostumado a tomar café sem açúcar?”, ela pergunta. “Não!”, respondo tentando não parecer sem graça. “Quer adoçante?”, ela gentilmente estende o vasilhame com o conteúdo. Eu confirmo com a cabeça e despejo algumas gotas em meu café. Levo a xícara a boca para provar se a quantidade está ideal. “Bem melhor!”, eu penso, mas não falo. Acredito que também não seria necessário depois do meu sorriso de satisfação. Coloco a xícara sobre o pires. Respiro fundo. “Podemos continuar?”, pergunto ao mesmo tempo que deixo transparecer a minha empolgação com as histórias e a narrativa de Bergen. “Podemos, claro. Eu falo muito, você viu!”, ela volta a brincar. “Isso é ótimo. Quem sabe eu não faço uma história baseada nos seus relatos!”, eu digo em tom de brincadeira mas querendo saber sua resposta. “Eu vou adorar! E você vai gostar do meu livro. Quando terminar de ler, me conta.”, ela pede. “Com satisfação farei isto.”, eu respondo antes de voltar a beber o café.

“Você deve estar imaginando os casarões, as fontes né?”, ela sorri. “Eu estou viajando com você neste momento. Estou passeando por estes casarões.”, respondi quase que com os olhos fechados, tomado pela minha imaginação. “Olha, vou falar mais. Não são casarões pequenos. São casas com pé direito alto. São casas que não aparecem para a rua. Aí você tem um portão, a fonte luminosa no meio onde ao entardecer os moradores todos se juntam, tomam chá, que é um hábito nosso. Tem uns que tomam chimarrão, não igual no Brasil que se bebe em cuia, tomam na xícara de chá. E fumam arguile. Não é narguilé, em *Minha Damasco* é arguile.”, ela conta.

Nesta altura da conversa, eu me sinto mais confortável e percebo que eu e Bergen criamos um laço mínimo de confiança. “Eu sou igual a você. Amo escrever”, ela comenta. Eu devolvo com um sorriso e um sonoro: “também acho”. Retomando as minhas anotações feitas durante aquele início de conversa, vejo que Bergen constantemente trazia a dimensão das interações entre os moradores de *Minha Damasco*, e como isto era algo natural da cidade. Faço esta colocação para ela. Digo que achei interessante como este elemento sempre aparece na fala dela. Claro que eu não aponte este fator avulsamente, eu queria que ela discorresse

sobre. E foi o que aconteceu. Nem ao menos eu terminei de falar e Bergen inicia sua colocação: “Claro! Isso é um dos fatores mais importante que tem. Lá é assim... Na nossa região, por exemplo, onde todo mundo conhece todo mundo. Se uma pessoa falecer, todo mundo vai dar os pêsames. As senhoras, as amigas, todo dia... pera vou te explicar algo antes. Lá se trabalha oito horas corridas. Os maridos saem de manhã e voltam duas horas da tarde. Aí as esposas ficam lá, arrumam suas casas e vão se visitar, tomar café, e levam suas verduras. Vão adiantando o seu almoço. Cada uma leva alguma coisa. Uma leva a vagem, outra leva o quiabo. Você tá entendendo? É uma coisa fantástica!”, diz Bergen antes de lançar um suspiro de quem estava naquele momento revivendo a história contada. Ela continua: “Quando é meio dia, acaba a fofoca e elas vão para casa finalizar o almoço. O outro costume em *Minha Damasco* é que quando os homens voltam do trabalho, às duas da tarde, eles trocam de roupa e colocam um pijama, almoçam e dormem. Eles sempre dormem!”, ela diz. Eu brinco: “e tem que ser de pijama?”. Ela ri e diz: “Pois é. Dormi depois do almoço eu até entendo. Mas ter que vestir o pijama? Isso me derruba”. Caso você tenha imaginado que o fim do expediente em *Minha Damasco* termine às 14 horas, não é bem assim. Segundo Bergen me contou, quem trabalha no comércio reabre as lojas a partir das 18 horas.

“É impressionante uma coisa...”, ela retoma. “Você encontra tudo aberto até de madrugada. Qualquer coisa que você queira comprar. E o mais interessante é que é pra todos. Você encontra o que comer com 10 liras e com 50 liras. Você entendeu? E come bem, viu?”, ela brinca. “A *Minha Damasco* era diferente da que está hoje. Devido às condições que se vive lá, a cidade não está mais tão limpa e organizada. Mas na minha época tinha os trens elétricos que andavam nos fios elétricos na rua. Estes trens não soltavam fumaça, nem sujava. E te digo, hoje em dia não regrediu. Aquilo era tudo de bom”, ela adiciona ao seu comentário.

*Minha Damasco* é a cidade da flor de jasmim. De acordo com os relatos da nossa narradora, ao andar pelas ruas você é praticamente levitado pelo aroma inconfundível da flor, cujo odor nada parece com o jasmim que se vende no Brasil ou em outro lugar do mundo. “É uma florzinha branca mas cheirosa. É conhecido como Jasmim de Damasco. Aqui tem algo do tipo também, mas não tem cheiro.”, explica Bergen. “Toda casa se ela tiver um metro quadrado, ela tem uma árvore frutífera. E funciona assim: hoje é o dia da amora, eu tenho pé de amora e você não, mas você pode ter certeza que você vai comer amora. Vamos fazer suco, geleia e vamos distribuir.”, acrescenta.

Os moradores de *Minha Damasco* se “auto-ajudam muito”, nas palavras de Bergen. Ou se ajudavam. “Acho que hoje deve ser em menor escala, mas ainda existe. Em *Minha Damasco*, a pessoa que menos tem nunca dormiu sem comer. Lá nós não temos pobres. Lá nós não temos pobres sem teto. É isso que admiro em *Minha Damasco*. É um país de terceiro mundo? Somos. Mas é uma cidade de gente culta. Um país onde os pais exigem estudo. Em épocas de prova de vestibular é proibido fazer festa, até hoje você não pode fazer festa na sua casa porque meu filho está estudando e a sua festa vai atrapalhar o rendimento dele.”, ela conta. Enquanto ela dizia as palavras deste último parágrafo, percebi que inúmeras vezes ela batia no peito para falar da *sua* cidade e dos feitos que só acontecem lá.

Bergen disse muita coisa, entretanto, na minha cabeça não somente fixou-se, mas ficou ecoando quando ela fala que "em *Minha Damasco* não havia pobres". Decido pedir para que ela me explique melhor como funcionava esta questão na cidade. “É como eu te disse.”, ela começa. “Nós não temos ninguém que não tenha um teto, nós não temos ninguém que dorme com fome. O nosso pobre no Brasil passa fome, passa frio. Em *Minha Damasco* não tem pedinte na rua. Até hoje, e olha que é um país que tá saindo de uma guerra. Isso é uma coisa que, olha, não existe. E a Síria sempre foi um país que investia mais de 60% do seu dinheiro na área militar, porque sempre foi uma ditadura. Bom, apesar de que eu nunca vi uma ditadura lá assim como não vi aqui. Mas isso é porque eu nunca me meti com política também.”, conta Bergen e acrescenta em seguida: “Meu pai era militar lá. Era paraquedista, guerreava nas fronteiras. Na época, em 1960, minha mãe, coisa raríssima, a minha mãe seria a primeira mulher no mundo a pular de paraquedas, porque meu pai era paraquedista do exército. Só que o que acontece. Na hora que ela estava no avião e ela iria pular, não deixaram [...]”. Apesar de saber o motivo da mãe de Bergen não ter pulado, ele não será inserido no texto. Dessa vez nada tem a ver com ganchos ou produção de clímax, mas sim por respeito ao pedido feito pela narradora.

Decido fazer um paralelo com a cidade ideal narrada por Bergen. “O que é possível encontrar da sua cidade ideal em *Minha Damasco*?”, eu pergunto. “A segurança, a organização, o bom cheiro que vem do jasmim, a falta de pedintes nas ruas, um povo ajudador, né?! Tudo isso eu vejo na minha cidade ideal.”, comenta. “Posso te contar uma história pra finalizar esta parte? É porque eu falo demais...”, ela pede ao mesmo tempo que ri de si mesma. “Claro. Quero muito ouvir”, eu respondo rapidamente. “Em 1973 eu voltei à *Minha Damasco* com a minha irmã. Estávamos voltando para passarmos uma temporada junto da família. Nós chegamos e não tínhamos o endereço. Nos encaminharam para um

lugar no aeroporto pra pedir ajuda. Um senhor perguntou: ‘Qual o problema de vocês?’, porque ele viu que já estava caminhando para dar 4 horas da manhã no aeroporto e a gente lá. Ele chegou e perguntou se estávamos esperando alguém que acabou não indo nos buscar. Nessa hora a gente aproveitou e contou para ele. Ele ficou preocupado e perguntou como nós iríamos fazer para ir pra casa. Na época não tinha telefone nas casas, não tinha celular, não tinha nada. A gente pegou e disse: ‘a gente não sabe como vai fazer’. Nisso o chefe, um policial responsável pelo aeroporto, chamou um taxista e falou pra ele... não perguntou se a gente tinha dinheiro ou não. Ele disse: ‘você vai pegar elas e vai rodar com elas até elas encontrarem a casa que estão procurando. Se de tudo não encontrarem, você as trás de volta porque amanhã vamos nas rádio’. Eu e minha irmã na época achávamos que sabíamos chegar na casa do meu avô, só que já tinha passado 10 anos fora. Imaginávamos *Minha Damasco* na maneira como deixamos e muita coisa já tinha mudado. Eles tinham tirado o maior ponto de referência nosso quando crianças, que era uma torneira com uma caneca de inox pendurada onde todos que passavam bebiam água. Ai a gente falou pra ele ‘fica no bairro tal’. O bairro tal não tinha mudado, que é o bairro dos cristãos. Só de perguntar onde você mora, você consegue saber de que religião a pessoa é. O que aconteceu é que nós andamo, andamo, andamo. Tinham tirado todas as torneiras de *Minha Damasco*, menos a nossa. Quando achávamos que não íamos achar o local, já que a cidade tinha crescido e mudado, a minha irmã gritou: ‘Olha a torneira!’. Aí nós achamos a casa dos nossos avós. O que quero ressaltar com isso é a prontidão do povo de lá.”, conclui. “A cada vez que eu ía e voltava, era uma *Minha Damasco* diferente. Mas, não sei se você vai entender, mas ainda era a mesma *Minha Damasco*.”, acrescenta ao desfecho de sua narrativa sobre a capital síria.

### **3.2 Considerações finais do capítulo**

Ao final de nosso itinerário, não restam dúvidas que caminhar pelas ruas destas damascos é caminhar sobre as ruas de uma cidade que tem os dois pés fincados no passado. São as cidades que mexem com as memórias, que ligam-se aos afetos e desafetos. São as rotas seletivas que resultam das intenções de quem as narra.

Tive a oportunidade de ouvir e reouvir as histórias contadas ao longo deste capítulo. Não precisaria voltar às gravações para recordar que todos em algum momento da entrevista fizeram questão de deixar claro que estavam se referindo a uma Damasco do passado. A guerra era o agente causador das transformações do cenário urbano a qual eles estavam habituados. Tirando Bergen, nenhum dos nossos entrevistados retornaram à Damasco nos

últimos 8 anos, mas afirmam com a certeza de quem acabara de aterrissar após um período de férias na capital síria: mesmo com os efeitos da guerra, muita coisa permanece a mesma.

De acordo com Silva (2013)<sup>85</sup>, “a memória é seletiva filtra apenas o que lhe interessa, cria e recria à medida que se acrescentam experiências e lugares. No entanto, independentemente da quantidade de lugares visitados, é esse lugar afetivo que permite a ligação do indivíduo com o lugar e a sensação de felicidade”. Passear por estas cidades, é passear pelas pedras do apego. Narrar a minha cidade, que carrega as marcas e as histórias da minha vida e da minha geração tornou-se um desafio emblemático para os nossos narradores. Atribuo a este fator a quantidade de recuos que tivemos durante as exposições de fragilidades de Damasco quanto construto urbano. Havia sempre um *pode ser que tenha mudado* seguido de um *mas a essência da minha Damasco, da cidade em que eu nasci, que meus filhos nasceram*. O negativo por mais que aparecesse nas falas era encoberto adiante por reafirmações das qualidades e das lembranças positivas que foram preservadas na memória de cada narrador.

Sinto que todas as Damascos invisíveis narradas neste capítulo possuem um pouco de Isidora, cidade presente no livro *Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino (2003). Isidora é a cidade que remonta aos desejos contidos nas memórias da juventude de quem nela viveu. É uma cidade que reporta-se aos sonhos e às recordações de tempos longínquos, cujo presente parece ter ficado preso nas lembranças de seus moradores. É a cidade onde materializa-se a contraposição entre o sonho (da permanecer como sempre foi) e a realidade (das mudanças a serem descobertas).

Assim Isidora é a cidade dos seus sonhos: com uma diferença. A vida sonhada continha-o jovem; a Isidora chega em idade tardia. Na praça há o paredão dos velhos que vêm passar a juventude; ele está sentado em fila com eles. Os desejos são já recordações. (CALVINO, 2003, p.12)<sup>86</sup>

Algumas damascos também trazem ares de Zaira. Segundo Calvino (2003), as construções em Zaira eram o que menos chamava atenção. As histórias, os acontecimentos, as vivências e experiências dos indivíduos que interagiram com seu espaço são os constituintes desta cidade. Ela é reflexo das ações de seus habitantes e tem o seu passado

---

<sup>85</sup> SILVA, A. C. O. . Para uma Cartografia Imaginária. Orientador: Eduardo Fernandes. 2013. 143 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Escola de Arquitectura, Universidade do Minho, Braga, 2013.

<sup>86</sup> CALVINO, I. As cidades invisíveis. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de SP, 2003.

fixado em cada pedra, canto e esquina. Por vezes me deparei com Damascos que pouco tinham a ver com suas construções antigas e seus monumentos colossais. As formas geométricas cederam lugar às interações sociais que constantemente eram citadas como uma *forma de ser e viver* do morador de Damasco.

Poderia dizer-te de quantos degraus são as ruas em escadinhas, como são as aberturas dos arcos dos pórticos, de quantas lâminas de zinco são cobertos os telhados; mas já sei que seria o mesmo que não te dizer nada. Não é disto que é feito a cidade, mas sim das relações entre as medidas do seu espaço e os acontecimentos do seu passado. (CALVINO, 2003, p.14)

Por fim, entendo que a nostalgia em revisitar, mesmo que na memória, a cidade onde nasceram, onde se sentem pertencentes, ou melhor, onde sentem-se completos, trouxe para a narrativa estes elementos que pude identificar através da construção de cartões postais. Na posição de ouvinte e de visitante destas cidades invisíveis, eu era o turista e eles os guias. Tão certo quanto a beleza das sete portas que cercam a Damasco antiga, é dizer que o que me foi apresentado nada mais é do que um passeio por postais congelados no tempo. Aqui enxergo Maurília, cidade narrada por Marco Polo, e que é fruto da nostalgia cuja a real imagem está deslocada no tempo. Cria-se um ambiente nostálgico para que a memória da cidade seja colocada como grande atração turística. A técnica, consciente ou não, consiste em reduzir a cidade à uma escala menor para dar enfoque a zonas que acolham os observadores.

Em Maurília, o viajante é convidado a visitar a cidade e ao mesmo tempo a observar certos postais ilustrados que a representam como era dantes: a mesma idêntica praça com uma galinha no lugar da estação dos autocarros, o coreto da música no lugar do viaduto, duas meninas de sombrinha branca no lugar da fábrica de explosivos. Para não desiludir os habitantes o viajante tem de gabar a cidade nos postais e preferi-la à presente, com o cuidado porém de conter o seu desgosto pelas mudanças[...] (CALVINO, 2003, p.33)

## Capítulo 4

### **Narrando Brasília(s)**

Se eu dissesse que Brasília é bonita, veriam imediatamente que gostei da cidade. Mas te digo que Brasília é a imagem de minha insônia, vêem nisso uma acusação; mas a minha insônia não é bonita nem feia – minha insônia sou eu, é vivida, é o meu espanto. Os dois arquitetos não pensaram em construir beleza, seria fácil; eles ergueram o espanto deles, e deixaram o espanto inexplicado. A criação não é uma compreensão, é um novo mistério. (LISPECTOR, C., 1970)<sup>87</sup>

#### **4.1 Considerações iniciais**

Talvez, e friso bem o talvez, pois o que virá a seguir não tem nenhuma comprovação estatística, Brasília seja uma das cidades que mais vezes foi recontada se levarmos em conta sua vida ainda recente. Sobre Brasília foram escritos poemas, poesias, crônicas, telenovelas, romances e muitos trabalhos acadêmicos. Há algo místico em suas curvas planejadas que faz com que até os mais blazés dos indivíduos tenham algo a dizer sobre ela. A elite brasiliense que me perdoe, mas encontro no funk a grande expressão de Brasília: “fale bem ou fale mal, mas falem de mim”, já dizia Melody.

Venho do interior de Minas Gerais, cidade com pouco mais de noventa mil habitantes. As ruas em sua maioria são de paralelepípedo e as casas com mais de duzentos anos parece que tiveram as suas paredes construídas a partir de uma angulação diferente da que estamos acostumados hoje. Calçadas? Temos. É mais fácil fazer as coisas a pé e as distâncias nem deveriam receber o nome de distância, de tão próximos. Com poucas mudanças, diria que morei 18 anos em São João del-Rei. No final de 2013 me mudei para Brasília. Este trabalho não é sobre a minha visão, mas adianto que me surpreendi com a cidade. Era tudo muito diferente do que estava habituado a vivenciar. Acredito que a minha experiência cotidiana

---

<sup>87</sup> LISPECTOR, C. Nos primeiros começos de Brasília. 1970. Disponível em <<https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/5890/nos-primeiros-comecos-de-brasilia>> Acessado em: 12 de fevereiro de 2020, às 14:32.



com Brasília despertou no pesquisador que há em mim o desejo de saber como outras pessoas experimentam e interagem com ela.

Quando estava fazendo o campo para o meu trabalho de conclusão de curso (TCC) da graduação, no ano de 2017, encontrei São Paulo pela primeira vez. Desde o primeiro momento tivemos uma relação de confiança, o que trazia um benefício na hora de transitar entre os mais diversos assuntos. Uma frase dita por ele durante nossa conversa ganhou ecos na minha mente durante todo o mestrado, e foi a base para iniciarmos este projeto: “Cada um enxerga de uma maneira. Pra mim Brasília é uma cidade do interior, e São Paulo (cidade) que se parece com uma capital de verdade. São Paulo é prima de Damasco”, me contou na época. Cada afirmação se repetia num longo looping na minha cabeça. Ali tínhamos conversado pouco sobre o assunto, mas ao dizer que “cada um enxerga de uma maneira” comecei a lembrar dos diversos relatos que eu ouvi dos mais próximos sobre Brasília e, a partir daí, comecei a desenhar este projeto que passou por diversas mudanças desde as primeiras linhas escritas.

Compreender a relação de identificação entre indivíduo e cidade é entender de que maneira os sinais que compõem os espaços permitem que os indivíduos estabeleçam critérios de reconhecimento. As imagens formadas são formadas por signos e códigos. De acordo com Silva (2013, p.47)<sup>88</sup>, “signo é algo que ao ser compreendido transmite uma mensagem enquanto que código é o processo que permite que se crie a relação entre os signos”. Uma comunicação dentro da sociedade só é estabelecida quando sucede a partilha de determinados signos, cujos códigos são passíveis de interpretação por quem pertence àquela cultura. Sendo assim, a comunicação, a interpretação, o modo como se vivência determinado espaço, tendem a serem facilitados quando feitos por indivíduos que compartilham os mesmos códigos. Através da arquitetura muitas vezes busca-se transmitir símbolos que expressam ideais e formas íntimas de uma sociedade.

Ainda em consonância com Silva (2013, p.47), o “modo como apreendemos a cidade depende da compreensão e interpretação desses signos e da descodificação dos códigos que lhe estão inerentes”. É inegável, então, a influência destes códigos e, conseqüentemente, dos elementos os quais nossos narradores fazem uso para decifrá-los, que por vezes podem não serem semelhantes aos utilizados por aqueles que partilham da cultural local, no modo como

---

<sup>88</sup> SILVA, A. C. O. . Para uma Cartografia Imaginária. Orientador: Eduardo Fernandes. 2013. 143 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Escola de Arquitectura, Universidade do Minho, Braga, 2013.

a cidade de Brasília. Isso explicaria, muito minimamente, o porque de não encontrar nos relatos de meus narradores elementos que ouvi na conversa com meus amigos ou familiares.

As cidades que serão narradas a seguir são *cidades de descobertas*. O sentimento de descoberta provoca antecipadamente no narrador imagens, invoca seus desejos e estimula sua memória a buscar em suas profundezas parâmetros que possam formar essa representação de um lugar que virá a ser desbravado. Das descobertas se desdobram outros sentimentos, que encontram os caminhos criados a partir da verificação dos simulacros produzidos. As percepções que o indivíduo começa a desenvolver, a partir das experiências vivenciadas a cada novo achado, são resultados das interações e das relações que o mesmo se permite ter em relação ao espaço e aos que ocupam conjuntamente este espaço. Identificar-se ou não com Brasília vai delimitar a forma com que ela será reconstruída, e que, por conseguinte, está ligado a forma como o indivíduo interpreta e codifica os signos e os códigos expressos no espaço urbano.

Se você nunca visitou Brasília, terá agora a oportunidade de conhecer, de uma vez, cinco delas. Se já visitou, será a sexta Brasília a ocupar espaço no seu imaginário. Por unanimidade entre os nossos narradores, o passeio de vocês acontecerá de aplicativo de transporte particular, e o trajeto não será tão longo. Você vai perceber que o transporte público não é citado como um meio eficiente para locomoção. Neste bloco decidi me vigiar mais nas perguntas, para não deixar transparecer minha opinião e visão a respeito da cidade, e, conseqüentemente, induzir os relatos. Dito isso, peço que acredite no que eu irei dizer: este itinerário será ainda mais divertido. Depois de três capítulos e uma introdução, vocês não duvidam mais de mim, né?

\*

Nossa primeira parada é na *Cidade Floresta*. Esta é a Brasília de Abu Dhabi, e se você não sabe como funciona a sua divisão de território, ele faz questão de começar explicando: “Quando eu falo em *Cidade Floresta*, eu estou falando de tudo. De todas as Regiões Administrativas<sup>89</sup>. Pra mim é tudo!”.

Se você deseja um lugar bom para saúde, deveria passar um tempo por estas bandas. Em primeiríssimo lugar aqui tem bastante oxigênio circulando, de acordo com Abu Dhabi. Ele me conta que desde o primeiro dia que pisou em *Cidade Floresta*, ficou impressionado com a quantidade de árvores, e por isso este é o nome dado a ela. “Parece uma floresta. O oxigênio aqui faz bem para a saúde”, garante ele. “Além do mais, eu prefiro o atendimento nos hospital aqui do que na Síria. Não é bom, mas olha, melhor do que lá!”, afirma.

Mas nem tudo são flores. “Comecei pela parte boa, viu?”, brinca Abu Dhabi. Em seguida ele acrescenta: “Uma cidade precisa ter emprego. Sem emprego não tem como viver nela. *Cidade Floresta* é uma capital, um lugar caro para se viver. Precisa de muito dinheiro para se viver aqui, mas ao mesmo tempo não tem emprego para que as pessoas possam continuar vivendo! Eu gosto daqui, mas fica difícil vir pra cá e ficar sem emprego”.

Quando penso em falar algo relacionado ao assunto anterior, Abu Dhabi já estava emendando no próximo: “Aqui é novo. Não tem nada histórico, não tem monumento, não tem prédios antigos, lugares velhos. É uma cidade recente, sem muita história ainda. Lá [na Síria] você poderia ter restaurante velho, no lugar velho, que tem história. Aqui é mais difícil”. Após sua fala, ele coça a mão direita. Quero brincar com ele que isso é sinal de dinheiro, mas acho que não seria bem aceito. E também não sei ao certo se era a mão direita ou a esquerda. Melhor não interromper por isso. “Aí entra a questão do comércio. Porque os migrantes vão para São Paulo? Porque tem comércio grande e forte, igual Damasco. O comércio aqui é pequeno e difícil de sustentar.”, conta Abu Dhabi. Neste momento sinto que ele iria mudar para outro ponto, digo: “me fala mais sobre essa questão!”. “*Cidade Floresta* não tem centro comercial. O comércio fica em partes das quadras e são reduzidos. Nas outras

---

<sup>89</sup> Para saber mais: [Administrações Regionais - Governo do Distrito Federal](#)

cidades, normalmente, tem o centro onde tem todas as lojas que você precisa. Aí não precisa ficar indo de lugar em lugar para achar tudo que precisa!”, explica ele.

Proponho uma dinâmica para Abu Dhabi. Antes que eu começasse a explicá-la, seu celular toca. “Pode atender se quiser!”, digo. Ele faz um sinal negativo com a mão, desliga o aparelho e volta os olhos para mim. “Qual é a dinâmica?”, ele pergunta. Eu começo a explicar: “Vamos imaginar que eu sou um parente seu que mora na Síria e estou pensando em migrar. Eu te ligo e pergunto: ‘Como é *Cidade Floresta*?’. O que você diria para esse parente?”. Ele ri. Melhor, ele gargalha e gargalha alto. “Legal isso.”, começa Abu Dhabi. “Primeiro? Eu diria que precisa muito dinheiro. Só pra visitar *Cidade Floresta* já precisa de muito dinheiro, pra morar então... Se não tem dinheiro, não vem pra *Cidade Floresta*! Tudo é caro. Aluga apartamento, é caro. Comida é caro. Caro não, muito caro.”, ele diz. “Agora se tiver dinheiro, eu digo, é uma cidade na floresta. O ar é muito bom. É uma cidade linda, linda. As ruas são diferentes, não tem esquina.”, conta Abu Dhabi enquanto ri de sua constatação.

*Cidade Floresta* é uma cidade linda, mas também, uma cidade marcada pelas diferenças. De acordo com Abu Dhabi: “É...Tem que falar que não é tudo igual. Não pode enganar dizendo que é tudo igual. Lago Sul e Lago Norte igual ao restante? De jeito nenhum. Eu separo assim: primeiro Lago Sul e Lago Norte; depois Asa Sul e Asa Norte; aí vem Cruzeiro e Guará; e depois Taguatinga e o resto. Tem suas diferenças. Não dá pra falar que é a mesma coisa. Guará melhor para se viver do que Taguatinga. Asa Sul melhor que Guará. Assim vai”.

“Contaria algo mais? Pra gente fechar.”, eu digo a ele. “O trânsito! Tem muitos semáforos em Brasília. Muitos. Eu entendo porque é um lugar que você vê muito carro andando. Até porque ônibus é difícil de pegar e caro. Se eu quero fazer uma compra, se eu não tiver carro, como faço? Não dá pra levar no transporte público. Nunca pega um ônibus só pra ir ao destino. E andar nas ruas é difícil porque quase não tem lugar para andar. Tem que ser de automóvel mesmo. Porque é tudo longe.”, comenta e depois finaliza dizendo: “Brasília tem quase tudo, só que em menor escala”.

\*

Passageiras e passageiros, estamos chegando ao nosso próximo destino. Não se preocupem, ainda estamos em Brasília. O recado a seguir é importante, peço silêncio: fiquem sempre juntos de mim. É sério. Se vocês se perderem, será difícil encontrá-los. Recados

iniciais dados, sejam todas(os) bem-vindos à *Cidade dos Desencontros*. Garanto que neste exato momento estão todos curiosos em relação ao porquê do nome. Dessa vez vou manter o mistério. Calma, toda verdade será revelada. No momento certo, eu contarei.

Nosso guia neste passeio será Valência. “Bom, primeiro a dizer é: *Cidade dos Desencontros* é composta por tudo, incluindo as cidades satélites. Só que umas regiões são mais seguras que as outras!”, inicia. Iniciante na função de guia, Valência questiona se deve começar falando as coisas boas ou as coisas ruins. Eu preferi não escolher e deixar que ele construa a narrativa da forma que desejar. “Então, a saúde. Ela é terrível aqui. Igual ao trânsito, o transporte. Acho horrível. Por exemplo, você pega o metrô daqui<sup>90</sup> ao terminal Ceilândia você precisa de 40 minutos livres, no mínimo. Concorda?”, ele me pergunta antes de emendar a continuação de sua fala sem me dar tempo de resposta. “Então, este caminho inteiro poderia ter sido feito em 10 minutos, com as paradas claro. A mesma quantidade de paradas. Só que a velocidade do metrô aqui é muito baixa.”, conclui.

Naquele instante, pensei que ele deveria ter começado pelos pontos negativos. Resolvo perguntar para ter certeza, entretanto, confesso que desejava estar errado. Seria, no mínimo, interessante. Imagina se isto eram as coisas boas? O que seriam as ruins, eu me pergunto agora. Bom, mas não foi assim que aconteceu. Ele confirmou que estas eram as coisas que o incomodavam de início, se lembrasse mais falaria. Eu peço para que ele me conte sobre as positivas enquanto pensava se haveria mais queixas. “A arquitetura me surpreendeu. Digo, é muito interessante ter uma cidade no formato de um avião. Isso é muito legal mesmo!”, conta Valência, cujos olhos arregalados confirmam a empolgação da fala. “Tem uma coisa que é muito bom aqui. A facilidade em encontrar o endereço que você quer chegar na Asa Sul e na Asa Norte.”, ele diz. “Você acha fácil?”, eu pergunto temendo que ele sintasse meu tom de discordância. “É muito fácil!”, ele responde enquanto entrelaça os dedos das duas mãos e balança. “Mas eu queria falar uma coisa.”, retoma Valência. “Encontrar o endereço pode ser fácil. Mas se locomover é difícil. Quase não tem calçadas em *Cidade dos Desencontros!*”, pondera. “É uma cidade para andar de carro. Eu acredito que planejaram esta cidade só para algumas pessoas. Ela não foi pensada para pessoas de baixa renda. Tenho certeza!”, afirma nosso narrador de forma bastante convicta.

Enquanto espero para ouvir o que mais Valência me contaria, sou pego de surpresa com uma pergunta. Ele me indaga se eu sabia que *Cidade dos Desencontros* foi planejada

---

<sup>90</sup> Lembrando que esta entrevista foi realizada no Park Shopping.

para que as mais diversas classes sociais vivessem juntas e frequentassem escolas, hospitais e outros equipamentos urbanos em comum. Era uma cidade que visava ser mais igualitária, ele me contou. Eu respondo dizendo que conhecia o projeto, tinha lido sobre e que também tinha ouvido falar dessas colocações que ele pontuou. “Então você sabe que não deu certo! Acho que nunca deu. Eu moro no Guará mas meu tio mora na Asa Sul, então eu vivo pra lá e pra cá e eu vejo. O governo sempre prioriza arrumar as ruas da Asa Sul. Eu sempre vejo alguém do governo nesses lugares. Por quê? Porque pra eles importa mais a opinião do rico do que a opinião do pobre. Em relação a limpeza, nas cidades fora do Plano Piloto quase não se vê lixeira na rua. O pior que eu acho é jogar lixo debaixo de árvore? Por quê descontar na planta? Se alguém cansado quer descansar debaixo de uma árvore, ele vai descansar em cima do seu lixo? É justo? Na minha religião isso não é permitido.”, relata Valência.

O cuidado com meio-ambiente é uma preocupação que Valência carrega consigo e faz questão de sempre destacar, inclusive sua cidade ideal era uma cidade preocupado com as questões de sustentabilidade. “Acho linda arquitetura dos prédios do ministério, mas acho mais bonito ainda o lago, os parques. Desde o primeiro dia que pisei em *Cidade do Desencontro* eu fiquei impressionado com as árvores, com a quantidade de verde. Isso é lindo e poucas cidades tem tantas plantas. Tem que ser cuidado, preservado, sabe?”, destaca.

Enquanto caminhávamos para o final da entrevista, Valência diz que lembrou de mais um ponto ruim que não podia deixar de falar em *Cidade do Desencontro*. “A segurança, né? E olha que eu sou homem. Eu, homem, não vou para bairros fora da Asa Sul e Asa Norte durante a noite se não estiver de carro ou de Uber. É muito perigoso. Pra mulher 10 vezes mais. Isso é muito ruim, uma cidade que não oferece segurança para seus moradores.”, conta. “Além disto, lembrei mais.”, ele ri enquanto se prepara para continuar. “Morar em *Cidade do Desencontro* é muito caro. Tudo é muito caro. Eu trabalho no shopping e recebo o suficiente para pagar o aluguel, a comida do mês. Tirando isso, não consigo dinheiro para sair. Para comprar minha casa. Sabe, é difícil adquirir seu terreno aqui. E os benefícios que ajudavam o pobre, tipo *Minha Casa, Minha Vida* estão sendo retirados. Se você nunca foi pobre, ok! Mas não precisa tirar dos que já não tem. Entende?”, lembra.

Sabendo que meu tempo de conversa estava se encerrando, já que as horas se aproximavam das 19 e meu entrevistado estava cansado depois de passar um dia inteiro trabalhando, pergunto a ele se gostaria de dizer mais alguma coisa antes de encerrarmos o momento. “De bom ou de ruim pra terminar?”, ele questiona novamente. Respondo que ele

pode dizer o que quiser, que ele ia terminar com chave de ouro. “Vou falar sobre a arquitetura. Me impressiona, como já disse, o modo como a cidade foi planejada em forma de avião. Tipo, ela foi bem super organizada a partir da numeração. Você sabe que 100 e 200 estão no eixo. Às 300, 500 e 700 ficam mais em cima. E assim vai indo. Isso faz com que você não se perca.”, começa. “Terminando, eu sinto falta de encontrar as pessoas. Aqui interagir é difícil porque você não vê as pessoas na rua. Lá de onde eu venho às pessoas andam, passeiam a pé. Aqui não tem calçada, não tem esquina. Isso traz dificuldade para viver a cidade também. Em *Cidade do Desencontro* não se acha as pessoas. É uma cidade com mais desencontros do que encontros. Entende o que eu digo? Você sente melhor a cidade, a arquitetura, enfim, você sente melhor tudo quando anda a pé. Ter calçada é importante. Ter contato entre moradores é importante. Toda cidade tem calçada, aqui é a única que não tem. Se você anda todo dia 5 horas no mesmo horário que eu tô voltando do trabalho. Então, todo dia eu tô te vendo e você tá me vendo. Uma hora eu e você vamos dar pelo menos um boa tarde e desse boa tarde vai ser um 'tudo bem?' E depois viramos conhecidos e quem sabe uma hora viramos amigos. É assim que você acha as pessoas, e se não tem calçada, se as pessoas só vivem a cidade dentro dos carros, como se encontra? Falei muito né? Mas é isso!”, finaliza Valência enquanto me entrega um sorriso de dever cumprido. O mesmo que eu estou esboçando agora, enquanto escrevo, sabendo que segurei até o último parágrafo o motivo pelo qual chamamos esta Brasília de *Cidade do Desencontro*.

\*

Se você não percebeu, eu te conto: já estamos em outra cidade. Sim, eu entendo. O trajeto é tão rápido que por vezes parece que nem saímos da cidade anterior, quem dirá termos chegado na cidade seguinte. É realmente uma loucura, até para mim, acredite. Sejam todas e todos bem-vindos à 50%. Se uma cidade precisa suprir 80% das necessidades de seu moradores para ser considerada ideal para habitação, estamos pisando em um terreno que não oferece nem sequer o mínimo. Como diz a célebre frase que já caiu no gosto popular: onde não puderes suprir no mínimo 80% das tuas necessidades, não te demores. Aos desavisados, lembro-vos de um termo: licença poética.

Após ler o nome da cidade e sua explicação, provavelmente não há mais dúvidas: para guiar-nos, São Paulo. Ele deixa um primeiro aviso aos visitantes: não esqueçam de comprar comida antes das 00:00 horas. “Se você deixar para depois já adianta que terá duas opções para escolher: *Subway e Mc Donalds*. Só estas duas!”, ele alerta. “Não vou culpar aos

restaurantes. Abrir loja no Plano Piloto é muito difícil. Só tem as comerciais para abrir loja, e olha só, não cabe nem a cozinha nessas lojas. Onde vai abrir fábrica aqui? Por isso que não tem indústria. Vou te dizer, o maior erro de 50% é que ela não foi bem planejada.”, diz São Paulo dando continuidade à sua fala. “Os lugares onde você consegue encontrar imóveis maiores para o comércio, não adianta alugar ou comprar. É perigoso. Não compensa!”, complementa. “Aqui você tem dificuldade de encontrar tudo o que precisa. É uma cidade que tem 50% das minhas necessidades e isso é complicado. Não tem nem 80%. Como vou ficar satisfeito?”, argumenta.

Quanto ao planejamento da cidade, São Paulo destaca que ele sente que determinadas questões não foram de fato planejadas. “Acho que Oscar Niemeyer esqueceu que a cidade cresce. O que eu vejo é que aqui cresceu rápido demais, mas a arquitetura não acompanhou. O resultado é algo que não combina. As pessoas têm que aproveitar o espaço que tem. Não há outra possibilidade”, conta.

Proponho a dinâmica em que sou um familiar que mora em outro país e quero visitar 50%. “O que você contaria a este familiar sobre a cidade?”, eu pergunto. “Olha, aqui é muito tranquilo. Tranquilo até demais. Sabe como eu costumo chamar? 50% é cidade de povo velho.”, ele ri. Eu devolvo o sorriso e indago o porquê. “Precisa dizer? Olha a sua volta. Olha nas quadras. Eu moro a 5 quadras daqui. Meu prédio tem 4 andares, em cada andar 4 apartamentos. Praticamente todos quem mora é gente velha. É tudo feito pra gente velha poder usar, por isso moram em 50% porque é mais fácil pra eles”, afirma São Paulo. Neste exato momento ele aponta para um prédio que estava atrás de mim. Eu viro, e ele diz: “Não falo só de gente, olha os prédios. Todos tem aparência de velho. Não é que se parece antigo, histórico. Se parece velho. É isso que é os prédios e as construções de 50%. Uma cidade nova com aparência de velha. E isso, volto a dizer, não tem nada a ver com ser histórico. Tem a ver com... como se diz a palavra... descuido. É, descuido.”, acrescenta.

Espero ele retomar a fala. “Estou pegando pesado?”, ele diz enquanto sorri. “Por mim, pode continuar”, brinco. “Vou te dizer uma coisa que pra mim traz muitos outros problemas.”, começa São Paulo. “Andar a pé. Aqui não dá pra andar a pé. Primeiro porque não tem onde andar e depois porque você trabalha o dia inteiro e o horário pra andar seria a noite. Só que a noite se você anda a pé, você é assaltado. Tem muita gente que me pergunta se eu não tenho medo de ficar aberto até meia-noite. Eu te digo que enquanto estiver pessoas andando na rua, movimentando a rua, o ladrão não vai roubar e eu não vou ter medo. Mas é



isso, a cidade precisa de gente usando a cidade. Se diz usar a cidade?”, ele pergunta. “Pode-se dizer sim”, eu respondo.

Ele volta a apontar o prédio. “Esse prédio que eu te mostrei, olha.”, ele diz. Eu viro a cabeça o máximo que eu posso para ver novamente o edifício que ele mostra. “Antigo ou novo?”, ele pergunta. Eu respondo com outra pergunta: “antigo?”. “Antigo? Não. Tem o quê? 50 anos? É esse o problema. Tudo aqui é igual, tudo com essas cores e esses acabamentos escuros. Falta cor. Cada prédio de uma cor, já imaginou? Devia aproveitar os artistas para fazerem algo diferente. Olha o que eu vou te dizer é muito sério. Sabe qual é o grande problema de 50%? É uma cidade sem vida. Não tem espírito. É uma cidade morta.”, ele me diz. Intrigado com a resposta o questiono o que seria uma cidade sem espírito. “Faltar espírito é... vou dar um exemplo. Uma cidade abandonada, uma cidade que não conserta o que está quebrado, que não tem pessoas na rua se divertindo, interagindo. Imagina uma fruta sem química, uma fruta natural. Assim deve ser a cidade, e se ela for assim ela é uma cidade com espírito!”, finaliza São Paulo para em seguida soltar um suspiro. “Acho que falei certo.”, ele diz enquanto passa a mão pelos cabelos e sorri.

\*

Estamos quase chegando no fim do nosso itinerário. Espero que não estejam cansados e aproveitem os passeios que ainda restam. Bom, a cidade que nos rodeia neste instante é a *Cidade (Mal) Planejada*. A crítica começa no nome, mas apesar de todas as falhas, seu narrador garante: “não é ruim, mas podia ser melhor”. Para nos contar sobre esta Brasília, Helsinque.

“Pra começar falando desta cidade, eu gostaria primeiro de bater palmas para Juscelino Kubitschek. Este lugar é realmente excelente para construir uma capital. Só que infelizmente, eu não bato palma para aquele que desenhou *Cidade (Mal) Planejada*. Terra muito grande para um desenho tão pequeno. Então, daqui a pouco não pode entrar no centro comercial, porque é muito pequeno. E isso é um erro muito grande que não dá mais para corrigir. Está muito difícil.”, diz Helsinque no começo de sua narração. “Era pra ter construído capital muito grande. Como você erra e fala: ‘Vou construir capital para 500 mil habitantes?’. E depois nós temos 5 milhões. O que eu quero dizer é que nós temos uma cidade linda, bem arborizada, com clima excelente. As temperaturas não são muito altas nem muito baixas. É uma cidade que fica no Brasil e o Brasil é um excelente lugar. Os relevos são excelentes, não tem inundação. Porque vem a chuva e tudo cai no lago.”, acrescenta. “Sobre o

lago. Bom, eu não quero ser a pessoa que só critica, mas tem que estudar uma proposta para ampliar o Lago Norte e Sul. Aumentar a circunferência, entende? 10 centímetros a mais da circunferência possibilita aumentar 20 mil metros cúbicos de água e nós precisamos sempre de água. Dizem que a Floresta da Amazônia é o pulmão do mundo. O lago é o pulmão de Brasília!”, afirma Helsinque. Ouvindo as gravações das entrevistas, confesso que fiquei em dúvida sobre a ampliação do lago e o aumento do reservatório de água. Vou fazer uso do estereótipo *sou de humanas* para justificar o não comentário.

Apesar de sermos visitantes em *Cidade (Mal) Planejada*, Helsinque adverte que melhorias deveriam ser feitas para que a cidade fosse mais atrativa para visitação. “Deveriam criar praias. A coitada não tem mar, mas poderiam criar praias na beira do lago. Isso chamaria os moradores dos outros estados para morar e fazer turismo aqui. Vimos que a tecnologia possibilitou construir um túnel entre Paris e Londres que boa parte está debaixo d’ gua. Incrível. Então, dá pra limpar o água, afundar mais ele para receber mais  gua. Fazer praia, investir para ficar cheio o lago.”, comenta entusiasmado.

Apesar das inúmeras críticas, Helsinque é um cidadão propositivo. “Estou sempre encaminhando ideias para o governo. Nunca sou ouvido, mas não desisto. Sei que tem muitas coisas para melhorar em *Cidade (Mal) Planejada*. Eu xingo muito o Niemeyer, sempre.”, diz em meio a risos. “Eu não sei, eu não tava naquela época. Mas fico me perguntando: será que pediram pra fazer assim ou ele fez da cabeça dele?”, se questiona Helsinque. “De qualquer forma, precisa melhorar e muito. Precisa olhar para as cidades satélites. *Cidade (Mal) Planejada* tem muitas avenidas pavimentadas mas também tem muitos cruzamentos. No mundo moderno isso não existe. E se *Cidade (Mal) Planejada*   símbolo da arquitetura moderna, como me fazem uma coisa dessas. Aí me colocam vários semáforos. Na maioria das cidades fora não tem mais semáforos. As passagens abaixo do Eix o, não funcionam, até porque a popula o tem medo de passar por ali. O metrô. A gente precisa falar do metrô. Em Budapeste existem três níveis no metrô de l  e atende a cidade completa. Aqui o metrô não atende nada. E não chega nem na metade das cidades satélites.”, afirma.

Todas as cidades possuem suas particularidades. Há detalhes, formas e práticas que encontra-se apenas naquela localidade. Com *Cidade (Mal) Planejada* não é diferente. Das singularidades, Helsinque destaca: “Primeira coisa é que os prédios residenciais são baixos e alguns que estão nos setores comerciais são os mais altos. Em outras cidades ao redor do mundo é o contrário. Uma coisa que todos notam é que não tem esquinas e nem calçadas.

Essa questão das calçadas tinha que ser resolvido, porque as pessoas passam pela grama e deixam tudo estragado. A cidade só perde.”, conta. “A locomoção é difícil. O transporte público é ruim mas não há um planejamento para possibilitar o uso de transportes alternativos. Não dá para andar de bicicleta, infelizmente. Precisa se movimentar de bicicleta para qualquer lugar da cidade e em segurança.”, reivindica Helsinque. “Sabe uma coisa que me chama atenção, *Cidade (Mal) Planejada* é uma cidade nova mas que não é nenhum pouco sustentável. Isso é o mais feio para uma cidade novinha.”, adiciona ao seu comentário.

Fiquei me questionando durante a fala de Helsinque se *Cidade (Mal) Planejada* teria algum elemento citado dentro de sua cidade ideal. Resolvi perguntar a ele. “Por exemplo, Lago Sul e Lago Norte. Mais Lago Sul. É melhor. É mais organizado. Por exemplo, as avenidas são mais organizadas. As áreas novas tem muitos erros, não consigo comparar com o Jardim Botânico, por exemplo.”, explica.

Para Helsinque, o fato de *Cidade (Mal) Planejada* ser capital do Brasil espera-se muito dela e as pessoas acabam se frustrando quando se deparam com o que a cidade tem a oferecer. “Muitas coisas não tem aqui.”, inicia. “Falta internacionalizar a cidade. Só ter as embaixadas não adianta muita coisa. Eu acho que precisa ter um mercado étnico fortalecido. Um empório árabe, uma loja indiana, uma tenda marroquina. Em São Paulo tem tudo, aqui não tem. As pessoas precisam encontrar o mundo dentro de *Cidade (Mal) Planejada*. Óbvio que aqui tem os ministérios, o governo. Isso se encontra numa capital. Mas as pessoas esperam mais e ficam frustradas quando não acham. Falta quase tudo!”, fala Helsinque em tom de lamentação.

Para muitos, *Cidade (Mal) Planejada* é a representação de uma cidade moderna, garante Helsinque. “Para mim é uma contradição muito grande o título de cidade moderna e hospitais que não dão conta de atender aos moradores. É uma cidade moderna que morre muita gente nos hospitais. É difícil de engolir, entende?”, questiona. “A cidade não tem nem 70 anos. Você deveria encontrar tudo bem conservado, mas não é o que está aí. Sabe, é uma cidade nova mas o que ela oferece parece algo ultrapassado. Saúde ultrapassada, educação ultrapassada. Este é um dos problemas. Um dos.”, afirma.

Atrasado para um compromisso familiar, Helsinque me diz que tem que ir, mas queria deixar suas últimas palavras sobre *Cidade (Mal) Planejada*. “Precisa quebrar os dedos das pessoas que desenharam a cidade. Escolheram um ponto excelente. Na minha opinião ter colocado a capital aqui foi a melhor escolha. O que estragou *Cidade (Mal) Planejada*, não sei

se de propósito ou não, porque não existe algo parecido em qualquer capital do mundo o que foi praticado aqui. Escolheram elementos para estragar, como por exemplo quadras fechadas e outras não. Não dá pra entender nunca. Eu ainda não gravei quais são as quadras fechadas e eu estou aqui há 20 anos. Uma burrice muito grande. Uma área muito grande, pra fazer uma cidade muito grande. O resultado a gente vê!”, finaliza.

\*

Chegamos a décima quinta, e última, cidade do nosso roteiro de viagens. Desde já agradecemos a preferência em embarcar conosco rumo à novas descobertas. Sejam bem-vindas(os) à *Minha Brasília*. Você deve estar se perguntando: é da mesma criadora de *Minha Damasco*? E eu te digo que sim. Não julgue o sentimento de posse. A cidade em sua infinidade possibilita que exista sempre uma Brasília para chamar de minha. Neste caso, de sua. E lá vamos nós com essa questão dos pronomes. E a história fica um pouco mais complexa. Na verdade a Brasília de Bergen são duas. A já apresentada *Minha Brasília*, que é aquela das suas recordações, da sua memória, da lembrança da sua infância e juventude. E também temos a *Essa Brasília*, a capital do Brasil narrada no presente e que nada tem a ver com a cidade que arrebatou o coração de Bergen. Usaremos como meio de transporte uma máquina do tempo. Uma hora estaremos na Brasília do presente e na outra estamos passeando pela Brasília do passado.

Sobre *Minha Brasília*: sugiro andar de botas. “A *Minha Brasília* é aquela de terra vermelha.”, inicia Bergen. “Quando eu cheguei em 1963 já tinha comércio em praticamente todas as quadras. Bom, tinha escolas pública para todo mundo estudar de graça e com ensino de qualidade. Os alunos competiam ou eram melhores do que os alunos das escolas particular. Em todas as entrequadras tinha parques. Então, as criança tinha seu atrativo, seus lugar de diversão sem ter que pagar nada. Tinha segurança. Tinha tudo. Era uma cidade de terra vermelha onde já tinha tudo. Tinha as feiras livre, tinha os mercados. Tinha o cinema de verdade, não esses de shopping. Tinha tudo!”, conta Bergen, praticamente exclamando cada lembrança.

Sobre *Essa Brasília*: prepare-se para se encantar, e depois se preocupar, e depois se encantar, e depois se preocupar. É um ciclo. Me senti em uma montanha russa quando experimentei *Essa Brasília* pela primeira vez. “*Essa Brasília* é a cidade mais maravilhosa do mundo. Vista do alto não tem como não se encantar. Uma cidade linda, maravilha, mas está muito cruel, muito insegura, muito incerta. É uma cidade que causa medo, uma cidade que

temos inimigos no encalço da gente sem a gente saber. É uma cidade cheia de migrantes, sendo que a maioria é de bandidos que vem para Brasília e continuam fazendo o mal porque voltam para as suas regiões e não são encontrados porque não pagam pelo que fazem. Então, *Essa Brasília* precisa de segurança, segurança e segurança. Precisa de mais gente humana. Mas não deixa de ser uma cidade linda. Linda, linda. Ver essa cidade a noite da torre de TV é a coisa mais maravilhosa. Tenho um primo fotógrafo e ele vive fotografando *Essa Brasília*. Como essa cidade fotografa bem!”, conta Bergen com uma empolgação que fez parecer que estava falando sobre um ente querido. Bom, convivendo há mais de 40 anos juntas, não falta intimidade. “Mas falta o humano. Falta segurança. Em *Essa Brasília* tá faltando tudo!”, pondera.

Voltando uns 30 anos para trás. Se está com dúvidas, agora estamos na *Minha Brasília*. “No início essa cidade era perfeita. Antigamente a gente brincava debaixo dos blocos. Dava 6 horas juntava todas as crianças voltando da escola e aí sentava no chão e começava a conversa, andávamos de bicicleta, patins. Tudo dependia da faixa etária. Tinha o grupo que sentava para brincar, outro para conversa, tinha o grupo dos que já namoravam. Era uma cidade linda.”, comenta Bergen. Neste momento peço que todos entrem na máquina. A viagem vai ser rápida. “Hoje a insegurança domina. *Essa Brasília* é uma cidade que não podemos esperar dentro do carro debaixo do bloco porque você tem medo. Deixar o filho brincar debaixo do bloco? Nem pensar. Não tem mais o grupo de jovens que juntava debaixo do bloco.”, lamenta Bergen se preparando para retomar as narrativas sobre *Minha Brasília*, vamos viajar novamente. “Até festa embaixo dos blocos a gente fazia na *Minha Brasília*. A gente cantava parabéns, fazia comida, se divertia.”, lembra Bergen.

A narrativa com Bergen flui de maneira que não preciso fazer muitas intervenções. Na verdade eu não preciso nem terminar as frases para que ela inicie seus relatos. Quando eu começo a falar sobre o fato de Brasília ser uma cidade planejada, ela já começa a elaborar sua fala: “É uma cidade planejada. Tem gente que acha que não deu certo. Eu acho que sim. Tem as quadras. Ai tem as residências, o comércio, as escolas e os parques. Tá tudo certo. O que atrapalhou foi a migração em massa para a cidade. Ela não estava preparada para receber essa gente toda, isso atrapalhou muito. O político maldoso quis superpopular Brasília pra poder se dar bem nas eleições. A mente de Juscelino foi perfeita quando ele fez Brasília. O que desandou foram as mente dementes.”, reflete. “A *Minha Brasília*, que é a cidade da mente de Juscelino, é perfeita. Tinha a Asa Sul, depois fez a Asa Norte. Tinham os eixos. Tinha as escolas de música na parte de baixo que não se confundiam com as de cima. Tinha os clubes

onde a gente frequentava os mesmos clubes. Os clubes em *Minha Brasília* até o lugar que eu sentava, ninguém nunca cheguei e estava sentada no meu lugar. Em *Essa Brasília* se eu chego no clube e alguém tiver sentado no meu lugar e eu for falar qualquer coisa eu vou ouvir: ‘Se manca. Qualé coroa?’. Em *Minha Brasília* as pessoas respeitavam, as crianças respeitavam.”, acrescenta Bergen e em seguida complementa: “Eu lembro que nós frequentávamos o *Cota 1000*. Então, a gente ficava muito perto da quadra de vôlei porque meu marido jogava vôlei. Então aqui a gente sentava e ali tinha as cariocas. Uma vez eu me lembro como se fosse hoje. A minha cunhada chegou e falou: ‘por que a gente não senta ali?’. Aí eu respondi pra ela: ‘Porque ali é o lugar das carioca’. Cada canto tinha lugares determinados por si.”.

Ao transitar com frequência entre *Minha Brasília* e *Essa Brasília*, quis saber ao certo quais mudanças nossa narradora pôde notar. “Olha, são mudanças graduais. De décadas em décadas, eu diria. O que eu percebo é que a medida que a *Minha Brasília* se transforma em *Essa Brasília*, ela perde a essência da sua origem. É uma perda grande, uma perda violenta. Por quê? Porque se plantou na cidade a insegurança, a violência, o egoísmo. Coisas que não existiam antigamente porque o povo era mais igual. E tudo isso vem da falta de segurança. Ela é a grande vilã, se assim podemos dizer!”, analisa Bergen. “Quando eu viajo para fora e volto, o que mais me choca é ver a má conservação da cidade. Todos os lugares. Saindo do aeroporto você já percebe. É bueiro entupido. É engarrafamento. Se tiver chovendo, é o caos. A cidade para.”, acrescenta.

Espero que não esteja exaustivo. Entramos na última rua. Agora nossa guia vai fechar a narrativa sobre a capital do país apresentando as singularidades que ela enxerga na cidade. “Sabe uma das coisas que só tem aqui?”, ela pergunta. “É o que eu estou querendo saber!”, brinco. “Essa amplitude. Só de chegar você já sente essa amplitude. Uma cidade aberta, uma cidade clara. Essa Brasília é uma cidade organizada no seu trânsito. Não estou falando dos motorista. Estou falando das ruas, das avenidas, as vias. A sinalização é incrível. A centralização dos ministérios, do comércio, dos órgãos do governo, dos clubes. Essa organização é algo inédito no mundo. É algo nosso!”, prepara Bergen antes de finalizar sua fala: “Quero finalizar com essa reflexão que eu faço depois da nossa conversa. Lá (*Minha Damasco*) ou aqui (*Minha Brasília*). Tanto faz. Eu sou sempre estrangeira. Lá eu não falo árabe perfeitamente como um sírio, acham que sou da *Jordanha*. Aqui, eu falo bem o português, muito bem. Mas meu sotaque e minha fisionomia dizem que não sou daqui. Sou

vista como estrangeira na *Minha Damasco*, cidade que me viu nascer. Sou vista como estrangeira na *Minha Brasília*, cidade que eu praticamente vi nascer!”, finaliza Bergen.

#### **4.2 Considerações finais**

Para entendermos as Brasília que acabamos de visitar é necessário, ao menos, tentar compreender o que seus respectivos narradores esperam que elas sejam. Revisitá-las, enquanto transcrevo os relatos, me trouxe a ideia de utilidade. Brasília é o local de recomeço destes imigrantes e eles esperam que ela lhes sejam útil. O desenho arquitetônico com ares de modernismo não constavam nas primeiras impressões. Se você quer saber algo sobre Brasília, saiba que viver aqui tem um custo alto. Que as oportunidades são escassas. Que seus signos e códigos são tão distintos que até mesmo para um brasileiro decifrar é uma manobra arriscada. Se você quer saber daqui, a cidade não tem sido útil. Bom, e a arquitetura? Ela é diferente de tudo que já visto. E no caso das narrações, não pareceu ser algo favorável para a maioria. Para quem está acostumado a morar numa capital milenar, o ar de velho espantou vindo de uma capital que está ainda distante de ver seu centenário.

Sobre as formas particulares de organização da cidade, Holston (1993)<sup>91</sup> já tinha anunciado a morte da rua e suas consequências, inclusive as ausências de encontros que uma não-esquina traria. Brasília exige uma resignificação das formas de relações e interações. O questionamento a respeito do 'pra quem a cidade foi planejada' também foi recorrente neste capítulo. Assim como a construção de uma divindade intocável que é materializada no mito do planejamento. A cidade (mal) planejada, que encontra-se estagnada em sua criação porque não se preparou para as mudanças.

“[...] a descoberta de que Brasília é uma cidade sem esquinas leva a uma profunda desorientação”  
(HOLSTON, 1993, p.109)

Para quem é de fora mas está aqui desde o começo, é a cidade saudade. A Brasília que encontra-se viva na memória, mas que não condiz com a materialidade do presente. Talvez surja daí a dificuldade em chamar de *minha* a cidade que nada se parece com as lembranças do que era, e do que gostaria que ainda fosse. Calvino (2003)<sup>92</sup>, já contava que algumas cidades pareciam ficar presas no passado, como um postal. A realidade se mostrava

---

<sup>91</sup> **HOLSTON, J.** A Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia/ James Holston; Tradução Marcelo Coelho.- São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>92</sup> **CALVINO, I.** As cidades invisíveis. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de SP, 2003.

totalmente diferente do que a imagem fixada e imutável à passagem de tempo. Sentir que a sua cidade talvez não utilize mais um pronome possessivo na primeira pessoa e, então, passa a ser de outros, ou de ninguém, ou de todos, faz com que procuremos desculpas, ou culpados, para não aceitarmos os elementos que fogem do domínio da memória, do domínio das palavras.

Por fim, é a cidade que lhe abriga mas não lhe pertence. É a cidade estrangeira a ser desbravada. É a capital que, só por este título, é carregada de imaginários, que ao serem levados a prova causam um misto de sensações. É compreender que estas cidades são reconstruídas a partir das experiências e vivências de pessoas que entendem suas condições como *os de fora*, e que também utilizam das experiências e vivências em suas cidades de origem para ressignificar os processos enfrentados no presente.



## Reflexões Finais

Kublai Khan percebera que as cidades de Marco Polo eram todas parecidas, como se a passagem de uma para a outra não envolvesse uma viagem mas uma mera troca de elementos. Agora, para cada cidade que Marco lhe descrevia, a mente do Grande Khan partia por conta própria e, desmontando a cidade pedaço por pedaço, ele a reconstruía de outra maneira, substituindo ingredientes, deslocando-os, invertendo-os. (CALVINO, 2003, p.45)<sup>93</sup>

### .1 Uma introdução à conclusão

Queria começar este final dizendo que se você fez uma leitura cronológica desta dissertação, provavelmente partiu do início das *Notas Introdutórias*. Nesta parte do texto eu afirmo que a introdução para mim, e também para uma grande parcela da população mundial, era a parte mais difícil de ser feita. Sentado escrevendo estas considerações finais, eu repenso minha opinião. Como ser passível de mudanças e evoluções digo que a experiência me levou a creditar à conclusão o título de parte de uma dissertação mais difícil de ser escrito. Depois de tanto tempo escrevendo, pensando, reflexionando e analisando as mais diversas situações, me perguntei: “O que mais tenho para escrever? Será que já não disse tudo? Como fechar este trabalho?”. Se você pensou isso, bem-vinda (o) ao clube. Ah, e não se preocupe. Assim como nós nos encontramos, acredito que existem mais pessoas na nossa situação.

Prossigo partindo da premissa de Zeca Pagodinho, com as devidas adaptações, que devemos deixar a escrita nos levar. Então, se está aqui esperando um manual, não achará. Mas se vale de conselho, não pesquise *Como escrever uma conclusão/consideração final* no Google. Já lhe adianto que existe inclusive discussões entre a diferença de se escrever uma conclusão e de se escrever as considerações finais. A esta altura do campeonato, o debate não ajuda muito. Contudo, se você ficou curioso eu adianto que enquanto o primeiro traz o sentido de algo acabado, finalizado, a segunda traz a ideia de algo em construção, passível de mudanças e contestações. Há instituições que defendam o primeiro termo e há instituições que defendam o segundo. Neste trabalho apostamos no terceiro.

Chamar de Reflexões Gerais não tem nada a ver com estar em cima do muro. É apenas uma questão de estilo, diriam os mais descolados. Ao meu ver, é tirar o peso de trazer

---

<sup>93</sup> CALVINO, I. As cidades invisíveis. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de SP, 2003.

um resultado como fechamento, e abrir para as possibilidades de se pensar e refletir a partir do que foi entregue nas páginas anteriores. Seja como for, chegamos até aqui certos de que este não é o limite final das nossas cidades e que muitas outras descobertas serão feitas a partir deste ponto de partida. Vamos subdividir os pontos encontrados ao longo da dissertação em tipologias que acreditamos ser coerentes.

## **.2 As múltiplas cidades**

Se você livrasse sua imaginação de todas as amarras e limites, você saberia me dizer quão longe ela seria capaz de ir? A tentativa inicial era conduzir nossos narradores a realizarem grandes vôos e, uma vez que estejam em grandes altitudes, (re) construiriam questões urbanas a partir da vista privilegiada. É necessário entender que, assim como na física, tudo depende do ponto referencial. Todos olham de cima, mas, enxergam somente o que querem ver. O ideal que busquei compreender era o desejo e o sonho daquilo que gostariam de vivenciar.

Em Calvino (2003), os narradores das cidades, por vezes, trazem um olhar mais distante no primeiro momento, até que começam a se envolver e por fim, este olhar toma uma marca pessoal a medida que o seu desejo assume as rédeas da condução da observação. Em outros casos, as cidades estimulam os desejos e resgatam os sonhos de seus narradores, escondendo determinados pontos e floreando aqueles que vão de encontro aos anseios de quem as narra. Ainda em consonância com Calvino (2003), o desejo dos indivíduos vai de encontro justamente ao que não podem ter, o desejo estaria intimamente ligado à insatisfação humana e todas as cidades, frutos destes desejos, teriam seus desertos. Há uma relação de interdependência entre a cidade imaginada, a cidade desejada e a cidade materializada, a inexistência de uma implicaria o fracasso das outras. Através das narrações de Marco Polo, Calvino (2003) defende que as cidades imaginárias são extremamente necessárias às cidades materializadas, tendo em vista que o imaginário complementaria o real e traria harmonia e sentido para as formas do espaço. Não podemos ignorar o fato de que a vida em sociedade muitas vezes produz um sentimento de partilha, e isso é compreendido nos elementos que muitas vezes se repetem na busca de uma cidade sonhada, como a necessidade de segurança, de moradia, de trabalho.

A organização aparece pelo menos uma vez em cada relato. Os colaboradores desta pesquisa olhavam para a cidade e desejavam ver uma ordem, uma divisão definida, um

trânsito bem planejado. Segundo Park (1967)<sup>94</sup>, as cidades possuem dois tipos de organização: física e moral. Ambas agem mutuamente, num ciclo que consistem em moldar e ser moldada uma pela outra. Existiria um planejamento da cidade que estabeleceria limites e fixaria as localizações e as formas das construções inerentes a determinado tipo de cidade, que por fim, teria como resultado esperado uma arrumação ordenada do ambiente urbano e da vida na cidade.

Outra questão frequente era a associação da cidade ao ambiente de trabalho. A cidade é o local onde deve-se ter trabalho para todos, onde o dinheiro circula, onde troca-se o monetário por produtos. A cidade como berço e materialização do sistema capitalista. Entretanto, para Simmel (1967)<sup>95</sup>, as constantes trocas realizadas no seio da cidade, enxergada por ele como o centro de uma economia monetária, local propício para a circulação de mercadores e o intercâmbio de dinheiro, trariam como consequência o aparecimento de indivíduos utilitaristas, individualistas. De acordo com Januzzi (2016, p.184)<sup>96</sup>, “os espaços urbanos estariam condenados a servir à lógica do capital e, por isso, contrárias ao que via como ideal para a vida urbana. Sua organização sendo uma expressão de anseios produtivos e de consumo, não haveria espaço para o lazer, para o desfrute e para a convivência pública”.

“Não seria cidade se não existissem as construções”, me disse um dos narradores. Enxergam a cidade como expressão de seus edifícios, seus emaranhados de ferro e concreto, seus equipamentos que atendem as necessidades daqueles que a desbrava. Também resgato a ideia da cidade como dotada de espírito, a cidade como local vivo e que abriga vida. Local de interações, de contato, de produção de relações entre indivíduos e relações entre o urbano e seus moradores. A cidade enxergada como aquela que molda a vida de seus moradores e que é moldada e redesenhada por quem nela mora. Park (1967), apontava para esta dualidade existente ao trazer a cidade não somente como um mecanismo físico mas também como um local fruto da natureza humana. As construções, os processos sociais e todos os dispositivos e mecanismos da cidade funcionariam, segundo o autor, de uma forma orgânica.

---

<sup>94</sup> **PARK, R. E.**, 1967. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. *In:* VELHO, Otávio Guilherme (Org.) - O Fenômeno Urbano-Zahar, RJ, 1967.

<sup>95</sup> **SIMMEL, G.**, 1967. “A metrópole e a vida mental”. *In:* VELHO, Otávio Guilherme (Org.) - O Fenômeno Urbano-Zahar, RJ, 1967.

<sup>96</sup> **JANUZZI, V. P.**. O céu e a terra: o Setor Noroeste e seus primeiros moradores. 2016. 190 f., il. Dissertação (Mestrado em Antropologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

Como formas da subjetividade do pensamento humano, nossos narradores projetam cidades para todas e todos, sendo que no fundo, estas simbolizam suas vontades individuais e supririam ao máximo um agrupamento de semelhantes. Talvez seja por isso que vimos cidades ideais que frisam a liberdade de crença mas que são a reprodução de cidades sagradas do islamismo em que não há abertura religiosa. Ou a cidade que vá de encontro aos valores éticos, morais e tradicionais que nada mais são do que a construção de um local puramente voltado aos cristãos, onde seus dogmas seriam exacerbados e vangloriados. Se a memória é seletiva e os desejos estão ligados as lembranças, produzimos signos de cidades que são representações individuais mas que insistimos em dar a elas um caráter geral.

As cidades são representações não só dos desejos de nossos interlocutores, mas também de suas interações e experiências. A proposta de (re) construir locais a partir do discurso destes migrantes possibilitou a compreensão quase concomitante do sentido que estes indivíduos dão para suas práticas e vivências urbanas. E com isto, percebo uma naturalização dos processos sociais voltados para a questão do urbano por parte de meus colaboradores, onde em sua grande maioria atribuem a cidade e a sua força catalizadora a causa de fenômenos, extinguindo de suas narrativas ações externas que influenciariam diretamente nas formas citadas. As narrativas são muito mais do que palavras e histórias. Elas guardam em si quantas cidades nossos narradores já visitaram e o sentido e a experiência produzida em cada uma dessas visitas. As cidades narradas são aquelas vividas, visitadas, que imaginadas e retornadas, são os lugares percorridos na procura de si e na busca de um sentido.

Ao propôr tratar de formas ocultas acabo, por finalidade, tratando de especulações que dão vida a realidades subjetivas, frutos dos sentidos produzidos e vivenciados. E por mais luz que as narrativas joguem sobre as formas ocultadas das cidades, elas nunca acabam de dizer o que se tem para contar sobre as cidades. As cidades guardam em si novas cidades que são fruto do que ainda não disseram sobre elas.

Ter morado em uma capital provocou um imaginário a respeito do que encontrariam quando desembarcassem em Brasília. É a Fedora, cidade descrita por Calvino (2003), fruto de olhares visionários que por mais que planejassem ignoraram o fato que ela iria crescer e se transformar em uma provavelmente velocidade que também foi negligenciada. É a capital moderna fadada à reprodução da divisão de classes, à segregação e à replicação das

desigualdades encontradas no Brasil, tal qual descreve Holston (1993)<sup>97</sup>. São os projetos arquitetônicos modernos e contemporâneos que não se igualam aos monumentos milenares encontrados nas cidades de origem. Brasília é a cidade voltada para dentro, onde os moradores são levados a não conhecerem uns aos outros. E talvez nisto Brasília se assemelhe às grandes cidades analisadas por Wirth, Simmel e Park, marcadas pelo enfraquecimento de determinadas relações, das interações e pelo crescente culto ao individualismo. As brasílias contadas tiveram um toque de ilha da fantasia, a cidade da alta renda *per capita* e da baixa oferta de emprego, dos baixos salários e das longas horas de jornada.

Ter escolhido trazer Damasco para a narrativa comprovou como o campo direciona e transforma alguns pontos iniciais da pesquisa. Neste ponto da pesquisa trouxemos adjetivos às damascos invisíveis que iam de encontro as tipologias de cidades *memória, afeto, passado, saudade*. Ancoradas na nostalgia, elas permitiram uma viagem ao passado de nossos narradores, uma viagem direto às lembranças. Estar, ouvir e vivenciar os relatos me proporcionou quase que uma viagem à barco, tamanho era a quantidade de lágrimas que formavam, marejavam e as vezes escorriam pelos olhos de nossos narradores. Não era somente por ser uma cidade edificada a milênios, Damasco é uma cidade do passado porque é a cidade do passado de nossos interlocutores, é a cidade da infância, dos antepassados, é a cidade deles.

Ao buscar os objetivos e metas traçados no projeto que originou este trabalho, vejo que caminhamos, percorremos uma longa estrada, mas o destino final ainda está distante. Vejo-o ao longe, mas não sei ao certo se é exatamente ele ou apenas uma parada para beber uma água, descansar, abastecer e voltar a estrada, que por nós é construída concomitantemente enquanto é pisada. Assim enxergo a jornada acadêmica e suas trilhas. Construimos o percurso a medida em que por ele percorremos.

Chego ao fim deste ciclo entendendo que sim, as cidades são realmente infinitas em suas possibilidades. No capítulo 2 entendi que o conceito de cidade, assim como a sua expressão e forma, é contínuo e inacabado nas suas potencialidades narrativas. Que bases parecidas produzem lugares completamente distintos. Que as cidades ideais são realmente condizentes com os sonhos de quem as narram e que a busca por características parecidas nunca desaguam no mesmo lugar, existem adjacentes, bifurcações, que comprovam que sim,

---

<sup>97</sup> **HOLSTON, J.** A Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia/ James Holston; Tradução Marcelo Coelho.- São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

as cidades são subjetivas, são expressões de vivências, do modo como passamos por elas, da forma que por ela somos modificados e a ela modificamos. Em seguida, no capítulo 3, ao conhecer as Damascos que me eram possíveis, pude confirmar o apelo e a influência da memória na construção e reconstrução de uma cidade, selecionando as partes e fragmentos que dariam forma a um local digno de cartão postal, e excluindo da narrativa tudo aquilo que poderia manchar de certa forma o relato e a forma como as lembranças eram e seriam recuperadas. Ambas as damascos narradas possuem um caráter cosmopolista, onde o mundo é encontrado em seu comércio e suas ruas, além de inúmeras vezes tratarem de sua privilegiada localização geopolítica, que influencia diretamente na sua escolha como capital e centro *do Mundo Árabe*. Por fim, no capítulo 4, chegamos ao local onde todos estavam naquele momento. A cidade que em meio a todas as críticas, lhes dera abrigo e uma nova chance. A cidade moderna com ares de antigo. Não tem um século de vida, mas parecia ter congelado no tempo segundo as narrativas. A capital do Brasil que eram capitais, e que pareciam distintas a cada relato. O provinciano pintado e pregado como cosmopolita. Outro ponto a ser detalhado é: De que Brasília falavam? Quando perguntados, todos incluíam as Regiões Administrativas dentro de suas Brasília. O discurso mostrou que a experiência e a vivência destes imigrantes em relação a capital do Brasil estava ligado ao Plano Piloto, e conseqüentemente, buscavam representar e dar sentido, então, a uma parcela territorial de um todo inicialmente proposto por eles.

Eu, migrante interno em Brasília, fiquei surpreso ao me deparar com reconstruções totalmente diferentes das formas e impressões que eu atribuía à cidade. Se você me perguntar se o objetivo da pesquisa foi alcançado, eu diria que a resposta está contida no relato pessoal acima. Só foi possível enxergar as cidades invisíveis a partir da observação e da narração individual de cada indivíduo, sendo, que as experiências e o referencial de cada narrador gerava uma imagem única da cidade narrada, que ganhava forma e era (re) construída após as narrações. Falamos de Brasília e Damasco, falamos do conceito de cidade. Obtivemos análises, significados e histórias de *Grande Pomar*, *Minha Damasco*, *Tem de Tudo!*, *Chadem*, *Tarek*, *Brasílias em suas múltiplas formas*, etc..

Durante os encontros coletamos materiais extras, além do áudio das entrevistas, como desenhos, fotografias, conversas. Entretanto, existem métodos específicos para a utilização destes materiais, como a produção e análise de mapas mentais, que eu não daria conta de fazer uso neste trabalho. Mas todos estes instrumentos serão trabalhados com mais calma e precisão em trabalhos futuros.

Durante as entrevistas surgiram oportunidade de coletar relatos de quem encontrava-se em campos de refugiados na Turquia, Jordânia e na própria Síria, possibilitando a (re) construção destas localidades pelo olhar e pela experiência de quem efetivamente vivenciam/vivenciaram estes lugares. Para além disto, ainda há inúmeras informações contidas no texto desta dissertação e nas entrevistas já realizadas que podem ser melhor aproveitadas em trabalhos futuros e na confecção de artigos científicos. Frisamos que a construção do marco-teórico é um processo ininterrupto, e este continua sendo trabalhado, melhorado e ampliado para as próximas produções.

Se você chegou até aqui, agradeço a companhia e espero que a viagem realmente tenha sido tão interessante e estimulante quanto prometi. Infelizmente não temos a política de devolução de tempo, mas acredito que até mesmo nas piores situações temos algo à aprender. Espero que não tenha chegado a tanto. Espero contar com sua companhia nas nossas próximas incursões. Se você gostaria de participar do nosso próximo trabalho e nos dar o seu relato a respeito das cidades invisíveis que são somente suas, nosso e-mail está espalhado pela dissertação. Se você leu somente esta parte do trabalho, terá que viajar pelas páginas anteriores. Vai ser divertido, eu garanto. Vamos viajar e você não vai nem sentir, vai ser como se não tivesse saído de casa. E não se esqueçam, se você pode imaginar ou lembrar, é porque é real.

## **Referências bibliográficas**

ARAGÃO, L.T..Perspectivas de Ocupação do Cerrado na Região de Brasília ou Notas para uma Antropologia do Sertão. Anuário Antropológico/72. Brasília: 1988.

ALVES, L. R.. A cidade invisível, de Calvino: os modos de organizar e visibilizar o vivível. Estudos Avançados (USP. Impresso), v. 29, p. 327-340, 2015.

AQUINO, F. M. S.. O uso da narrativa na pesquisa com o cotidiano. In: XXII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte Nordeste - EPENN, 2014, Natal|RN. PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NO NORTE E NORDESTE: produção de conhecimento, assimetrias e desafios regionais.. Natal: Editora da UFRN, 2014. p. 1-11

BARROS, José D'Assunção. Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a pesquisa histórica. Mouseion (UniLasalle), v. 12, p. 129-159, 2012.

BECKER, Howard. A escola de Chicago. Mana, Rio de Janeiro , v. 2, n. 2, p. 177-188, Oct. 1996 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93131996000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200008&lng=en&nrm=iso)>. access on 18 Oct. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131996000200008>.

BLUMER, H. . Sociological implications of the thought of George Hebert Mead. American Journal os Sociology. 1996. 525 – 544 p.

BOSI, E.. Memória e sociedade, lembranças de velhos.13.a edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 484 p.

BULMER, Martin. The Chicago School of Sociology: Institutionalization, diversity, and the rise of sociological research. The University of Chicago Press. London. 1984.

BULMER, Martin. A Escola de Chicago de Sociologia: O Que a Tornou uma Escola? Tradução de Mario Eufrásio. (Publicação original sob o título “The Chicago School of Sociology: What Made It a ‘School’?” – In.: History of Sociology: An International Review – vol. 5, nº 2, Spring 1985)

BURGESS, Ernest W. O crescimento da cidade: Uma introdução a um projeto de pesquisa. Tradução de Raoni Borges Barbosa. Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia, v.1, n.2, p. 61 - 70, julho de 2017. ISSN 2526-4702



BRASIL, Emmanuel de Nazareth. Migração Síria contemporânea: da partida a (re)inserção. 2017. 83 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

CASTRO, G. De. Espaços e Afetos Intermitentes do Imaginário - As Cidades Invisíveis de Ítalo Calvino. Esferas., V.3, N. 4, p. 157-166, 2014.

CALVINO, I. As cidades invisíveis. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de SP, 2003.

CALVINO, I. Seis propostas para o próximo milênio. Visibilidade. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COELHO, C. Utopias urbanas: o caso de Brasília e Vila Planalto. Cronos. Natal, v. 9, n. 1, p. 65-75, jan./jun. 2008. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742007000300005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000300005&lng=en&nrm=iso)>. access on 19 Oct. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005>.

COSTA, Renata Parpolov. Uma história da Síria do século XXI para além do sectarismo religioso. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Árabes) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.8.2016.tde-24082016-153949. Acesso em: 2018-10-15.

COSTA, E. B.; PELUSO, M. L. . Imaginário urbano e 'situação territorial vulnerável' na Capital do Brasil. Biblio 3w (Barcelona), v. XXI, p. 1-36, 2016.

COULON, A. A Escola de Chicago. Campinas, SP: Papyrus, 1995

DURAND, J.; LUSSI, C. .Metodologia e Teorias no Estudo das Migrações/Jorge Durand; Carmem Lussi. Jundiaí, Paco Editorial: 2015.

DUTRA, Delia. MIGRAÇÃO INTERNACIONAL E TRABALHO DOMÉSTICO Mulheres peruanas em Brasília. Brasília: CSEM; Sorocaba, SP: OJM, 2013, 352 p.

EUFRASIO, M. A.. A Formação da Escola Sociológica de Chicago. In: PLURAL – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, nº 2, 1995, p 37-60.

EUFRASIO, M. A. . Estrutura Urbana e Ecologia Humana: A Escola Sociologica de Chicago (1915-1940). 1ª. ed. São Paulo: Editora 34, 1999. v. 1. 304p .

EUFRASIO, M. A. .A Escola de Chicago de Sociologia: Perfil e Atualidade. In: Lucena, Célia Toledo; Campos, Maria Christina Siqueira de Souza. (Org.). Práticas e Representações. São Paulo: Humanitas/CERU, 2008, v. 1, p. 13-27.

FRAIZER, E.F. The Negro family in Chicago. Chicago, University of Chicago Press, 1932, 194 p.

FREYRE,G. . Sociologia: introdução ao estudo de seus princípios. Rio de Janeiro; São Paulo, Ed. José Olympio, 1967 (1ª Edição: 1945).

JANUZZI, V. P.. O céu e a terra: o Setor Noroeste e seus primeiros moradores. 2016. 190 f., il. Dissertação (Mestrado em Antropologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

JOSÉ CONCEIÇÃO, Silvio. Cidades 'italianas' ou a comple(x)cidade em Italo Calvino. Arquitectos (São Paulo. Online), v. 060, p. 304, 2005.

GOLD, R.I.. Roles in sociological field observation. Social Forces. 1958. 217-223 p.

GONÇALVES, T. V. O.; NARDI, R. . Aspectos epistemológicos da pesquisa narrativa presentes em teses e dissertações sobre formação de professores na área de Educação em Ciências e Matemáticas, no período de 2000 a 2012. In: Terezinha Valim Oliver Gonçalves; France Fraiha-Martins. (Org.). SABERES DOCENTES EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICAS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA: PESQUISA, ENSINO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES. 1ed.São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017, v. 1, p. 1-16.

GOUVÊA, L.A.C.. Brasília: A Capital da Segregação e do Controle Social. São Paulo: Annablume, 1995. 160 p.

HAJJAR, Babel. Para ler a guerra na Síria: a construção do consenso na cobertura da mídia global. 2016. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100134/tde-20122016-213406/>>. Acesso em: 2018-10- 15.

HALBWACHS, M. *A Memória coletiva*. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

HOLLINGSHEAD, A.B. . “Migração e mobilidade.” In: PIERSON, Donald (org.) Estudos de ecologia humana: leituras de Sociologia Antropologia Social. 2da. edição. Tomo I. SP: Livraria Martins Editóra, 1948.

HOLSTON, James. A Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia/ James Holston; Tradução Marcelo Coelho.- São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

KNOWLTON, Clark S. Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial. São Paulo: ANHAMBI, 1955.

MACHADO, Lia Zanotta; MAGALHÃES, Themis Quezado. Imagens do espaço: imagens de vida. In: BICCA, Paulo; PAVIANI, Aldo. Brasília, ideologia e realidade: espaço urbano em questão. São Paulo, SP: Projeto Editores Associados, Brasília, DF: CNPq, 1985, p. 191-214.

MARCONI, M. de A. LAKATOS, E. M. Metodologia Científica. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MAGNANI, J.G.. Da periferia ao centro, cá e lá: seguindo trajetos, construindo circuitos. Anuário Antropológico II|2013, p.53-72, 2014.

McKENZIE, R. D.. “Matéria-objeto da Ecologia Humana”. In: PIERSON, Donald (org.) Estudos de ecologia humana: leituras de Sociologia Antropologia Social. 2da. edição. Tomo I. SP: Livraria Martins Editóra, 1948.

MONTEIRO, E. Z.. Cidades Invisíveis Visitadas: Uma leitura de Ítalo Calvino para compreender a paisagem urbana. Vitruvius, v. ano 08, p. 085.02, 2009.

NOGUEIRA, M. A. L. . A cidade imaginada ou o imaginário da cidade. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 1998, vol.5, n.1 [cited 2020-01-08], p.115-123.

NORA, P.. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. p.7-28, 1993.

NUNES, B. F. . Fragmentos Para Um Discurso Sociológico Sobre Brasília. In: Nunes, B. F.. (Org.). BRASÍLIA: A CONSTRUÇÃO DO COTIDIANO. 1ed. BRASÍLIA: PARALELO 15, EDITORA, 1997, v. , p. 1-302.

NUNES, B. F. . Brasília na rede das cidades globais: apontando uma tendência. Sociedade e Estado (UnB. Impresso) , v. 29, p. 941-961, 2014.

NUNES, B. F. . As Ciências Sociais e a Cidade. *Sociedade e Cultura (Online)* , v. 15, p. 443-447, 2012.

OGBURN, W. *Social change: With respect to the culture and original nature*, Nova York, B.W.Huebsch, 1922, 366p.

OLIVEIRA, Márcio de. O Tema da Imigração na Sociologia Clássica. *Dados*, Rio de Janeiro , v. 57, n. 1, p. 73-100, Mar. 2014 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582014000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582014000100003&lng=en&nrm=iso)>. access on 20 Oct. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52582014000100003>.

OLIVEN, RG. *Urbanização e mudança social no Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2010. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

PARK, Robert Ezra ,1948. “Ecologia Humana”. *In: PIERSON, Donald (org.) Estudos de ecologia humana: leituras de Sociologia Antropologia Social*. 2da. edição. Tomo I. SP: Livraria Martins Editóra, 1948.

PARK, Robert Ezra ,1967. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. *In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.) - O Fenômeno Urbano-Zahar*, RJ, 1967.

PESAVENTO, S. J.. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.. *Revista Brasileira de História*, v. 27, p. 7-23, 2007.

PAVIANI, A. . *Brasília: Cidade e Capital. Brasília: a Construção do Cotidiano*, Brasília, v. 1, p. 37-68, 1997.

PIERSON, D.. *Teoria e pesquisa em Sociologia*. SP: Edições Melhoramentos, 1945.

PIERSON, Donald (org.) *Estudos de ecologia humana: leituras de Sociologia Antropologia Social*. 2da. edição. Tomo I. SP: Livraria Martins Editóra, 1948.

QUINN, J..A. “Ecologia Humana e Ecologia Interacional”. *In: PIERSON, Donald (org.) Estudos de ecologia humana: leituras de Sociologia Antropologia Social*. 2da. edição. Tomo I. SP: Livraria Martins Editóra, 1948.

RIBEIRO, Gustavo Lins. O Capital da Esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

RICOEUR, P. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

RUFATO, Marcela de Andrade. Imigração e relações raciais na cidade moderna: a teoria social de Louis Wirth. 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/D.8.2010.tde-10022011-102435. Acesso em: 2018-10-16.

RUSSI, Pedro. . Meios de comunicação na migração. Uruguaios no Sul do Brasil. 1. ed. Porto Alegre: ENTREmeios, 2010. v. 500. 346p .

SANT'ANNA, Maria Josefina Gabriel. A concepção de cidade em diferentes matrizes teóricas das ciências sociais. In: Revista do Rio de Janeiro, n. 9, jan./abr. de 2003. p. 91 - 99.

SANT'ANNA, M.J.G.. A cidade como objeto de estudo: diferentes olhares sobre o urbano. Revista Com Ciência, publicado em: 20/03/2002. Disponível em:<<http://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/cidades/cid24.htm>> Acessado em: 20 de novembro de 2019, às 20h30min.

SANTOS, J. . Desarrollos metodológicos de la Escuela de Chicago. In: Perspectivas Metodológicas, ano 8, nº 8, 2009. P.53-66.

SIMMEL, Georg, 1967 . “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.) - O Fenômeno Urbano-Zahar, RJ, 1967.

SIMMEL, G. O Estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org.). 1983. Simmel – Sociologia. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 34. p.182- 188.

SILVA, N.G. AS CIDADES INVISÍVEIS E A MEMÓRIA:: UM ESTUDO SOBRE ESPAÇO, TEMPO E IMAGINAÇÃO NA NARRATIVA DE ÍTALO CALVINO. Orientador: Fabricia Wallace Rodrigues. 2018. 115 p. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Programa de Pós-graduação em Literatura (PósLit), Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

SILVA, A. C. O. . Para uma Cartografia Imaginária. Orientador: Eduardo Fernandes. 2013. 143 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Escola de Arquitectura, Universidade do Minho, Braga, 2013.

SOUSA, M. G. S. ; CABRAL, C. L. O.. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores - ISSN: 2317-109X (Online) - ISSN: 0103-7706 (Impressa)- ISSN. Revista Horizontes, v. 33, p. 149-158, 2015.

SPINK, M. J. P.; GIMENES, M. G. . Práticas Discursivas e Produção de Sentido: Apontamentos Metodológicos Para A Análise de Discursos Sobre Saúde e Doença. Saúde e Sociedade (USP. Impresso), SÃO PAULO, v. 3, n.2, p. 149-171, 1996.

SPINK, M.J.P. e MEDRADO, B. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane (org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 1999.

STONEQUIST, E.V.. O homem marginal: Estudo de personalidade e conflito cultural.. Livraria Martins Editôra S.A., 1948 - 245 p.

THOMAS, William I.; ZNANIECKI, Florian. El Campesino Polaco em Europa y en América. Madri: Boletim Oficial del Estado/Centro de Investigaciones Sociológicas, 2004. 422 pp.

TRUZZI, Oswaldo. De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo. In: Série Imigração, IDESP, São Paulo: Sumaré, 1991.

VELHO, Otávio Guilherme (Org.) - O Fenômeno Urbano-Zahar, RJ, 1967.

VIDAL, Laurent. De Nova Lisboa a Brasília: a invenção de uma capital (séculos XIX-XX). Trad. Florence Marie Dravet. Brasília: UnB, 2009. 352 p

VILELA, E. M. (2002), Sírios e libaneses e o fenômeno étnico: manipulações de identidades. Belo Horizonte, dissertação de mestrado, UFMG.

WIRTH, Louis, 1956. The Ghetto. Chicago: University of Chicago.

WIRTH, Louis. 1967. "O urbanismo como modo de vida". In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.) - O Fenômeno Urbano-Zahar, RJ, 1967.

YOUNG, P. T. The pilgrims of russian-town, Nova York, Russell & Russell. 1932, 296 p.

